

Christiane Miranda Buthers

**EMERGÊNCIA DA ORDEM [XP V (DP)] NO PB
CONTEMPORÂNEO E O PARÂMETRO DO SUJEITO
NULO: UMA ABORDAGEM MINIMALISTA**

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2009

Christiane Miranda Buthers

**EMERGÊNCIA DA ORDEM [XP V (DP)] NO PB
CONTEMPORÂNEO E O PARÂMETRO DO SUJEITO
NULO: UMA ABORDAGEM MINIMALISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudos em Sintaxe Formal

Orientador: Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2009



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Dissertação intitulada “*Emergência da ordem [XP V (DP)] no PB Contemporâneo e o Parâmetro do Sujeito Nulo: uma abordagem minimalista*”, de autoria da mestranda Christiane Miranda Buthers, submetida à aprovação pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte – FALE/UFMG – Orientador

Profa. Dra. Maria Eugênia Lamoglia Duarte – UFRJ

Profa. Dra. Jânia Martins Ramos – FALE/UFMG

Profa. Dra. Evelyne Jeanne A.A. M. Dogliani – FALE/UFMG – Suplente

Belo Horizonte, 21 de agosto de 2009
Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – 31270-901 – Brasil – tel.: (31) 3499-5492

*Aos meus queridos filhos,
Guilherme e Gabrielle,
Inspirações da minha vida.*

AGRADECIMENTOS

O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e **PESSOAS INCOMPARÁVEIS.**

Fernando Pessoa

A Deus, pela infinita bondade, por seu grandioso amor por mim, permitindo-me concretizar mais este sonho em minha vida...

Ao meu marido, Carmindo Júnior, pelo companheirismo, amor e compreensão. Por ter estado sempre ao meu lado, incentivando-me a crescer...

Aos meus amados filhinhos, Gui e Gabi, por terem permitido que eu usasse de um tempo que era exclusivamente para eles, em prol do meu crescimento profissional...

Ao meu querido orientador, Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte, um agradecimento especial: pelo interesse, dedicação, preocupação e entusiasmo... Obrigada, professor, por todas as palavras de incentivo, pelas sugestões de leitura (desde o início do curso), por acreditar que eu era capaz, pelo privilégio de aprender com você, e por ter, generosamente, dividido comigo toda sua sabedoria... Você não faz ideia do quanto eu cresci, observando o seu exemplo de professor, orientador e ser humano... Obrigada por tudo! Hoje, divido, também, com você, este trabalho. Sem sua ajuda, eu não teria chegado até aqui...

À minha querida mãe, Marlene, que abriu mão de sua vida para viver a minha. Obrigada, mãe! Sem a senhora, eu não seria ninguém...

À vovó Sélia, por nunca se esquecer de mim em suas orações...

À minha querida tia Lili, pelo amor, generosidade e pelo carinho comigo e com meus filhos. Amo a senhora, tia!

Aos meus sogros, *in memoriam*, D^a Elza Dóris e Sr. Carmindo, por toda a colaboração que me deram, pelo carinho enquanto nora, e pelo doce amor de avós dispensado ao Gui e à Gabi...

Aos meus irmãos, cunhados(as), sobrinhos(as), à Noninha, por fazerem parte da minha vida e por sempre me ajudarem nos momentos difíceis...

À Camilla, prima querida, minha outra “irmãzinha”, pelo grande afeto que nos une...

Ao meu querido cunhado Wallace, por ser tão amigo, e por encorajar-me a seguir sempre em frente. Obrigada por sempre me oferecer apoio!

Aos meus tios, por serem exemplo de estudo, e por me mostrarem que, quando se luta, tudo se conquista!

À querida amiga Zezé, pelos momentos de descontração, pelas leituras compartilhadas, pela amizade verdadeira...

À doce amiga Aninha, por ter me possibilitado concretizar esse sonho. Se não fosse o seu convite, amiga, não teria realizado este curso...

À amiga Elane, por toda ajuda e carinho...

Às queridas Fernanda e Andréia, por terem, generosamente, cedido o *Corpus* que me permitiu realizar este trabalho...

Às queridas Joana e Luciene, por terem dividido comigo momentos de tensão, de angústia, de desilusão. Amigas, estamos vencendo...

À Rosana que, apesar de pouco tempo que a conheci, deu-me todo o apoio para continuar lutando, mostrando-me que, com fé, retiramos todas as pedras do nosso caminho...

À Lírian, por toda a ajuda, carinho, incentivo... Que bom que me encorajou a reiniciar a jornada!

À doce Ceriz, pelas caronas para a faculdade, pelas conversas agradáveis, pela ajuda com o inglês, pela amizade que construímos...

À amiga Marisa, pelo apoio incondicional, pelas sugestões de textos e pela grande generosidade...

Aos grandes amigos conquistados neste curso, principalmente Isadora, Elisete, Carolina, Ricardo, Juliana, Alice, Juvanete...

A todos os professores do Poslin, principalmente ao Prof. Dr. Lorenzo Teixeira Vitral e à Profª Dra. Jânia Ramos. Obrigada, queridos mestres, por tudo que me permitiram aprender com vocês...

Ao amável Prof. Dr. Luiz Francisco Dias, pela acolhida calorosa no curso, pelos conselhos, pela simpatia, pelo carinho...

À querida e grande amiga Vandy, pela ajuda incondicional na minha vida profissional, por ceder seu tempo em prol do meu, por me dar seu ombro amigo para meus desabafos... Amigas como você são raras...

Aos amigos Elvirinha e Alessandro, por compartilharmos bons momentos na nossa fase de DOCTUM...

À Irmã Teresinha, à Neide, colegas professores e demais funcionários do Colégio Santa Teresinha, pela prova de amizade e compreensão durante todo o período do Curso...

Aos colegas, coordenação e demais funcionários do Centro Educacional de Manhuaçu, por não medirem esforços para me ajudar, torcendo sempre por mim...

Ao diretor do Centro Educacional de Manhuaçu, Walter Vargas, pela confiança no meu trabalho, pelo apoio no meu curso e pela amizade que demonstra sempre...

Às faculdades DOCTUM e à UNOPAR, pela oportunidade de trabalho no meio acadêmico...

Às amigas Vanessa e Gelda, pela generosidade nas substituições, pela amizade e carinho...

Às amigas Ivaneyde, D. Emilce e Sônia, pelas prazerosas horas juntas, e por podermos trabalhar sempre unidas... Adoro vocês!

À Secretaria Estadual de Educação, por ter me concedido licença para cursar o Mestrado...

Ao diretor João Sanches, aos colegas professores e demais funcionários da E. E. de Martins Soares, pela força e disponibilidade para ajudar...

À Didaquê, principalmente às especiais amigas Neusimar e Ineide, pela doce companhia durante sete anos de trabalho...

Ao querido e admirável Pr. Eneziel, juntamente com sua esposa, Enildes, por terem me dado o privilégio de aprender a ser uma verdadeira profissional... Obrigada pela prova de amizade nos meus “amados tempos” de Didaquê...

Ao doce Pr. Sergio, juntamente com sua esposa Marise, pela amizade, pelas orações, pelo exemplo de humildade e de caráter. Obrigada, pastor, por todo o carinho e confiança...

A todos os meus queridos alunos da Escola Normal, do CEM, do estado, da UNOPAR e da DOCTUM... É por vocês, também, que quero aperfeiçoar-me enquanto profissional...

A todos que, direta ou indiretamente, ajudaram-me a concretizar este sonho, o meu sincero MUITO OBRIGADA!!!

*Emergente é conceito elástico.
Em sociedade, é sinônimo de novo-rico.
Em economia, batiza os países cuja
explosão de desenvolvimento ainda não
os levou ao primeiro escalão mundial.
Em gramática, há também os emergentes
do idioma. São os recursos incorporados
recentemente como gramaticais, sempre
bom pretexto de desacordo entre especialistas.*

Alex Sander Alcântara

RESUMO

Esta dissertação consiste na análise da emergência da ordem [XP V (DP)], em conjunção com o fenômeno do sujeito nulo no PB contemporâneo. Um outro objetivo é investigar como o EPP é valorado. A análise demonstra que XPs, ocupando a posição de sujeito, são de natureza semântica diversificada, particularmente naqueles predicados nucleados por verbos inacusativos, impessoais e transitivos com leitura indeterminada ou genérica. Com base nesses fatos, nós concluímos que, em PB contemporâneo, a posição de sujeito precisa ser obrigatoriamente ocupada em certos contextos. Para explicar isso, nós decomparamos o EPP em dois outros traços: os traços [*u*P] e [*u*D]. Nossa proposta é que, como resultado da fraqueza do paradigma de concordância, o traço [*u*D] fica debilitado, enquanto o traço [*u*P] se torna forte em PB contemporâneo. Como um efeito colateral dessa mudança paramétrica, o PB pode ser considerado como uma língua de sujeito nulo parcial, permitindo ambos os sujeitos nulos e sujeitos obrigatórios. Nós também postulamos que a decomposição do EPP em dois traços nos habilita a explicar não apenas os dados empíricos do PB, mas também os dados de outras línguas de sujeito nulo parcial.

PALAVRAS-CHAVE: sujeito nulo, sujeito expletivo, EPP, traços [*u*D] e [*u*P], concordância, minimalismo.

ABSTRACT

This dissertation aims at the analyzing the emergency of the [XP V (DP)] order, in conjunction with the phenomenon of the null subject in the contemporary BP. Another objective is to investigate how the EPP is valued. The analysis demonstrates that the XPs, occupying the subject position, are of a diverse semantic nature, particularly in those predicates headed by unaccusative, impersonal and transitive verbs. Based on these facts, we conclude that, in contemporary BP, the subject position must be obligatory occupied in certain contexts. To explain this, we decompose the EPP in two other features: the [μ P] and [μ D] features. Our proposal is that, as the result of the weakness of the agreement paradigm, the [μ D] feature is weakened, while the [μ P] feature becomes strong in contemporary BP. As a side effect of this parametric change, BP can be considered as a partial null subject language, allowing both null subjects and obligatory subjects. We also postulate that the decomposition of the EPP in two features enables us to explain not only the empirical data of BP but also the data of other partial null subject languages.

KEY-WORDS: null subject, expletive subject, EPP, [μ P] and [μ D] features, agreement, minimalism.

QUADROS

QUADRO 1 – Paradigmas dos verbos <i>segja</i> (dizer) e <i>sjá</i> (ver), do islandês antigo e moderno	30
QUADRO 2 – Paradigma flexional do português europeu.....	37
QUADRO 3 – Evolução nos paradigmas flexionais do português brasileiro	39
QUADRO 4 – Emergência de pronomes fracos em PB contemporâneo	96
QUADRO 5 – Fatoração do traço EPP	122
QUADRO 6 – Natureza dos traços [D] e [P] nas línguas de sujeito nulo e de sujeito obrigatório	123
QUADRO 7 – Natureza dos traços [D] e [P] nas línguas de sujeito nulo parcial	127
QUADRO 8 – Natureza dos traços [D] e [P] nas línguas de sujeito nulo parcial	131

TABELAS

TABELA 1 – Retenção pronominal no período de tempo de 1725 a 1981	43
TABELA 2 – Frequência da ordem VS	69
TABELA 3 – Porcentagem de pronomes não-fortes conforme o número do verbo	97

FIGURA

FIGURA 1 - Escala de referencialidade de Cyrino, Duarte e Kato (2000)	134
-----------------------------------------------------------------------------	-----

ABREVIATURAS

Acc – Acusativo

Adv - Advérbio

Agree – Concordância à longa distância (*Long Distance Agreement*)

Agr – Concordância

AgrP – Sintagma de concordância verbo-sujeito (*Agreement Phrase*)

Aux – Auxiliar

C^o – Núcleo da categoria funcional CP

CI – Sistema conceitual-intencional

Comp - Complementizador

CP – Sintagma complementizador (*Complementizer Phrase*)

D - Determinante

D/NP – Sintagma nominal que projeta sempre uma categoria funcional DP

DP – Sintagma determinante (*Determiner Phrase*)

e – Categoria vazia

EF – Traço de margem (*Edge Feature*)

EM – Merge externo (*External Merge*)

EPP – Princípio de projeção estendida (*Extended Projection Principle*)

FL – Faculdade da linguagem (*Faculty of Language*)

GU – Gramática Universal

Infl – Flexão

IM – Merge interno (*Internal Merge*)

IP – Sintagma flexional

LF – Forma lógica (*Logical Form*)

LI – Item lexical (*Lexical Item*)

MD – Marcador discursivo
Nom - Nominativo
NP – Sintagma nominal (*Noun Phrase*)
NTC – Condição de não mudança (*No Tempering Condition*)
NURC – Norma Urbana Culta
PB – Português Brasileiro
PE – Português Europeu
P&P – teoria de Princípios e Parâmetros
PF – Forma fonológica (*Phonological Form*)
PIC – Condição de impenetrabilidade de fase (*Phase Impenetrability Condition*)
PP – Sintagma Preposicional (*Prepositional Phrase*)
Pres – Tempo presente
pro – Categoria vazia pronominal
SF – Fronteamento estilístico (*Stylistic Fronting*)
SM – Sistema sensório-motor
SMT – Hipótese Minimalista Forte (*Strong Minimalist Thesis*)
SN – Sintagma nominal
SO – Objeto sintático (*Syntactic object*)
SP – Sintagma preposicional
Spec – Posição de especificador
Spec-TP – Posição de especificador do sintagma de tempo
T^o – Núcleo da categoria funcional TP
*u*D – Traço ininterpretável de determinante
*u*P – Traço ininterpretável P (=phonological)
t – Vestígio (*trace*)
T – Núcleo do sintagma de tempo

TP – Sintagma de tempo (*Tense Phrase*)

TopP – Sintagma de tópico (*Topic Phrase*)

UG – Gramática Universal (*Universal Grammar*)

V – Verbo

VS – Ordem Verbo-Sujeito

vP – Sintagma verbal que tem como núcleo um verbo leve

VP – Sintagma verbal que tem como núcleo um verbo lexical (*Verbal Phrase*)

XP – Sintagma de qualquer natureza semântica

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1.O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO	25
Reflexões teóricas sobre o parâmetro do sujeito nulo	25
CAPÍTULO 2. O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO NO PE E NO PB	36
2.1 O parâmetro do sujeito nulo no PE e no PB não- contemporâneo	37
2.2 O acionamento do parâmetro do sujeito nulo no PB contemporâneo	41
2.2.1 Proposta de Tarallo (1993)	42
2.2.2 Proposta de Galves (1993)	44
2.2.3 Proposta de Lamoglia Duarte (1993, 2003)	46
2.2.4 Proposta de Kato (1999)	53
2.2.5 Proposta de Nicolau (1995, 1997b)	55
2.2.6 Proposta de Figueiredo Silva (1996)	56
2.3 Considerações Finais	59
CAPÍTULO 3. DA NATUREZA SEMÂNTICA DO VERBO	61
3.1 Construções inacusativas	64
3.2 Construções com verbos existenciais	70

3.3 Construções com verbos atmosféricos	77
3.4 Construções com verbos denotadores de passagem de tempo	79
3.5 Resumo do Capítulo	81
CAPÍTULO 4. O ESTATUTO SEMÂNTICO DOS XPs EM CONSTRUÇÕES	
COM ORDEM [XP V (DP)]	84
4.1 Advérbios	85
4.2 Presença de XPs adverbiais em construções transitivas com leitura indeterminada	93
4.3 O surgimento de pronomes fracos e o enfraquecimento da concordância número-pessoal	95
4.4 O estatuto de “Você” e “Eles” não-referenciais ou com referência genérica	102
4.5 Resumo do Capítulo	107
CAPÍTULO 5. FATORANDO O EPP	108
5.1 Sobre Fases – a proposta de Chomsky (2005)	108
5.2 Sobre <i>Stylistic Fronting</i> – a proposta de Holmberg (2000)	115
5.3 Uma nova proposta de análise para o parâmetro do sujeito nulo ...	119
5.4 Considerações Finais	128
CAPÍTULO 6. É O PB UMA LÍNGUA DE SUJEITO NULO PARCIAL?	129
6.1 O PB: uma língua de sujeito nulo parcial?	130

6.2 Derivando as construções com a ordem [XP V (DP)]	137
6.2.1 Derivação de construções inacusativas com a ordem [XP V (DP)]	138
6.2.2 Derivação de construções impessoais com a ordem [XP V (DP)]	143
6.3 Considerações Finais	151
CONSIDERAÇÕES FINAIS	152
REFERÊNCIAS	156

INTRODUÇÃO

O português brasileiro (doravante PB) tem se apresentado como uma língua com comportamento diferenciado em relação à propriedade do sujeito nulo, se comparado com outras línguas românicas. Segundo atestam alguns linguistas, o PB vem perdendo a capacidade de licenciar o sujeito nulo referencial. Dentre os trabalhos dedicados à investigação desse fenômeno, destaca-se o de Lamoglia Duarte (1995), cuja análise revela que essa variante do português tem apresentado um sistema onde algumas características *pro-drop* ainda se fazem refletir. Todavia, por outro lado, a perda da riqueza flexional de seu paradigma pronominal não tem permitido a identificação de sujeitos nulos referenciais. Lamoglia Duarte (2003) apresenta um outro fenômeno interessante em relação à configuração dos sujeitos: verifica se há uma tendência ao preenchimento da posição de sujeito, em contextos existenciais, por um pronominal expletivo. A autora parte da hipótese de que, se há uma mudança em progresso, a exemplo do francês, o PB começaria a apresentar um preenchimento da categoria vazia com sujeitos não-referenciais ou expletivos começando a se realizar foneticamente. Os resultados encontrados por Lamoglia Duarte (2003) atestam uma tendência ao preenchimento à esquerda de verbos existenciais, conforme se observa no exemplo abaixo:

(1) *Isso há* em todas as épocas. (cf. LAMOGLIA DUARTE, 2003, ex.(12a), p.7)

De acordo com Lamoglia Duarte (2003), a posição do demonstrativo à esquerda do verbo existencial, no dado em (1), exemplifica um dos contextos presentes no PB atual. Para a autora, esse elemento demonstrativo ocupa, naturalmente, uma posição externa à sentença (tópico) ou, quem sabe, a posição de sujeito (Spec-TP).

A pesquisa que aqui se apresenta é de caráter qualitativo e, para concretizá-la, ancoramo-nos em dados como o apresentado acima, que exemplifica a emergência da ordem [XP V (DP)] no PB atual. Busca-se, a partir de então, alcançar os seguintes objetivos:

- (i) analisar descritiva e teoricamente os dados do PB atual em contextos de emergência da ordem [XP V (DP)];
- (ii) relacionar o aparecimento de XPs à esquerda de verbos com a necessidade de satisfação ao EPP do núcleo T⁰;
- (iii) verificar quais categorias são mais suscetíveis à ocupação da posição de Spec-TP, a partir da descrição das ocorrências com a ordem [XP V (DP)];
- (iv) investigar os devidos contextos onde tais categorias podem figurar;

(v) buscar evidências que permitam correlacionar a emergência da ordem [XP V (DP)] com a mudança que parece estar se processando no PB contemporâneo com relação ao parâmetro do sujeito nulo.

Além dos objetivos elencados, tencionamos verificar o papel da concordância no acionamento do parâmetro do sujeito nulo. Nossa hipótese é que Agr (forte ou fraca) não é o traço definidor deste parâmetro. Evidência a favor dessa intuição vem do fato de algumas línguas requererem obrigatoriamente o preenchimento da posição de sujeito com conteúdo lexical, mesmo apresentando concordância forte. Ou, na contramão, o fato de outras línguas aceitarem sujeitos foneticamente nulos, mas não apresentarem um paradigma flexional rico.

Em relação à emergência da ordem [XP V (DP)], desejamos investigar, adicionalmente, o estatuto das categorias preenchedoras de Spec-TP. A hipótese é que algumas delas têm funcionado como puros expletivos, atendendo apenas a um requerimento da sintaxe estrita, como, por exemplo, a valoração de traços de margem. Para tal verificação, um processo satisfatório para análise é aquele do fronteamento estilístico nas línguas escandinavas. O fronteamento estilístico (*Stylistic Fronting*) é uma operação que, conforme Holmberg (2000), move a matriz fonológica de qualquer categoria – sintagma ou núcleo – para a posição de Spec-TP. Esse movimento é motivado para a necessidade de valoração do

traço EPP, e a categoria deslocada por *Stylistic Fronting* funciona, na posição derivada, como um puro expletivo.

A segunda hipótese relaciona-se com a possibilidade de o PB estar caminhando rumo a uma mudança no valor do parâmetro do sujeito nulo. Tendo em vista a crescente ocorrência de XPs de natureza semântica variada ocupando a posição à esquerda de verbos, nossa hipótese é que o PB atual, de fato, está deixando de ser uma língua *pro-drop*.

Nossa proposta é realizar a análise a partir de dados sincrônicos do PB atual, mais especificamente de dados do dialeto mineiro. Os dados aqui elencados são provenientes do *Corpus* de Fala da região de Itaúna (MG), coletados e organizados por Fernanda Cunha, em 2007. Além deste, outro *Corpus* que também foi consultado constitui-se de dados de língua oral coletados na cidade de Matipó (MG), devidamente organizados por Andréia Mendes, em 2008. Adicionalmente, inserimos registros de língua oral, em fala espontânea, colhidos assistematicamente. Alguns dados foram retirados de estudos de autores que analisaram fenômenos afins. E, ainda, outros, retirados de sentenças que compõem a modalidade escrita da língua, selecionadas de anúncios variados, de anotações em *blogs* e de registro de conversação em *chats* na Internet. Esses últimos dados, a despeito de seu caráter conservador em

relação à modalidade escrita, não inviabilizam a análise, uma vez que se caracterizam como registros “informais” de língua escrita.

Esta dissertação se subdivide em seis capítulos. No primeiro deles, apresentamos reflexões acerca do parâmetro do sujeito nulo, sua definição, propriedades e condições de licenciamento nas línguas em geral.

No capítulo 2, expomos as propriedades do parâmetro do sujeito nulo no português europeu (PE) e no PB não-contemporâneo, contrastando-as com as mudanças que se fazem aparecer no PB atual em relação a este parâmetro. Neste capítulo, será possível visualizar um quadro do paradigma flexional do PB demasiadamente diferente do que vigora hoje. Além disso, mostramos as principais ideias de alguns estudiosos acerca do acionamento do parâmetro do sujeito nulo no PB contemporâneo.

Nos capítulos 3 e 4, descrevemos os dados colhidos para a análise. No capítulo 3, investigamos a natureza semântica dos verbos que figuram em construções onde a ordem [XP V (DP)] tem se insinuado. Já no capítulo seguinte, analisamos a natureza semântica dos XPs que têm aparecido preenchendo a posição à esquerda dos verbos.

Nos capítulos 5 e 6, inserimos nossa proposta teórica. No capítulo 5, fazemos menção ao modelo de fases de Chomsky (2005), quadro teórico norteador desta pesquisa. Além disso, servimo-nos das intuições de Holmberg

(2000), em estudo ao fenômeno do fronteamento estilístico encontrado em algumas línguas escandinavas. Neste capítulo, propomos uma nova maneira de analisar o parâmetro do sujeito nulo nas línguas em geral. No capítulo 6, buscamos delinear as maneiras pelas quais o EPP tem sido satisfeito no PB atual, haja vista o surgimento da ordem [XP V (DP)] em contextos não esperados. Tais contextos são devidamente investigados e, a partir deles, propomos a derivação dos dados do português do Brasil nos dias hodiernos. Na ocasião, o estatuto gramatical de alguns itens, como locativos e alguns pronomes que aparecem preenchendo a posição à esquerda dos verbos, será considerado. A análise proposta permitirá o tratamento diferenciado do PB contemporâneo quanto à possibilidade de acionamento do parâmetro do sujeito nulo.

CAPÍTULO 1: O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO

Neste capítulo, tenho por objetivo apresentar as propriedades do parâmetro do sujeito nulo, tal como fora formulado originalmente por Chomsky (1981), Rizzi (1986) e Raposo (1992), no âmbito do modelo da Teoria de Princípios e Parâmetros (P&P). Para isso, inicio o estudo com algumas reflexões teóricas sobre o parâmetro e, em seguida, retomo as propriedades concernentes às línguas *pro-drop*, isto é, línguas que licenciam e identificam o sujeito nulo.

REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO

A teoria gerativa postula a existência de uma Gramática Universal (GU) geneticamente determinada, que é formada por um conjunto de princípios e parâmetros linguísticos (CHOMSKY, 1981). Os princípios são tidos como sendo invariantes, enquanto os parâmetros têm os seus valores fixados no decorrer do processo de aquisição de uma determinada língua pela criança. Por isso, os parâmetros podem variar de uma língua para outra. Um dos princípios estudados pela teoria gerativa tem sido o Princípio de Projeção Estendida (EPP - *Extended Projection Principle*), segundo o qual toda sentença deve ter sujeito. Em vista disso, mesmo em línguas que apresentam a possibilidade de sujeito

nulo, uma categoria vazia seria acionada para ocupar a posição de sujeito, evitando, assim, a violação ao EPP¹. Dessa forma, os estudiosos que formularam este princípio postularam um sujeito nulo pronominal nas línguas que apresentam essa posição visivelmente vazia, conforme mostram os exemplos:

- (1) *pro* Chegou tarde ontem. (português)
(2) *pro* *¿* Viste algún médico? (espanhol)

Sendo assim, o que diferencia as línguas de sujeito nulo das línguas de sujeito obrigatório será um conjunto de propriedades que essas línguas exibem, ou não. Por exemplo, as propriedades arroladas na seção abaixo, retiradas de Raposo (1992, pp. 482,483), evidenciam como as línguas de sujeito nulo e de sujeito obrigatório se diferenciam.

A. PROPRIEDADES DAS LÍNGUAS DE SUJEITO NULO:

(i) Poder apresentar sujeitos pessoais ou expletivos foneticamente

nulos:

- (3) (a) *pro*_{referencial} Comemos o bolo. (Sujeito nulo referencial)
(b) *pro*_{expletivo} Chove. (Sujeito nulo expletivo)

¹ Em Chomsky (1981), o EPP é tratado como um Princípio – o *Princípio de Projeção Estendida* – que determina que todas as línguas devem ter sujeito. Atualmente, na versão do Minimalismo, o EPP é codificado como um traço ininterpretável, localizado no núcleo I/T⁰, que exige que a posição de Spec-I/TP seja preenchida.

(ii) Inversão livre do sujeito:

(4) *pro* Comeram o bolo as crianças!

(iii) Extração do sujeito à distância:

(5) O homem que me viu que *pro* mandei entrar.

(iv) ausência de efeitos *que-vestígio* (*that-trace effects*):

(6) Quem disseste que *pro* comprou um computador?

B. PROPRIEDADES DAS LÍNGUAS DE SUJEITO OBRIGATÓRIO:

(i) Não apresenta sujeitos pessoais ou expletivos foneticamente

nulos:

(7) (a) *pro* *Ate the cake. (Sujeito nulo referencial)

(b) *pro* *Rains. (Sujeito nulo expletivo)

(ii) Não-inversão livre do sujeito:

(8) *pro* *Ate the cake the children!

(iii) Não apresenta extração do sujeito à distância:

(9) *The man who saw me that *pro* showed in.

(iv) Presença de efeitos *que-vestígio* (*that-trace effects*):

(10) *Who did you say that ___ bought a computer?

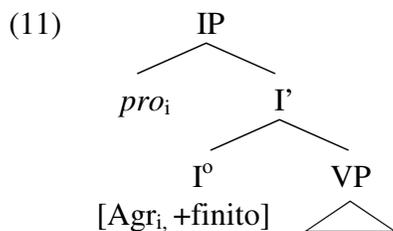
Dentre as propriedades relacionadas acima, detenho minha atenção sobre a primeira, que prevê a possibilidade de ocorrência de sujeitos nulos referenciais ou expletivos. Segundo Raposo (1992), o sujeito nulo é representado por *pro*, uma categoria pronominal vazia que ocupa posição argumental, possuindo matriz gramatical de número, gênero, pessoa e Caso, de modo que:

A possibilidade de ocorrência de sujeitos pronominais nulos numa língua depende da existência de um sistema flexional de concordância morfológicamente rico, capaz de distinções que possibilitem a recuperação de traços gramaticais do sujeito relevantes nessa língua (p. 477).

Dessa forma, as línguas em que o parâmetro *pro-drop* é marcado positivamente, línguas “*pro-drop*”, são aquelas que apresentam uma forma específica de morfema verbal para identificação de pessoa e número gramaticais. Em línguas cujo paradigma verbal não apresenta formas diferenciadas de desinências número-pessoais, a não representação fonética do sujeito é inviável, uma vez que sua identificação pela terminação verbal não poderá efetuar-se.

Rizzi (1986) afirma que a possibilidade de *pro* ocorrer numa configuração implica condições de **licenciamento** e de **identificação**, ou seja, condições que autorizem a ocorrência de *pro* e que determinem como o seu conteúdo referencial é recuperado. Segundo o autor, o **licenciamento** de *pro*

dá-se por meio de uma condição “formal”, através de regência por Infl (de *Inflection* – flexão), capaz de atribuir Caso nominativo; e a **identificação** de *pro* dá-se através de módulo semântico identificador, que requer uma coindexação com traços fortes de Agr (de *Agreement* – Concordância de número e pessoa), contidos na categoria Infl, que rege *pro*, conforme configuração arbórea abaixo:



Diante dessas condições, Rizzi (*ibidem*) considera que a distinção entre línguas *pro-drop* e não *pro-drop* se dá da seguinte forma: línguas *pro-drop* contêm Agr forte e, por isso, licenciam *pro* referencial, regido por Infl e identificado pelos traços fortes de Agr. Além disso, licenciam *pro* expletivo (desprovido de conteúdo gramatical), i.e., regido por Infl e, portanto, não precisando ser identificado. Línguas não *pro-drop* contêm Agr fraco e, por não conterem a condição de identificação, não permitem *pro* referencial, embora possam licenciar *pro* expletivo².

Contudo, alguns autores discordam quanto à importância da riqueza morfológica no acionamento do parâmetro. As discrepâncias encontradas na

² Exemplos de línguas que se apresentam em diferentes posições na escala com relação à força de Agr serão apresentados mais adiante.

literatura quanto à função do estatuto morfológico do verbo em relação à possibilidade, ou não, do sujeito nulo são suscitadas pelos seguintes fatos:

(i) existem línguas cuja flexão verbal se distingue nas variadas pessoas do discurso e, no entanto, não permitem o sujeito nulo, como o islandês antigo, por exemplo (cf. KATO, 1999). Segundo Sigurðsson (1994, *apud* KATO, *op.cit.*), o islandês antigo sempre teve morfologia flexional rica, perdendo sujeitos nulos correferenciais, mas sem qualquer mudança na morfologia. O paradigma flexional do islandês pode ser visualizado a partir do quadro abaixo:

QUADRO 1
Paradigmas dos verbos *segja* (dizer) e *sjá* (ver),
do islandês antigo e moderno (adaptada de KATO, *op.cit.*, p.6)

		Islandês Antigo		Islandês Moderno	
S	1 ^a	<i>segi</i>	<i>é</i>	<i>segi</i>	<i>sé</i>
S	2 ^a	<i>segir</i>	<i>sér</i>	<i>segir</i>	<i>sér</i>
S	3 ^a	<i>segir</i>	<i>sér</i>	<i>segir</i>	<i>sér</i>
P	1 ^a	<i>segjum</i>	<i>sjáum</i>	<i>segjum</i>	<i>sjáum</i>
P	2 ^a	<i>segit</i>	<i>sjáit</i>	<i>segið</i>	<i>sjáið</i>
P	3 ^a	<i>Segja</i>	<i>sjá</i>	<i>segjá</i>	<i>sjá</i>

Como é possível observar, há apenas um sincretismo³ no islandês antigo e no islandês moderno. A perda de sujeitos nulos referenciais nessa língua não pode, então, estar atrelada ao enfraquecimento da concordância, já que o paradigma flexional dessa língua não apresentou quaisquer mudanças desse tipo.

³ Duas formas verbais com flexão idêntica.

(ii) Algumas línguas não apresentam morfologia verbal de número e pessoa, mas, mesmo assim, licenciam sujeito nulo. Esta parece ser a situação do chinês, conforme salienta Huang (1984). Segundo o autor, o chinês é uma língua que apresenta uma flexão pobre (o paradigma verbal nessa língua não possui marcas de modo, tempo, número e pessoa), mas licencia categorias vazias não só na posição do sujeito, como também na posição de objeto. Huang (*op.cit.*) conclui que essas categorias vazias que aparecem na posição de sujeito comportam-se como variáveis ligadas a um tópico nulo. O dado abaixo, do chinês, ilustra essa possibilidade, com o sujeito da oração encaixada correferenciado com o sujeito da oração matriz:

- (12) *Zhangsam_i shuo e_i bu renshi Lisi.* (MODESTO, 2004, p. 124)
Zhangsam disse [ele] não conhece Lisi.
'Zhangsam disse que ele não conhece Lisi'.

Mais uma vez, observa-se que a posição foneticamente vazia, no caso do exemplo acima, do sujeito da oração encaixada, não se relaciona com morfemas de concordância número-pessoal.

(iii) Outras línguas ocupam uma posição intermediária quanto à força de Agr. Isto quer dizer que Agr (ou *Infl*) tem “força suficiente para permitir *pro*, mas não tem força suficiente para recuperar as diferenciações pessoais de um *pro* referencial” (RAPOSO, 1992, p. 478). Um exemplo é o francês moderno,

que pode aceitar o sujeito nulo expletivo em construções de “inversão estilística”, conforme (14a); ou em construções com o subjuntivo, como (14b):

(13) (a) *Je me demande [quand [pro partira ton ami]].*

Eu me pergunto quando partirá teu amigo.

‘Eu me pergunto quando partirá teu amigo.’

(b) *J'exige [que [pro soit mis fin à ce conflit]].*

Eu exijo que seja posto fim a esse conflito.

‘Eu exijo que seja posto fim a esse conflito.’

(RAPOSO, *idem*, p. 479)

Os dados em (13) apresentam a ocupação da posição de sujeito por um *pro* expletivo, apenas em contextos como esses. É importante ressaltar que, embora o francês admita o sujeito nulo expletivo nesses contextos, ele é considerado uma língua de sujeito obrigatório, i.e., deixou de ser língua *pro-drop*.

Para Raposo (*idem*), “a presença/ ausência de sujeitos nulos é uma dimensão discreta” (p. 478), ou seja, uma língua apresenta, ou não, sujeitos nulos. Contudo, segundo ele, a flexão verbal não obedece a uma dimensão discreta, uma vez que as línguas variam quanto à riqueza de sua morfologia flexional. E, a partir dessa variação, é possível apresentar algumas línguas em diferentes escalas quanto à força de Agr. O inglês, por exemplo, apresenta um

paradigma flexional “fraco”, ou seja, é uma língua que contém Agr “fraco”. Assim, essa língua caracteriza-se por não acionar o parâmetro *pro-drop*, ou seja, não licencia sujeitos nulos. O PE apresenta morfologia flexional rica, contendo Agr forte, já que essa é uma verdadeira língua *pro-drop*, admitindo sujeitos nulos em contextos referenciais e não-referenciais (expletivos). O italiano, apesar de ser também considerado uma língua *pro-drop* legítima, apresenta um estatuto intermediário de Infl. No italiano, sujeitos nulos podem ocorrer em certas construções na posição de sujeito de orações subordinadas não-finitas, construções infinitivas com o fenômeno de “Aux para Comp”, conforme os exemplos a seguir:

(14) (a) *Ritengo* [_{CP} *essere* [_{IP} *pro* *troppo tardi per telefonare a Mario*]
Considero ser bastante tarde para telefonar para Mário.
‘Considero que é bastante tarde para telefonar para Mário.’

(b) *Ritengo* [_{CP} *essere* [_{IP} *pro* *probabile che Mario ci aiuti*]].
Considero ser provável que Mário nos ajude.
‘Considero provável que Mário nos ajude.’

(RAPOSO, *idem*, p. 479)

Raposo (*idem*) argumenta, com relação à ocorrência de *pro* em sentenças infinitivas no italiano, que é possível “concluir que Agr não é afinal uma condição necessária para a sua admissibilidade” (p. 479).

Segundo Raposo (*idem*), fatos como os evidenciados quanto à possibilidade de sujeito nulo no francês e no italiano

(...) sugerem igualmente que a dimensão morfológica de Agr não pode constituir o único parâmetro de licenciamento de um sujeito nulo, visto que em Francês Agr é fraco (dado que não licencia sujeitos nulos pessoais) e nas construções infinitivas de “Aux para Comp” em Italiano Agr não existe (p. 479).

De acordo com esses fatos, fica pressuposta uma relativa força de Agr sobre o fenômeno do sujeito nulo: Agr pode ser capaz de licenciar e identificar o sujeito *pro* referencial encontrado em línguas *pro*-drop, assim como Agr pode apresentar força suficiente apenas para admitir *pro* expletivo, e, não, para recuperar as diferenças de pessoas de um *pro* referencial.

O que os dados de línguas que apresentam concordância rica e ainda assim exigem sujeito obrigatório, como é a situação do islandês, mostram é que não há sempre correlação entre concordância rica e licenciamento de sujeito nulo. Tal fato nos permite levantar a hipótese de que, realmente, talvez nem sempre concordância forte seja mesmo um fator determinante para haver o acionamento do parâmetro de sujeito nulo. Nesta linha de raciocínio, Nicolau (1995) afirma o seguinte:

Rizzi entende que a “riqueza” do nóculo Agr é relevante para a interpretação de **pro**, mas não pode determinar todas as suas ocorrências e que esse fato deve ser incluído numa teoria que pretende dar conta da presença desse elemento em, apenas, algumas línguas (p. 90).

Tendo em vista que não há sempre correlação biunívoca entre concordância de pessoa rica e licenciamento de sujeito nulo, esta dissertação terá como objetivo buscar mais evidências que nos permitam rever a correlação segundo a qual existência de concordância morfológica rica deve implicar sempre na possibilidade de ocorrer sujeitos nulos⁴. O PB atual tem apresentado fenômenos interessantes com respeito à ocupação à esquerda dos verbos por XPs de natureza diversa, permitindo a emergência da ordem [XP V (DP)] em contextos nos quais a posição de sujeito, i.e., Spec-TP, deveria ficar, em tese, vazia. Esse comportamento, associado com as características do paradigma de concordância de pessoa, parece apontar na direção de que ter concordância forte ou fraca nem sempre é uma condição necessária para licenciar a ocorrência de sujeitos nulos e de sujeito obrigatório.

No próximo capítulo, o objetivo é elucidar os expedientes gramaticais que o PB e o PE utilizam para licenciar sujeito nulo e sujeito foneticamente realizado. Veremos que há uma gradual emergência da ordem [XP V (DP)] no PB contemporâneo, o que parece apontar para uma importante mudança paramétrica.

⁴ Pesquisas sociolinguísticas têm apresentado uma considerável ocorrência de sujeitos preenchidos com 1ª pessoa do singular. Sendo a 1ª pessoa do singular aquela que ainda mantém distinção morfológica de pessoa no PB, esperar-se-ia que, em frases com verbos flexionados nessa pessoa, a posição de sujeito ficasse nula. No entanto, não é o que acontece. Segundo Lamoglia Duarte, “a 1ª pessoa (...) é a que se encontra em mais adiantado estágio de mudança em direção a um sistema não *pro-drop*” (1993, p. 123).

CAPÍTULO 2: O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO NO PE E NO PB

Neste capítulo, pretendo expor a maneira por meio da qual o PE e o PB acionam o parâmetro do sujeito nulo. O PE é tratado na literatura como uma legítima língua com a propriedade de acionamento do sujeito nulo, enquanto o PB tem sido considerado como uma língua de sujeito nulo parcial⁵, haja vista o enfraquecimento da concordância que tem sido verificado a partir do século XIX. Conforme Lamoglia Duarte (1993), esse enfraquecimento pode ser a causa de o PB apresentar, atualmente, um número cada vez mais reduzido de construções com sujeito elidido. Buscaremos apresentar as características de cada uma dessas variantes do português, de modo a delimitar o seu diferente comportamento quanto ao acionamento do sujeito nulo.

O capítulo está organizado em três seções. Na seção 2.1, mostro como o parâmetro do sujeito nulo é acionado no PE e no PB não-contemporâneo. Na seção 2.2, apresento as mudanças do PB atual em relação ao enfraquecimento da concordância, bem como exponho algumas das investigações já realizadas sobre o sujeito nulo no PB. Mais precisamente, sintetizo as propostas de Tarallo (1993), Galves (1993), Lamoglia Duarte (1993, 2003), Kato (1999), Nicolau

⁵ Holmberg (2008) faz um estudo sobre três línguas que ele considera como línguas de sujeito nulo parcial: o Português Brasileiro, O Finlandês e o Marathi.

(1995, 1997b) e Figueiredo Silva (1996). Na última seção, apresento as considerações finais.

2.1 O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO NO PE E NO PB NÃO-CONTEMPORÂNEO

O PE é concebido como uma língua tipicamente *pro-drop*, apresentando todas as propriedades concernentes ao parâmetro do sujeito nulo, como apresentado no início do capítulo 1. Seguindo o pensamento de Rizzi (1986) a respeito das condições de licenciamento e identificação do sujeito nulo, é possível também afirmar que o PE é capaz de satisfazê-las, uma vez que essa língua apresenta um paradigma de concordância morfológicamente rico, conforme é possível visualizar no quadro a seguir:

QUADRO 2

Paradigma flexional do português europeu

		<i>Cantar</i>	<i>Escrever</i>	<i>Partir</i>
S	1 ^a	Canto	Escrevo	Parto
S	2 ^a	Cantas	Escreves	Partes
S	3 ^a	Canta	Escreve	Parte
P	1 ^a	Cantamos	Escrevemos	Partimos
P	2 ^a	Cantais	Escreveis	Partis
P	3 ^a	Cantam	Escrevem	Partem

O quadro acima mostra uma desinência verbal de número e pessoa para cada pessoa do discurso, nas três conjugações verbais, o que caracteriza o PE

como uma língua nitidamente de concordância forte. E é exatamente essa sua característica que lhe confere o estatuto de língua de sujeito nulo, já que “o conteúdo do sujeito é recuperável a partir do conteúdo morfológico das terminações verbais” (RAPOSO,1992, p. 478).

Sendo o PE uma língua de sujeito nulo, alguns efeitos das propriedades deste parâmetro podem ser nela encontradas, conforme mostram os exemplos a seguir:

(a) Apresenta sujeitos pessoais foneticamente nulos:

(1) *pro* Pensamos muito a este respeito.

(b) Apresenta sujeitos expletivos foneticamente nulos:

(2) *pro* Nevou muito esta noite.

(c) Aceita inversão livre do sujeito:

(3) *pro* Jogaram a bola [os meninos].

(d) Mantém posição pós-verbal do objeto direto em orações passivas:

(4) Foi convidado [um estudante] para a festa.

(e) Atribui Caso Nominativo à direita

(5) Sou [eu] que estou aqui.

(f) Possui flexão de infinitivo pessoal

(6) Vai ser difícil [tu saíres mais cedo].

(g) Tem ausência do efeito <<that-t>>

(7) Quem (é que) tu pensas [que [*t* viu esse filme]]?

Essas características em relação ao acionamento e identificação de sujeitos nulos delineadas para o PE são as mesmas do PB não-contemporâneo. Todavia, diferentemente do PE, a partir da segunda metade do século XIX, a concordância número-pessoal no PB começou a enfraquecer-se, como é possível visualizar no quadro abaixo, adaptado de Lamoglia Duarte (1993, p. 109):

QUADRO 3

Evolução nos paradigmas flexionais do português brasileiro

<i>Pessoa</i>	<i>Nº</i>	<i>Paradigma 1</i>	<i>Paradigma 2</i>	<i>Paradigma 3</i>	<i>Paradigma 4</i>
1ª	Sing	Canta-o	Canta-o	Canta-o	Canta-o
2ª direta	Sing	Canta-s	-----	-----	-----
2ª indireta	Sing	Canta-Ø	Canta- Ø	Canta- Ø	Canta- Ø
3ª	Plural	Canta- Ø	Canta- Ø	Canta- Ø	Canta- Ø
1ª	Plural	Canta-mos	Canta-mos	Canta- Ø	Canta- Ø
2ª direta	Plural	Canta-is	-----	-----	-----
2ª indireta	Plural	Canta-m	Canta-m	Canta-m	Canta- Ø
3ª	Plural	Canta-m	Canta-m	Canta-m	Canta- Ø

Pela apresentação acima, nota-se que o paradigma 1 exibe um conjunto de seis desinências número-pessoais distintas para as pessoas do discurso, com dois sincretismos, sendo um referente à 2ª pessoa do singular indireta (você) e à 3ª pessoa do singular (ele/ela). O segundo sincretismo refere-se à 2ª pessoa do plural indireta (vocês) e à 3ª pessoa do plural (eles/elas). Num segundo

momento, que se inicia por volta dos anos 30 (cf. Duarte, *idem*), o paradigma 2 mostra a perda da 2ª pessoa direta do singular (tu) e da 2ª pessoa direta do plural (vós), ocasionando a diminuição no número de desinências distintivas para quatro, com dois sincretismos. Já o terceiro paradigma, que, segundo Lamoglia Duarte (*idem*), coexiste com o segundo, há a implementação na gramática da expressão “a gente” (com marca desinencial de 3ª pessoa do singular), forma sinônima ao pronominal “nós”, cuja consequência foi mais uma diminuição das desinências, restando apenas três formas distintivas. Num último momento, é possível visualizar um paradigma com apenas duas formas distintas, a 1ª do singular (eu) em oposição às demais, que acrescento na tabela como ilustrativo do tipo de concordância de número e pessoa que tem se apresentado no PB falado atualmente. Para Galves (2001), a redução no paradigma flexional é responsável pela perda do traço *semântico*, que se refere às três pessoas do discurso, na categoria gramatical de *pessoa*, restando, a esse paradigma, apenas o traço *sintático*, com um valor positivo e um negativo.

Com um paradigma verbal visivelmente enfraquecido, algumas diferenças começaram a emergir no PB contemporâneo, no sentido de essa variante do português começar a distanciar-se do PE quanto à possibilidade de apresentar construções com sujeito nulo.

Na próxima seção, tenho por objetivo mostrar algumas das transformações ocorridas no PB atual em decorrência do enfraquecimento da concordância de pessoa. Para tal, retomo os resultados das pesquisas apurados por vários linguistas que já procederam à análise deste fenômeno.

2.2 O ACIONAMENTO DO PARÂMETRO DO SUJEITO NULO NO PB CONTEMPORÂNEO

O PB contemporâneo, por apresentar simplificações no quadro de desinências número-pessoais, começa a sofrer alteração na sua propriedade de língua de sujeito nulo, na direção de tornar-se uma língua de sujeito obrigatório, particularmente nos contextos em que emerge a ordem [XP V (DP)]. Essas alterações morfológicas suscitaram a realização de inúmeras pesquisas, as quais apontam para as possíveis consequências oriundas da simplificação do traço de pessoa no seu paradigma flexional. No intuito de entender essa mudança, retomo, nas próximas seções, a análise de vários autores. Começemos com a análise de Tarallo (1993), a qual discute as diferenças das gramáticas do PE e do PB.

2.2.1 PROPOSTA DE TARALLO (1993)

Segundo Tarallo (1993), o PB apresenta características bastante relevantes, capazes de diferenciá-lo do PE. Essas diferenças, que teriam se iniciado no final do século XIX, tornaram-se mais acentuadas a partir da segunda metade do século XX. O autor aponta quatro mudanças sintáticas significativas no PB, argumentando que o “Brasil já desenvolveu um número de traços sintáticos discerníveis o suficiente para possibilitar uma descrição de seu sistema no sentido de uma gramática brasileira” (p. 71). As quatro mudanças sintáticas apontadas por Tarallo são as seguintes:

- a) reorganização do sistema pronominal;
- b) mudanças sintáticas nas estratégias de relativização;
- c) a reorganização dos padrões sentenciais básicos;
- d) padrões sentenciais em perguntas diretas e indiretas. (cf. p. 70)

O conjunto dessas mudanças apontadas teria suscitado uma mudança paramétrica no PB: de língua *pro-drop* para língua não *pro-drop*. Dentre as quatro mudanças, vale destacar a primeira, que trouxe como consequência a implementação de objetos nulos de um lado, e de sujeitos lexicais mais frequentes de outro. O exemplo abaixo ilustra os fenômenos de retenção pronominal em vários contextos sintáticos:

(8) *Eu* não sei como as pessoas conseguem ouvir o João no telefone. Às vezes *eu* estou do lado dele e não estou escutando (0). Parece que *ele* não está falando.

Segundo o autor, “nesta passagem, o primeiro referente é *João*, que é repetido na principal seguinte em posição genitiva e apagado em posição de objeto direto. A seguir, é novamente retido na posição de sujeito da subordinada” (p. 82).

A tabela a seguir explicita os resultados da pesquisa de Tarallo (p. 84) e apresenta, de forma breve, as principais conclusões para as três posições principais analisadas: sujeito, objetos diretos e sintagmas preposicionais – nestes últimos, incluem-se objeto indireto, oblíquo e genitivo.

TABELA 1

Retenção pronominal no período de tempo de 1725 a 1981 (adapt.)

TEMPO	1725	1775	1825	1880	1981
FUNÇÃO	%	%	%	%	%
Sujeito	23,3	26,6	16,4	32,7	79,4
Objeto direto	89,2	96,2	83,7	60,2	18,2
SP's	96,5	98,9	91,3	72,9	44,8

Pela tabela, é possível vislumbrar a mudança ocorrida nos dados de 1880 e 1981, que começam a apresentar uma diminuição de frequência de SP's e de objeto direto, e aumento de sujeito. No período datado de 1725, observa-se a hierarquia **SPs > objetos diretos > sujeitos**. Já nos dados de 1981, nota-se

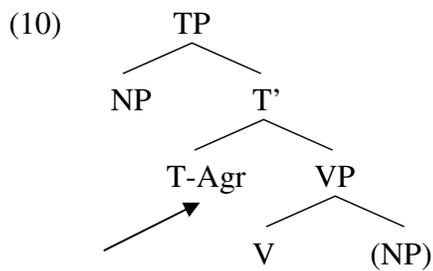
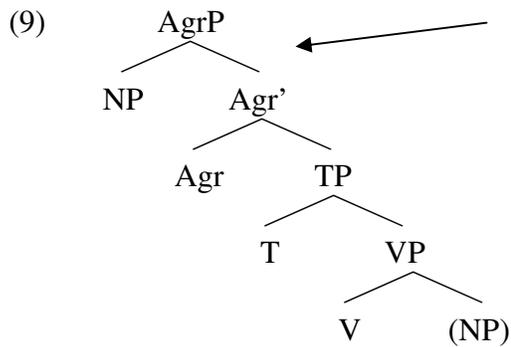
que a frequência de retenção de SPs e de objetos diretos começa a decrescer, enquanto a percentagem para sujeitos cresce. Esses resultados demonstram uma tendência pela ocupação pronominal fonética da posição de sujeito no PB, cuja consequência é o surgimento da ordem [XP V (DP)]. Assim, o PB parece caminhar rumo a uma mudança paramétrica quanto à possibilidade de sujeitos nulos.

Na próxima seção, apresento os resultados do trabalho de Galves (1993), que aborda o enfraquecimento da concordância no PB como a causa de outras variações ocorridas concomitantemente na língua.

2.2.2 PROPOSTA DE GALVES (1993)

Galves (1993) realiza um estudo de natureza analítica e diacrônica do enfraquecimento da concordância no PB. Segundo a autora, esse fenômeno causou alterações linguísticas significativas, as quais se apresentam como decorrência de uma mudança profunda na gramática do PB, e não meramente como uma representação de comportamento variacional. Uma das alterações decorrentes do enfraquecimento do paradigma flexional é a representação lexical do sujeito. No raciocínio de Galves (*op.cit.*), Agr ocuparia o lugar mais alto ao final da derivação (cf. (9), abaixo). Porém, com um paradigma flexional “fraco”, Agr aparece apenas como um afixo a T (morfema de tempo), desde o

início da derivação, conforme é possível verificar na estruturação arbórea em (10):



Dessa forma, o enfraquecimento da concordância representaria uma reorganização da oração, onde

o verbo encontra em T todos os seus elementos flexionais, não tendo mais razão para subir para Agr, e o sujeito recebe o nominativo na posição de especificador de T. O especificador de Agr pode assim ser o lugar de geração de outro sintagma nominal, interpretado como sujeito cujo predicado é a oração, que contém um pronome correferente com *ele* (GALVES, *idem*, p. 398).

Na sequência, incluo os trabalhos de Lamoglia Duarte (1993, 2003) que correlaciona a perda de concordância à diminuição da frequência de sujeitos

nulos referenciais no PB e à emergência de itens variados à esquerda de verbos existenciais.

2.2.3 PROPOSTA DE LAMOGLIA DUARTE (1993, 2003)

Lamoglia Duarte (1993) faz uma análise quantitativa de dados retirados de trechos de peças de teatro de cunho eminentemente popular, escritas nos séculos XIX e XX, por autores do Rio de Janeiro. A autora procura estabelecer uma correlação entre a redução do paradigma flexional do PB e o aumento de sujeitos plenos. A autora só considerou dados de sujeitos pronominais com referência definida, excluindo ainda coordenações com sujeitos correferentes. Para analisar a ocorrência de pronome pleno ou *pro*, Lamoglia Duarte considera os seguintes grupos de fatores: i) a pessoa do discurso; ii) o tempo e a forma verbal; iii) a presença de elementos antes do sujeito ou entre o sujeito e o verbo; iv) o tipo de oração; v) a correferência entre sujeito da principal e da subordinada; vi) e a função do referente do sujeito da 3ª pessoa. Na análise, realiza o cruzamento desses dados com a variável “ocorrência de pronome pleno” ou “*pro*”.

Os resultados dos cruzamentos com esses elementos sintáticos apontam que, entre os anos de 1845 e 1918, prevaleceu o uso de sujeito nulo, com 2ª pessoa direta (tu, vós) e indireta, com formas verbais de 3ª pessoa. Por sua vez,

entre os anos de 1937 e 1975, caiu o uso da 2ª pessoa direta, com queda brusca de sujeitos nulos. Já no ano de 1992, caiu ainda mais a ocorrência de sujeitos nulos, passando a estar ausente nos dados analisados. O sujeito de 3ª pessoa continua a se apresentar nulo, o que constitui uma assimetria no sistema pronominal do português.

Sobre essa assimetria, Lamoglia Duarte (*idem*) apresenta a forma de identificação de *pro* na 3ª pessoa. Para isso, cita Calabrese (1986), que defende a existência de uma relação complementar entre o uso do sujeito pleno e do pronome nulo em italiano, i.e., se o referente é esperado, *pro* aparece; se não, o pronome realiza-se foneticamente. Só uma barreira impediria a adjacência sintática entre o pronome e o TEMA⁶, o que exigiria a presença do pronome pleno. É o que pode ser observado nos dados abaixo, com uso da 3ª pessoa do singular:

(11) Falei ontem com *seu tenente coroné_i*, e *ele_i* disse-me que *pro_i* havia de vir com *sinhá Dona Perpétua* e com *sinhá moça Rosinha* (LAMOGLIA DUARTE, 1993; p. 117, ex. 3)

(12) Você podia estudar com o *Nilson_i*, agora que *ele_i* tá fazendo o supletivo. (*op.cit.*, p. 117, ex.4)

Em (11), o sujeito nulo é autorizado, uma vez que não há nenhum XP antes do sujeito nulo; o contrário do que acontece em (12), onde há um

⁶ Calabrese (*op.cit.*) prefere chamar de TEMA o sujeito de uma predicação.

advérbio antes do complementizador “que” e do sujeito. Não obstante, em português do Brasil, isso nem sempre acontece. A autora exemplifica com uma frase com sujeito nulo e sem referente, conforme o exemplo a seguir:

(13) Se o_i encontrarem, dêem-*lhe*_i uma boa arrochada e levem-*no*_i preso. (À parte) *pro*_i Há de me pagar.

Lamoglia Duarte (*idem*) acredita que os dados acima explicam a ocorrência de sujeitos nulos com 3ª pessoa, além de atestarem, também, a “perda da funcionalidade de AGR, que, já debilitado, não pode, por si só, identificar *pro* a menos que algum elemento externo, como o TEMA no caso da 3ª pessoa, venha a reforçá-lo (...)” (*ibidem*, p. 199). Ela aponta, ainda, a existência de contextos de resistência, que seriam aqueles nos quais aparecem, nos dados de 1992, 20% de sujeitos nulos na 1ª pessoa do singular. Esses contextos seriam os seguintes:

i) orações independentes com verbos simples no presente ou no passado, precedidos por negação ou locução verbal:

(14) *pro* Não posso mais ficar aqui a tarde toda, não. (*op.cit.*, p. 119, ex.10) – precedido por negação.

ii) estruturas com correferente, na subordinada ou na principal:

(15) *Eu*_i não sei se *pro*_i vou conseguir numa sessão só. (*ibidem*, p. 119, ex. 11) – correferente na subordinada.

iii) 2ª pessoa, em algumas interrogativas:

(16) *pro* Já se esqueceu? (*ibidem*, p. 120, ex. 14)

iv) sentenças com verbo precisar na negativa:

(17) Nilson, *pro*_i não precisa ficar nervoso. (*ibidem*, p. 120, ex. 16).

v) subordinadas condicionais, antepostas à matriz:

(18) Se *pro*_i não conseguir, é melhor *pro*_i largar de vez esse curso de inglês. Senão *pro*_i acaba igual a Margareth. (*ibidem*, p. 120, ex. 17).

A conclusão de Lamoglia Duarte (*idem*) sobre os resultados obtidos é que há uma real inter-relação entre a redução de morfemas flexionais no PB e o uso cada vez mais crescente de sujeitos plenos, o que comprovaria um período de transição do PB de língua *pro-drop* para língua não *pro-drop*. Segundo a autora,

os resultados da pesquisa evidenciam o fato de que a redução no quadro de desinências verbais alterou as características de língua “*pro-drop*” que o português do Brasil apresentava antes de 1937. Embora o sujeito nulo continue sendo licenciado por AGR – prova disso é a existência de sujeito nulo não-referencial –, a identificação do sujeito nulo referencial ficou comprometida, transformando-se a ocorrência de *pro* num fenômeno periférico que depende fundamentalmente de um reforço externo ao elemento de concordância. No caso da 2ª pessoa, esse reforço depende do contexto pragmático, o que não constitui prerrogativa a *pro*. A 1ª pessoa (...) é a que se encontra em mais adiantado estágio de mudança em direção a um sistema não *pro-drop*” (*ibidem*, p. 123).

Lamoglia Duarte (*idem*) afirma que há ainda a presença de sujeitos nulos não-referenciais, mas estes podem ser considerados apenas como “resíduos de um paradigma que acabou de perder sua riqueza funcional” (p. 124).

Lamoglia Duarte (2003) aborda outro fenômeno interessante em relação à configuração dos sujeitos. Analisando construções existenciais, demonstra que há, nessas construções, uma tendência ao preenchimento da posição de sujeito por um pronominal expletivo. Ela parte da hipótese de que, se há uma mudança em progresso, no PB, na direção do preenchimento categórico da posição de sujeito por um elemento lexical, essa variante do português, à semelhança do que ocorreu no francês, já começaria a apresentar um preenchimento dos sujeitos não referenciais ou expletivos. A autora investiga, também, o papel das expressões locativas e temporais nesse processo de mudança e chega a assumir o seguinte:

uma vez implementada uma das propriedades das línguas de sujeito não-nulo – o preenchimento dos sujeitos referenciais – o sistema começa a caminhar no sentido do preenchimento dos sujeitos não-referenciais. (...) Assim, o aparecimento de elementos à esquerda do verbo não é acidental (...). Antes, trata-se de um efeito colateral da mudança, que começa a se insinuar dentro do nosso sistema passando a concorrer com as sentenças não marcadas, que ainda mantêm o sujeito expletivo nulo (*ibidem*, p.4).

Os dados da análise foram retirados de amostras da comunidade de fala carioca e foram gravadas em dois momentos: início dos anos 80 e durante os anos de 1999 e 2000, com interstício de cerca de dezoito anos entre as duas coletas. Os resultados da sua pesquisa evidenciam um preenchimento categórico da posição de sujeito por um pronome, em contextos com o verbo ver. Já nos contextos com o verbo ter e haver, a posição vazia à esquerda do verbo (V) ainda é a que predomina, apesar de apresentar uma porcentagem considerável (25%) de elementos lexicais nessa posição. Seu objetivo, a partir desse resultado, é proceder à verificação da forma como o sistema está preenchendo essa posição. Abaixo, estão alguns exemplos onde se pode verificar a presença de elementos à esquerda de V, mesmo que estes não estejam ocupando a posição de sujeito:

- (19) (a) *Isso* há ____ em todas as épocas.
(b) *Strogonoff* tem a receita ____ aí.
(c) ... é sempre assim, é um problema social, aí reclama: ah! Não tem policiamento. *Policiamento* há, não há emprego.
(*ibidem*, p. 7, ex. 12)

Nesses exemplos, os elementos que ocupam a posição à esquerda de V são o pronome demonstrativo, em (19a); e SNs complementos topicalizados em (19b) e (19c). Em seguida, a autora passa a analisar a presença de elemento locativo/temporal à esquerda de V, e argumenta, com base nos estudos de Coelho (2000), que esse tipo de elemento “teria um comportamento muito

próximo ao de um argumento externo, podendo ocupar o espaço de sujeito (...)”

(*ibidem*, p. 8). Veja:

- (20) (a) Acho que **no Vasco** não tem chutador de córnx bom não.
(b) **Sempre** há um retorno. (*ibidem*, p. 8, exs. 13^a e 13 d)

Como um dos resultados mais significativos encontrados pela autora, está a ocorrência de pronomes pessoais à esquerda de V e a curiosa emergência da ordem [XP V (DP)], particularmente em construções existenciais, impessoais e com certos verbos transitivos com sujeito expletivizado. Esse tipo de construção é muito importante no estudo das estratégias de preenchimento do sujeito em PB contemporâneo. Lamoglia Duarte (*idem*) destaca o aumento do percentual de ocorrência de pronomes nas últimas décadas (18% a 37%), além da ampliação do quadro desses pronomes, como se observa abaixo:

- (21) (a) Porque **você** vê apartamento aqui na zona sul sendo assaltado.
(b) Então **a gente** tem também lá é... recreação.
(c) **Tu** vê aí a AIDS, né.
(d) **Eu** não tive muitas coisas perigosas assim não.
(*ibidem*, p. 10, exs. 16c, 17b, 17f e 17c)

A autora, acompanhando intuições de Vitral & Ramos (1999), argumenta que os pronomes que aparecem nas frases acima apresentam perda de informação semântica, passando a apresentar um caráter **expletivo**. Lamoglia Duarte (*idem*), neste estudo, defende uma reorganização estrutural em

curso, por meio da qual o PB apresenta elementos à esquerda de V. Ou seja, de acordo com a autora, os resultados atestam uma tendência ao preenchimento à esquerda de verbos existenciais, o que sugere um processo de mudança nessa variante do português.

O estudo seguinte é de Kato (1999). Este trabalho da autora apresenta uma abordagem do parâmetro *pro-drop* que se distancia das outras aqui delineadas, uma vez que Kato (*op.cit.*) questiona a categoria pronominal vazia *pro*.

2.2.4 PROPOSTA DE KATO (1999)

Kato (1999) realiza uma abordagem acerca dos pronomes fortes e fracos no Parâmetro do Sujeito Nulo. Com base em pressupostos do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995), analisa os morfemas de concordância como itens D, na numeração, contendo Caso e traços-*phi*⁷. Segundo a autora, esses morfemas juntam-se aos verbos flexionados em tempo, como seus argumentos externos, ao contrário de outros linguistas que consideram esses morfemas apenas como licenciadores de uma categoria vazia *pro*. Sob a hipótese de Kato, não haveria, então, *pro*. A evidência empírica de sua análise baseia-se em fatos do francês antigo e do português brasileiro moderno. Segundo a autora, nessas

⁷ Traços de número e pessoa (nomenclatura do Programa Minimalista) nos verbos, e de número e gênero nos nomes.

línguas é possível correlacionar a perda de sujeitos nulos com o empobrecimento do sistema flexional. Nesse sistema, houve perda dos traços distintivos de pessoa. Adicionalmente, Kato (*idem*) correlaciona esses fenômenos com o surgimento de um paradigma de pronomes fracos. Essa análise se constitui em versão atualizada (modificada e expandida) de Kato (1995a, 1996 e 1997). Sua hipótese recente (1999) também sugere como analisar sujeitos nulos em gramáticas em emergência.

As conclusões a que Kato (*idem*) chega no seu estudo são as seguintes:

- (i) todas as línguas têm concordância em algum lugar na gramática;
- (ii) Agr pode aparecer afixada ao verbo, ou como itens independentes na numeração;
- (iii) Agr [+pronominal], estando inserida em Spec-VP como argumento externo, adjunge-se a T^o para valorar Caso e traços-*phi*;
- (iv) Pronomes fortes aparecem em Spec- Σ P. Línguas não *pro-drop* exibirão redobro de sujeito.
- (v) A sentença com sujeito nulo na língua da criança é a estrutura de concordância de 3^a pessoa em línguas *pro-drop*;

Entretanto, alguns linguistas discordam quanto à questão de mudança paramétrica em curso. É o que será visto nas próximas seções.

2.2.5 PROPOSTA DE NICOLAU (1995, 1997b)

Nicolau (1995, 1997b) faz uma análise do uso do sujeito nulo falado no Brasil, utilizando um *corpus* extraído de entrevistas com falantes cultos da cidade de São Paulo (dados do NURC). A autora contesta o argumento a favor de mudança paramétrica no PB, no que diz respeito à possibilidade de sujeito nulo. Efetuando análises a partir da teoria P&P (CHOMSKY, 1993, 1995), Nicolau (*op.cit.*) argumenta que a ocorrência de sujeitos nulos registrados no estudo de Paredes da Silva (1988), Menon (1994), Oliveira (1990) e, inclusive, de Tarallo (1983, 1985) e Duarte (1993) é significativa, e não pode ser considerada como evidência para a perda do sujeito nulo no PB.

Nicolau (*op.cit.*) observa, ainda, que os resultados quantitativos dos estudos citados, se investigados sob uma perspectiva variacionista, também não seriam indícios de mudança em progresso. Nas análises dos autores citados por Nicolau (*op.cit.*), o fator **idade** não foi considerado. E, segundo a autora, esse é um fator importante na verificação do **tempo aparente**, o qual permitiria verificar se o sujeito pronominal lexical – variante inovadora – estaria presente na fala dos mais velhos. Se isso fosse confirmado, constituir-se-ia em evidência para mudança em progresso. Dessa forma, Nicolau (*op.cit.*) chega à conclusão de que o PB continua a se apresentar como língua *pro-drop*.

Também argumentado contra a mudança paramétrica está o estudo de Figueiredo Silva (1996), que apresento na próxima seção.

2.2.6 PROPOSTA DE FIGUEIREDO SILVA (1996)

Utilizando o arcabouço teórico da teoria P&P, Figueiredo Silva (1996) analisa dados de gírias faladas na cidade de São Paulo, apresentando um esboço da posição sujeito realizado em PB, em frases finitas ou infinitas. A autora busca alternativas de identificar quais os meios utilizados pelo PB na identificação e interpretação apropriada de sujeitos nulos. Pretende, com este estudo, investigar que condições são impostas para a distribuição das categorias vazias e dos pronomes lexicais na posição de sujeito de uma frase finita. As conclusões de seu estudo revelam que *pro* ainda existe na gramática do PB, mas a falta do traço de pessoa na morfologia verbal torna impossível a localização fora do contexto de um sujeito nulo com interpretação definida. Em contrapartida, em contextos definidos, o PB ainda apresenta sujeitos nulos com interpretação referencial. Assim, a mudança existente não é em relação ao parâmetro em si, mas, ao contrário, está diretamente conectada com os contextos onde *pro* se realiza.

Para chegar a essas conclusões, a autora analisou o comportamento do sujeito nulo em frases matrizes e encaixadas. Figueiredo Silva (*op.cit.*)

argumenta que há uma incompatibilidade entre o sujeito nulo definido e o movimento QU- nas frases matrizes, como mostra o exemplo:

- (22) (a) Comprei um carro ontem
(b) * O que (que) *cv* comprei ontem?
(c) Eu_i , o que (que) cv_i comprei ontem?
(*ibidem*, p. 120, ex. 1)

Segundo a autora, a agramaticalidade de (22b) é um problema do próprio sujeito nulo, sugerindo que esse fenômeno exige uma explicação especial, a qual prevê que a identificação dessa categoria se faz através de um mecanismo relacionado à condição A-barras. Uma categoria vazia é legitimada formalmente em PB e, para sua identificação, ela deve estabelecer uma relação com o sistema CP, considerada a estrutura frasal mais desenvolvida no PB. Para explicar a agramaticalidade de (22b), a autora propõe a representação em (23):

- (23) $TopP$ NP/OP [+pessoa]_i ... [AgrP *cv*]_i... (*ibidem*, p. 128, ex. 17)

Nessa representação, o sintagma nominal ocupa a posição Spec-TopP mais alta desde a base, e a posição Spec-AgrP está liberada para ser ocupada pelo sintagma QU-. A partir dessa análise, é possível verificar que (22b) é agramatical devido à concorrência entre o operador nulo e o sintagma QU- para a mesma posição. Assim, um sujeito nulo numa frase matriz não é compatível com o movimento QU-.

Já em relação ao sujeito nulo nas frases encaixadas, eles ainda existem, porém, com dependência referencial, seja com o sujeito da frase matriz ou com realização lexical de tópico na frase ou no discurso imediatamente precedente. Observem os casos abaixo, que demonstram isso:

(24) A Maria_i disse que *pro*_i canta bem.

(25) A Maria_i, o João disse que *cv*_i comprou um carro. (*ibidem*, p. 129, ex.20b)

(26) [CP *cv*_i/NP_i ...[A_{grP} NP_i...[CP *t*_i que [A_{grP} *t*_i... (*ibidem*, p. 131, ex.23)

Em (24), o sujeito nulo da encaixada é correferente com o sujeito da frase matriz, daí a sua gramaticalidade. Em (25) há também gramaticalidade, já que há correspondência entre o sujeito nulo e o tópico realizado que o precede. A representação desse caso é descrita em (26). Esse exemplo mostra que “(...) o sujeito lexical foi movido para uma posição no sistema CP da frase matriz, passando pelo especificador CP da frase encaixada, ativando assim a concordância no complementador que governará o vestígio na posição sujeito” (*ibidem*, p. 131).

2.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas propostas retomadas até aqui, observa-se que não há concordância entre os linguistas que procederam ao estudo do parâmetro *pro-drop* no PB. Ancorando-se no enfraquecimento da concordância para explicar a diminuição das ocorrências de sujeito nulo referencial nas sentenças, Tarallo (1993), Galves (1993), Lamoglia Duarte (1993, 2003), Kato (1999), Nicolau (1995, 1997) e Figueiredo Silva (1996) caminham em direções bastante distintas e diversificadas, ao assumirem ou não uma provável mudança paramétrica em curso no PB. Essa mudança é concernente ao fato de o PB estar deixando de ser uma língua *pro-drop*, como o PE, para assumir um comportamento típico das línguas de sujeito obrigatório, como o inglês. Dessa maneira, está passando, gradativamente, a apresentar a posição à esquerda de verbos preenchida (cf. LAMOGLIA DUARTE, 2003), possivelmente a posição de sujeito da sentença, i.e., Spec-TP.

Independentemente do fato de ser o PB uma língua *pro-drop* ou não, nota-se que o preenchimento da posição de sujeito, particularmente nos contextos que apresentam sujeito nulo em línguas *pro-drop*, é um fenômeno que se mostra um tanto quanto instigante. Em síntese, estas ocorrências de preenchimento exemplificam a emergência da ordem [XP V (DP)] no PB. Uma vez implementada uma mudança desse tipo, é pertinente afirmar que o PB se

apresenta com um comportamento híbrido em relação ao parâmetro *pro-drop*. Dessa maneira, aceita o sujeito nulo apenas em contextos onde a informação semântica de número e pessoa pode ser recuperada e, ainda assim, em caráter de opcionalidade. Verdadeiras línguas *pro-drop* apresentam, obrigatoriamente, a posição de Spec-TP vazia foneticamente, conforme explicitam Chomsky (1981) e Rizzi (1986, p.15). Conforme Lamoglia Duarte (1995), no PB “a opção parece ficar por conta do uso do pronome pleno quando a interpretação estiver comprometida” (p. 29).

Conforme apresentado, o PB atual tem mostrado uma mudança em sua gramática com referência à ocupação lexical da posição de sujeito. Um dos objetivos centrais desta pesquisa é avaliar a hipótese de que o preenchimento lexical de Spec-TP, em determinados contextos, seja requerido como reflexo da necessidade de valoração de um traço ininterpretável no núcleo T⁰, qual seja, o traço EPP. Antes de apresentar a proposta teórica, apresento, nos próximos capítulos, os dados relevantes que sinalizam para o fato de que há, realmente, a emergência da ordem [XP V (DP)]. Conforme ficará evidente nos próximos capítulos, esse XP pode ser de natureza semântica diversa e parece refletir a estratégia por meio da qual o PB hodierno satisfaz ao traço EPP da sentença.

CAPÍTULO 3: DA NATUREZA SEMÂNTICA DO VERBO

Neste capítulo, tenho por objetivo averiguar a natureza semântica dos verbos que figuram nas construções que exibem a ordem [XP V (DP)] e identificar se esses verbos favorecem ou não a ocupação da posição à esquerda da sentença. Para tal, no decorrer da análise, investigo predicados que tomam como núcleo quatro tipos de verbos, a saber: (i) os inacusativos, (ii) os existenciais, (iii) os atmosféricos e (iv) os denotadores de passagem de tempo. Nas seções nas quais este capítulo se divide, será definido cada um dos verbos envolvidos nos contextos relevantes para a análise, bem como o seu comportamento com referência à estrutura argumental que projetam.

Os verbos escolhidos para análise constituem-se em uma classe especial no PB contemporâneo, tendo em vista que parecem favorecer o preenchimento da posição de sujeito. A ocupação gradativa dessa posição por XPs, particularmente com a subclasse de verbos citados acima, permite levantar a hipótese de que o PB atual tem requerido uma forma diferenciada de valorar o traço EPP, se compararmos com o modo como esse traço é valorado no PB não-contemporâneo. O traço EPP, segundo Holmberg (2000, p. 456), é um traço “que requer que a posição de Spec-TP seja preenchida lexicalmente em todas as

sentenças finitas”. Segundo o autor, o traço EPP também pode ser concebido como o traço P (de *phonological*), uma versão do primeiro, sendo responsável por exigir o preenchimento fonológico da posição de Spec-TP, seja por meio da inserção de um XP, seja por meio do movimento visível de um argumento do verbo para esta posição. Essa definição do traço EPP, conforme Holmberg, diferencia-se da definição deste mesmo traço feita por Chomsky (1995), que o concebe como sendo o traço D, cuja propriedade é a de atrair um DP para Spec-TP⁸. Segundo Chomsky (*op.cit.*),

(...) substantivos e verbos principais não têm traços fortes, e um traço forte sempre requer uma certa categoria em seu domínio de checagem (não traços de Caso nem traços-*phi*). Segue que o movimento visível de β para o alvo α , formando [Spec, α] ou [α β α], é possível apenas quando α é não-substantivo e um traço categorial de β é envolvido na operação. Então, o Princípio de Projeção Estendido (EPP) plausivelmente se reduz a um traço D-forte de I (...) (p. 232).⁹

Para Holmberg, no entanto, o traço D se difere do traço EPP, no sentido de que o primeiro não demanda a ocupação lexical da posição de especificador

⁸ Segundo Adger (2003, p.215), “*T bears an interpretable tense feature, an uninterpretable nominative feature and a strong uninterpretable N feature. Because of a historical accident, this uN* feature on T is called the EPP feature*”.

⁹ Texto original: “(...) *nouns and main verbs do not have strong features, and a strong feature always calls for a certain **category** in its checking domain (not, say, Case or Φ -features). It follows that overt movement of β targeting α , forming [Spec, α] or [α β α], is possible only when α is nonsubstantive and a categorial feature of β is involved in the operation. Thus, the Extended Projection Principle (EPP) plausibly reduces to a strong D-feature of I*” (CHOMSKY, 1995, p.232).

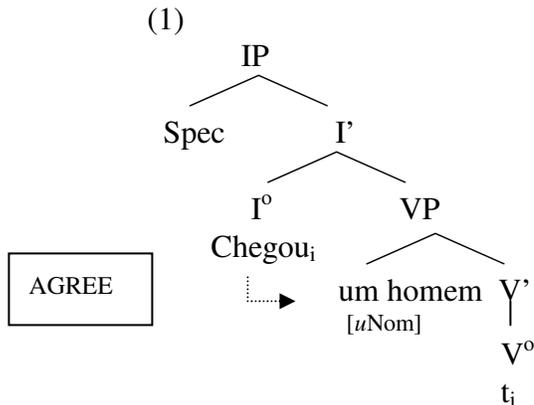
de TP, podendo ser valorado, inclusive, pela concordância verbal, quando esta é D-marcada¹⁰, i.e., quando é forte; já EPP requer que esta posição seja preenchida por algum elemento foneticamente realizado. Nessa linha de raciocínio, a minha intenção é averiguar como este traço tem sido valorado no PB atual, haja vista o fenômeno do preenchimento da posição de Spec-TP por XPs de natureza categorial diversa e o enfraquecimento da concordância. Essa análise será realizada no capítulo 6, onde apresentarei minha proposta teórica.

Este capítulo está organizado em cinco seções, a saber: na seção 3.1, analiso as construções inacusativas; na seção 3.2, investigo construções com verbos existenciais; na seção 3.3, abordo as construções com verbos atmosféricos; já a seção 3.4 apresenta a análise da natureza semântica dos verbos em construções que denotam passagem de tempo. Os dados relevantes selecionados dos *corpora* para serem incluídos e analisados nessas seções servirão de base para a proposta teórica a ser delineada no capítulo 5. Na última seção (3.5), exponho as principais ideias retiradas das análises realizadas no capítulo. Passemos, então, à análise das ocorrências dos tipos de verbo.

¹⁰ Segundo KATO (1999), Agr (+pronominal) pode ser inserida em Spec-VP como seu argumento externo, adjungindo-se a T para checar Caso e traços-*phi*, “e a cadeia então formada é interpretada como tendo todas as propriedades de um sujeito temático em LF” (p. 34).

3.1 CONSTRUÇÕES INACUSATIVAS

No âmbito da gramática gerativa, assume-se que verbos inacusativos são aqueles que c-selecionam apenas um argumento nuclear com papel theta de “afetado”, gerado em Spec-VP. Configurações com verbos inacusativos não projetam a estrutura vP, já que não introduzem um DP com papel theta de agente e, por esta razão, não atribuem o Caso acusativo ao seu único argumento. Essa é a razão por que esses verbos são chamados de inacusativos pela literatura gerativista. Outra característica importante é que o único argumento do verbo inacusativo pode aparecer na sua posição de base, ocupando, por essa razão, a posição à direita do verbo, emergindo a ordem [VS] nas línguas de sujeito nulo e a ordem [XP V S] em línguas de sujeito obrigatório. Nessa configuração, o DP terá o seu traço de Caso valorado à distância, por meio da operação AGREE, que se dá entre o núcleo I e o DP que ocupa a posição de argumento do verbo (CHOMSKY, 1998). A estrutura abaixo mostra como o Caso do único argumento nuclear do verbo inacusativo é valorado no curso da derivação sintática:



Os dados a seguir têm por objetivo mostrar os contextos em que XPs de natureza adverbial figuram à esquerda de verbos inacusativos, com o conseqüente surgimento da ordem [XP V (DP)]:

- (2) *Lá* vai a seleção brasileira para o jogo contra a Bolívia. (FALA ESPONTÂNEA)
- (3) Será que *aqui* cabe um Mundo? (BLOG, ACESSO EM 20/03/09)
- (4) E também *aí* veio a perca da mãe dela pra cá... (CORPUS DE FALA DE ITAÚNA)
- (5) *Lá* vem eles com mentira. (FALA ESPONTÂNEA)
- (6) *Aí* vem ele. (FALA ESPONTÂNEA)
- (7) *Ali* falta quase tudo. (CORPUS DE FALA DE ITAÚNA)

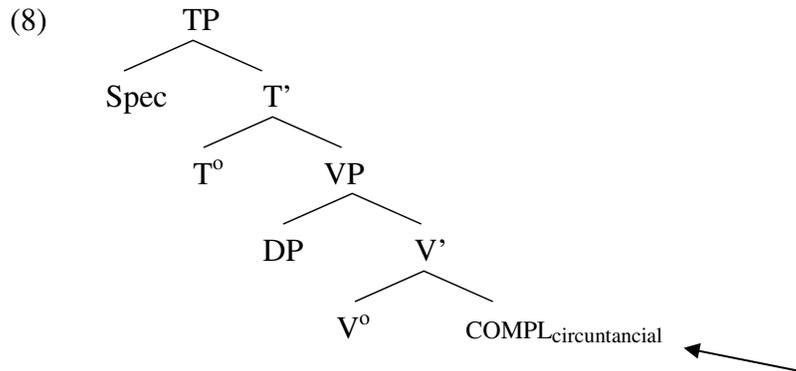
Os dados colhidos até o momento apontam para uma preferência pela ocupação da posição na periferia esquerda de verbos inacusativos, posição esta que curiosamente coincide com aquela normalmente ocupada pelo sujeito,

quando este vem na sua posição canônica. Ademais, nota-se que, nos contextos acima, é possível perceber o preenchimento dessa posição por advérbios com valor semântico de tempo e, principalmente, de lugar. Interessante notar, também, é que alguns desses advérbios aparecem nitidamente expletivizados, como é possível observar nos exemplos (4), (5) e (6), com os advérbios aí e lá.

A ocorrência de itens adverbiais na posição de Spec-TP pode ser possivelmente interpretada como motivada pelo tipo de verbo na sentença. Determinados verbos intransitivos, tomando como exemplo os verbos de movimento, sempre aparecem com um elemento adverbial à sua direita. Segundo Rocha Lima (2001, p. 340), muitos dos verbos tradicionalmente classificados como intransitivos devem ser rotulados como verbos transitivos circunstanciais, uma vez que requerem um complemento adverbial de lugar (Kury, 1993, p.32). Assim, os elementos adverbiais funcionariam como argumentos dos verbos. De acordo com Gomes (2006, p. 60),

a função argumental dos circunstanciais é mais saliente para os locativos que preenchem a valência de verbos com o traço [+locativo], como *ir, partir, seguir, vir, voltar, estar, ficar, morar, permanecer, colocar, por, situar, etc.* Moura Neves (2002: 255) destaca que o circunstancial com função argumental “preenche uma casa de valência do verbo, pertencendo ao sistema de transitividade”. Nesses casos, a variabilidade do circunstancial fica restringida pelo fato de ele constituir um argumento do verbo e ficar sujeito às mesmas restrições ao movimento que atingem os argumentos verbais prototípicos.

Dessa forma, quando os elementos adverbiais aparecem na posição de argumento interno do verbo, eles devem ser inseridos na posição de argumento interno do núcleo (verbo) e não na posição de adjunção ao VP. Tal fato nos permite assumir que eles, realmente, devem ocupar uma posição interna ao VP, conforme é possível visualizar pela configuração em (8):

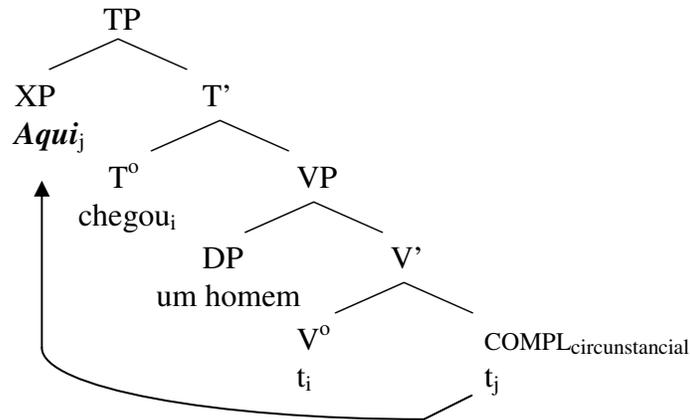


Tomando por base os dados arrolados e a configuração sintática acima, poderíamos levantar duas hipóteses com relação ao aparecimento de elementos adverbiais à esquerda da sentença, a saber:

- (i) há sim deslocamento do advérbio para a posição de Spec-TP;
- (ii) esse deslocamento será motivado por necessidade de valoração de algum traço ininterpretável do núcleo T°.

Sendo assim, esses advérbios ocuparão a posição de Spec-TP, conforme ilustro pela configuração sintática a seguir:

(9) *Aqui* chegou um homem bom... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)



A estrutura acima mostra, assim, que, quando o único argumento do verbo inacusativo não se move e quando há um elemento de natureza adverbial na sentença, este advérbio pode sim deslocar-se para a posição de Spec-TP, de modo a valorar o traço EPP da sentença. Nesta estrutura, o adverbial na posição de complemento do verbo move-se para a posição de Spec-TP, saltando uma posição de especificador, porque este último faz parte da mesma projeção máxima à qual pertence o complemento adverbial. Isso quer dizer que não há violação à Condição do Elo Mínimo, como aparentemente é indicado (ver RIZZI, 1988).

Outra observação a ser feita é que os dados arrolados até agora apresentam uma grande quantidade de sujeitos pós-verbais, em construções com verbos inacusativos, conforme mostram os exemplos de (2) a (7), repetidos aqui como (10) a (15):

- (10) **Lá** vai a seleção brasileira para o jogo contra a Bolívia. (FALA ESPONTÂNEA)
- (11) Será que **aqui** cabe um Mundo? (BLOG, ACESSO EM 20/03/09)
- (12) E também **aí** veio a perca da mãe dela pra cá... (CORPUS DE FALA DE ITAÚNA)
- (13) **Lá** vem eles com mentira. (FALA ESPONTÂNEA)
- (14) **Aí** vem ele. (FALA ESPONTÂNEA)
- (15) **Ali** falta quase tudo. (CORPUS DE FALA DE ITAÚNA)

Uma das propriedades que caracterizam uma determinada língua como sendo de sujeito nulo¹¹ é o fato de poder, por exemplo, licenciar a ordem [VS], principalmente em construções que tenham como núcleo verbos inacusativos. Diferentemente da ordem [VS], que era recorrente no PB não-contemporâneo, o que se observa é que o PB contemporâneo tem permitido cada vez mais o preenchimento da posição à esquerda, nas construções [VS] com verbos inacusativos, emergindo assim a ordem [XP V (DP)]. Berlinck (1989) retrata o decréscimo da ordem [VS] nas frases afirmativas do século XVIII, que correspondiam a 42% de ocorrências, para 31% no século XIX e, em seguida, para 21 % no século XX, conforme mostramos pela tabela abaixo:

¹¹ Conforme delineado no capítulo 1, Chomsky (1981) aponta o seguinte conjunto das propriedades relacionadas do parâmetro *pro-drop*: a) sujeito nulo; b) inversão livre; c) extração do sujeito à distância; d) resumptivo nulo do sujeito; e) ausência do efeito *that-t*.

TABELA 2
Frequência da ordem VS (BERLINCK, 1989, tabela 5
in TARALLO, 1992)

Séc. XVIII	42%
Séc. XIX	31%
Séc. XX	21%

Com relação ao preenchimento à esquerda de verbos no PB atual, uma possibilidade existe de que essa posição equivalha à posição de Spec-TP. Assim sendo, na ausência de sujeito nessa posição sintática, a presença de um XP à esquerda do verbo faz-se necessária para satisfazer ao EPP. A intuição é que a emergência da ordem [XP V (DP)], muito recorrente nas construções inacusativas, parece evidenciar uma importante distinção gramatical entre o PB contemporâneo e o PB não-contemporâneo, já que a posição à esquerda, no PB não-contemporâneo, é ocupada por elemento pronominal sem conteúdo fonético. É o que pode ser visto no exemplo abaixo, do PB não-contemporâneo:

(16) ___ Chegaram [todos os livros] que Pedro tinha encomendado.

(SILVA, 2004, p. 45)

Comparando este exemplo do PB não-contemporâneo com os dados do PB atual, fica evidente uma importante distinção gramatical. O PB não-contemporâneo permite que a posição de Spec-TP fique vazia, enquanto, no PB

atual, essa posição começa a ser preenchida por XPs de natureza sintático-semântica variada. As duas variantes em questão realmente não se comportam da mesma maneira nesse contexto. Essa evidência, qual seja, o comportamento diferenciado no que diz respeito à ocupação de Spec-TP nas duas variantes do português, sinaliza, mais uma vez, para uma mudança sintática que tem ocorrido no PB atual no que concerne à possibilidade de engatilhar sujeitos nulos, ou não.

Na próxima seção, serão examinadas as construções com verbos existenciais, que também parecem constituir-se em outro contexto que tem propiciado o preenchimento da posição de Spec-TP.

3.2 CONSTRUÇÕES COM VERBOS EXISTENCIAIS

Os dados que serão apresentados nesta seção referem-se a construções com verbos chamados, pela literatura tradicional, de existenciais. A opção por arrolar, neste trabalho, verbos dessa natureza deve-se ao grande número de ocorrências de construções existenciais com a posição à esquerda do verbo preenchida por XPs de natureza categorial diversa. Em PB não-contemporâneo, predicados com verbos existenciais apresentavam a posição de sujeito nula, pois os mesmos constituem uma subclasse de verbos chamados de impessoais, pela gramática tradicional. Por essa razão, estes verbos não apresentam a

posição de sujeito ocupada com material foneticamente realizado, conforme os dados a seguir:

(17) Ainda ___ há jasmins (...). (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 129)

(18) ___ Havia três quadros do pintor. (*op. cit.*, p. 130)

Entretanto, o PB atual tem apresentado a posição à esquerda de verbos existenciais preenchida, conforme se pode visualizar nos exemplos abaixo:

(19) **Lá** teve gente a tirá nove litros... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

(20) Diz que **lá** tinha um treim lá... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

(21) Dizem que o... que **lá** tinha mesmo... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

(22) Dizem que ... **lá** teim um engenho na fazenda... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

Este curioso comportamento com relação ao preenchimento da posição de Spec-TP em construções com verbos existenciais sinaliza para a maneira como o PB atual satisfaz ao traço EPP da sentença. Isso significa que tem surgido uma opção de preenchimento da posição de sujeito no PB atual, cuja consequência direta seria o engatilhamento de uma mudança paramétrica nessa língua. Nessa linha de raciocínio, o PB está deixando, gradativamente, de licenciar sujeitos nulos, e passando a preencher a posição de Spec-TP nas construções com verbos existenciais.

No âmbito da gramática gerativa, em sua versão de Princípios e Parâmetros (P&P), existe o pressuposto de que a posição de Spec-TP é sempre preenchida por uma categoria vazia ou lexical, dependendo do caráter da língua. Ou seja, numa língua de sujeito nulo, como o PE, a posição é ocupada com pronominal foneticamente vazio, *pro*¹², conforme o exemplo (21), abaixo.

(23) *pro* Há várias crianças no jardim. (RAPOSO, 1992, p. 484)

Já numa língua de sujeito obrigatório, como o inglês, essa posição deve ser preenchida foneticamente por elemento expletivo, de acordo com o dado em (24):

(24) *There* are several children in the garden. (*ibidem*, p. 485)

Segundo Cunha e Cintra (2001), orações como (17), (18) e (23) seriam classificadas como “orações sem sujeito”, uma vez que, nelas, “interessa-nos o processo verbal em si, pois não o atribuímos a nenhum ser. Diz-se, então, que o verbo é IMPESSOAL; e o sujeito, INEXISTENTE.” (p. 129). Em contrapartida, os gerativistas interpretam casos, como esses, como “orações com sujeito nulo”. Em inglês, uma língua de sujeito obrigatório, essa posição é obrigatoriamente preenchida por elemento fonético expletivo, como explicitado no exemplo (24).

¹² A categoria pronominal vazia *pro* tem sido questionada por alguns linguistas, como Kato (1995) e Holmberg (2000). Minha proposta teórica aponta também nessa direção. Todavia, a título de explanação das variações que têm ocorrido, apresentamos ainda essa categoria.

Segundo Raposo (1992), “em Português¹³, o sujeito não-referencial (expletivo) de uma oração impessoal ou de uma oração com um verbo meteorológico é obrigatoriamente nulo (no dialecto padrão), ao passo que em Inglês é obrigatoriamente fonético.” (p. 482). Contrariamente ao que acontece no PE e ao que aconteceu no PB não-contemporâneo, o que vemos ocorrer no PB hodierno, conforme já visualizado acima, é a ocupação de itens XPs de natureza categorial diversa à esquerda de verbos existenciais. Outros exemplos podem ser vistos a seguir:

(25) **Isso** havia muito nas discotecas dos anos 70. (FALA ESPONTÂNEA)

(26) **Lá** há dias como este. (BLOG, ACESSO EM 20/03/2009)

(27) Espaço Medea – **lá** há cinema. (BLOG, ACESSO EM 20/03/2009)

(28) **Agora** tem festa em Manhumirim. (ANÚNCIO PUBLICITÁRIO)

(29) **Aqui** tem de tudo. (FALA ESPONTÂNEA)

(30) **A vida** tem muita tristeza. (FALA ESPONTÂNEA)

Conforme notado nos dados de (25) a (30), itens XPs de natureza categorial diversa aparecem ocupando a posição à esquerda dos verbos “haver” e “ter” (no sentido de “haver”). Lamoglia Duarte (2003), conforme observado no capítulo 2, realizou uma pesquisa examinando exatamente os mesmos contextos de preenchimento que apresento nesta seção. Seu trabalho visou à análise da realização plena de pronominal na posição de sujeito, bem como do

¹³ Raposo (1992) refere-se aos dados do Português Europeu.

papel das expressões locativas e temporais figurando nessa posição. A autora concluiu que esses elementos realmente ocupam posição estrutural de sujeito, e que a ocorrência de “ter” no lugar de “haver” reflete uma tendência ao preenchimento à esquerda. Para tanto, durante sua argumentação, utilizou a hipótese de Viotti (1999) “de que a preferência por ‘ter’ em detrimento de ‘haver’ seria explicada justamente pela possibilidade da construção pessoal, com o alçamento do locativo para a posição de sujeito” (LAMOGLIA DUARTE, *op.cit.*, p. 4).

Os dados de (25) a (30), acima, parecem justamente confirmar a hipótese de Lamoglia Duarte (*op.cit.*), segundo a qual há uma tendência ao aumento gradativo da ocupação à esquerda em predicados existenciais, evidenciando uma possível mudança paramétrica em curso, no PB atual, em relação à perda da propriedade de sujeito nulo nessas construções.

O comportamento dos itens que se encontram no que parece ser a posição de Spec-TP em construções existenciais é análogo ao comportamento daqueles que ocupam a posição à esquerda de verbos inacusativos, evidenciados na seção anterior. Pode-se conjecturar, então, que os XPs na posição à esquerda do verbo nesses dois tipos de construções emergem na gramática do PB como reflexo de um epifenômeno mais geral no PB contemporâneo, a saber:

- (i) as diferentes maneiras de satisfação a EPP;
- (ii) o surgimento da ordem [XP V (DP)], em substituição à ordem [VS].

Os dados arrolados até o momento com os existenciais apresentam algumas construções interessantes, com o item adverbial que aparece na posição de sujeito redobrado. Esse redobramento parece apontar para uma estratégia de expletivização do primeiro item adverbial, conforme se observa no exemplo (31), abaixo:

(31) Diz que lá tinha um trem lá. (FALA ESPONTÂNEA)

(32) Aí tem mais uma questão interessante: a liberdade. (FALA ESPONTÂNEA)

Pelo que se observa no dado em (31), o elemento adverbial lá, na posição de sujeito, perde informação semântica, passando a se comportar, dessa maneira, como expletivo. O valor semântico de “lugar” está presente apenas na segunda ocorrência de lá. Já na frase em (32), não temos o redobro do adverbial. No entanto, o item aí não expressa sentido de localidade, exibindo também um comportamento de item expletivizado, ocupando a posição à esquerda do verbo existencial por outra necessidade sintática, não para impingir à frase um valor adverbial de lugar.

Durante a observação dos dados, surgiu uma dúvida com relação ao estatuto do item aí, no sentido de considerá-lo como locativo ou como marcador

discursivo (MD). Não obstante, para diferenciar as várias ocorrências do item, optei por seguir um critério prosódico – o MD apresenta pausa na pronúncia com relação ao item que o segue. Assim, eliminei da seleção do banco de dados os marcadores discursivos, cuja pausa denota que ele ocupa uma posição no domínio C/TP, conforme se vê pelos exemplos a seguir:

(33) *Aí*, ele chegou e sentou no sofá. (FALA ESPONTÂNEA)

(34) *Aí*, quando meu pai entrou, me pegou com a boca na botija.
(CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

(35) *Aí*, quando você chegar, você me avisa. (FALA ESPONTÂNEA)

(36) *Aí*, você deve pensar bastante... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

Na próxima seção, investigo os contextos de preenchimento à esquerda em outro tipo de verbo impessoal, mais precisamente de verbos que denotam fenômenos da natureza, também conhecidos na literatura como verbos “atmosféricos”.

3.3 CONSTRUÇÕES COM VERBOS ATMOSFÉRICOS

Verbos atmosféricos são considerados como impessoais pela gramática tradicional¹⁴. Na análise dos dados do PB não-contemporâneo, observa-se que a

¹⁴ Segundo Cunha & Cintra, verbos ou expressões que denotam fenômenos da natureza indicam casos de inexistência do sujeito e, por isso mesmo, são chamados de “impessoais” (2001, p. 129).

posição à sua esquerda não costuma vir preenchida por quaisquer itens XPs, conforme se observa pelos exemplos a seguir:

(37) ___ Anoitecia e tinham acabado de jantar. (CUNHA & CINTRA, *op.cit.*, p. 129).

(38) ___ Amanheceu a chover. (*ibidem*)

No âmbito da teoria de P&P, postula-se a existência de um pronome nulo expletivo que ocupa a posição de sujeito nos exemplos (37) e (38). Diferentemente do que se observa no PB não-contemporâneo, no PB atual vê-se que há uma tendência cada vez maior de a posição à esquerda dos verbos atmosféricos vir preenchida, conforme ilustram os exemplos a seguir:

(39) **Agora** tá chovendo. (FALA ESPONTÂNEA)

(40) **Aqui** neva sempre. (FALA ESPONTÂNEA)

(41) **A chuva** tá chovendo grossa. (FALA ESPONTÂNEA)

(42) **Este dia** choveu muito. (FALA ESPONTÂNEA)

(43) **Essa noite** tá ventando muito. (FALA ESPONTÂNEA)

Nos dados (39) e (40), um adverbial está alocado à esquerda do verbo; de (41) a (43), um DP ocupa essa posição. É curioso observar o comportamento dos DPs nos três últimos exemplos, no sentido de que eles podem servir como evidência a favor do preenchimento, de fato, da posição de sujeito. Um dado

como este, em PB não-contemporâneo, poderia ser produzido da seguinte maneira, conforme o dado (42), acima, reproduzido, aqui, como (44):

(44) Choveu muito neste dia.

Se o item à esquerda do verbo, em (42), funcionasse meramente como um adverbial adjunto à esquerda, a sentença teria a estrutura em (45):

(45) [Neste dia_i, choveu muito t_i].



A presença da vírgula, em (45), é prototípica, segundo a gramática tradicional, do deslocamento de expressões, como adverbiais, para a posição inicial da sentença, impingindo à frase uma leitura com elementos focalizados. No entanto, no dado (42), a vírgula não aparece, e a expressão deslocada perde a preposição. Frente a essa situação, algumas questões podem ser levantadas, como:

- (i) por que os advérbios agora e aqui figuram na posição à esquerda?
- (ii) estaria isso conectado com satisfação a EPP?

Uma resposta a essas perguntas será buscada no capítulo onde desenvolveremos nossa proposta teórica.

Na próxima seção, o objetivo é averiguar os contextos em que há preenchimento à esquerda em contextos com verbos que denotam tempo transcorrido.

3.4 CONSTRUÇÕES COM VERBOS DENOTADORES DE PASSAGEM DE TEMPO

No português não-contemporâneo, nota-se que verbos que denotam passagem de tempo apresentavam sistematicamente a posição de sujeito não preenchida, conforme ilustra o dado a seguir:

(46) ___ Fazia tempo que ninguém tocava nesse assunto. (FARACO & MOURA, 2000, p. 438)

Segundo Faraco e Moura (*op.cit*), este é um caso de “orações, em português, que são formadas apenas por predicados. Por isso, **não têm sujeito**¹⁵” (p. 438). Todavia, os dados do PB contemporâneo contradizem as expectativas estipuladas pelos autores, tendo em vista que a posição de sujeito pode, sim, vir preenchida pelos pronomes eles/ele, conforme atestam os exemplos a seguir:

(47) **Eles** fazia tempo que eu não via. (FALA ESPONTÂNEA)

(48) **Ele** fez dois anos de namoro. (FALA ESPONTÂNEA)

Os pronomes nos dados acima parecem ter sido deslocados da posição de argumento do verbo “ver”, em (47), para a posição de Spec-TP. Ou, então, inseridos diretamente nessa posição, conforme ilustra o dado em (48),

¹⁵ Grifo meu.

possivelmente para não deixar a posição de sujeito vazia foneticamente. As operações de “deslocamento” e “merge” citadas aqui serão devidamente exploradas no capítulo no qual apresentarei a proposta teórica.

Na próxima seção, apresento as principais ideias que surgiram no decorrer deste capítulo.

3.5 RESUMO DO CAPÍTULO

Partindo da descrição dos dados apresentados neste capítulo, é possível apontar as seguintes constatações:

- (i) predicados que tomam como núcleo verbos inacusativos, existenciais, atmosféricos e denotadores de tempo decorrido têm tendido a apresentarem a posição de Spec-TP ocupada no PB atual;
- (ii) a ocupação de Spec-TP com verbos dessas naturezas semânticas tem sido efetuada por elementos, principalmente de natureza adverbial, mas também pronominais e DPs;
- (iii) o comportamento desses XPs à esquerda dos verbos analisados tem desencadeado o surgimento da ordem [XP V (DP)] no PB atual;
- (iv) os itens preenchedores da posição à esquerda dos verbos listados neste capítulo parecem realmente ocupar a posição de Spec-TP, levando-nos à hipótese de que a sua emergência na gramática do PB atual seja decorrência de uma necessidade de atender possivelmente a um requerimento de valoração do traço EPP;
- (v) o preenchimento da posição do sujeito com os verbos apresentados neste capítulo sinaliza para uma possível mudança no PB atual com relação ao parâmetro do sujeito nulo.

No próximo capítulo, meu objetivo é apresentar os elementos que têm aparecido ocupando a posição de sujeito no PB atual, descrevendo-os com base em sua natureza semântica. Conforme será visto, itens de natureza diversificada têm aparecido preenchendo Spec-TP, e alguns deles parecem, realmente, funcionar como *expletivos*, com a função específica de valorar EPP.

CAPÍTULO 4: O ESTATUTO SEMÂNTICO DOS XPs EM CONSTRUÇÕES COM A ORDEM [XP V (DP)]

Este capítulo visa à análise da natureza semântica dos XPs que ocupam a posição à esquerda do verbos nas estruturas que exibem a ordem sintática [XP V (DP)]. O que se nota é que esses itens apresentam natureza semântica diversa, exibindo muitas vezes perda de informação semântica, conforme se vê no exemplo abaixo:

- (1) *Lá* tinha *lá*, mas ela começou a roubar o sítio. (CORPUS DE DALA DE ITAÚNA)

Por essa razão, o foco deste capítulo será descrever a ocorrência desses itens nos vários contextos sintáticos em que figuram, no intuito de identificar o seu estatuto gramatical nesta posição. A hipótese preliminar que almejo avaliar, particularmente na parte da proposta teórica dessa dissertação, é se esses itens são acionados, no momento sincrônico, para valorar o traço EPP da sentença, tendo em vista que a nossa hipótese é que o PB perde a propriedade de sujeito nulo nas construções [XP V (DP)], que começam a emergir no sistema atual.

O capítulo está dividido em cinco seções, a saber: na primeira seção, apresento os dados relativos à ocupação de Spec-TP por itens adverbiais com predicados cujos núcleos constituem-se de verbos inacusativos; na seção 4.2, analiso o preenchimento dessa posição por XPs adverbiais em construções

transitivas, com leitura indeterminada; em seguida, apresento os dados relevantes com ocupação da posição de sujeito por pronomes fracos; na penúltima seção, analiso o estatuto dos itens “você” e “eles” em construções generalizadas, focalizando a sua função de preenchedor de Spec-TP; e, finalizando, apresento, na última seção, o resumo do capítulo. Todos os dados apresentados da primeira à penúltima seção equivalem-se aos exemplos relevantes retirados dos *corpora* analisados, com a intenção de avaliá-los segundo o estatuto semântico dos XPs alocados à margem esquerda dos verbos presentes nessas construções, que evidenciam a ordem [XP V (DP)]. Começamos, então, pela descrição dos dados que contêm XPs diversificados alocados à periferia esquerda dos verbos.

4.1 ADVÉRBIOS

A análise dos dados colhidos até o momento demonstra que os itens XPs que ocupam a posição à esquerda do verbo correspondem, muitas vezes, a advérbios leves, como, por exemplo, os itens lá, aqui, aí, ali, agora. Notem que, embora esses adverbiais possam vir à direita do verbo, há certa preferência, nos dados, de eles virem à esquerda dos verbos nas sentenças, situação que, possivelmente, explica a razão por que cada vez mais a ordem [XP V (DP)] se insinua no sistema gramatical do PB contemporâneo.

Observem os exemplos abaixo:

- (2) Alguém vive *aqui*.
- (3) ?*Aqui* alguém vive.
- (4) Alguém, *aqui*, vive.
- (5) *Aqui* vive alguém.
- (6) *Lá* vai a seleção brasileira para mais um jogo contra a Venezuela.
- (7) A seleção brasileira vai *lá* para mais um jogo contra a Venezuela.
- (8) ???vai a seleção brasileira para mais um jogo contra a Venezuela *lá*.
- (9) ???? A seleção brasileira vai para mais um jogo contra a Venezuela *lá*.

Notem que, no exemplo (2) acima, o item adverbial ocupa a posição à direita do verbo, enquanto a posição de sujeito encontra-se ocupada pelo DP sujeito “alguém”. Se, porventura, nessa sentença, este DP ficasse retido em posição pós-verbal, a posição de sujeito estaria desocupada. Em tal contexto, o que se observa, a partir da análise dos dados colhidos até o momento, é que o elemento adverbial pode vir deslocado para a posição à esquerda do verbo, a qual coincide justamente com a posição canônica de sujeito, resultando assim na seguinte ordenação dos constituintes.

- (10) [*Aqui*_i vive alguém t_i].

Uma questão que a nossa análise terá de responder, durante esta pesquisa, é até que ponto a inversão observada em (10) está ou não conectada com:

- (i) a valoração do traço-EPP;
- (ii) o fato de o PB estar perdendo a propriedade de licenciar sujeitos nulos;
- (iii) a natureza sintático-semântica do verbo nessas estruturas.

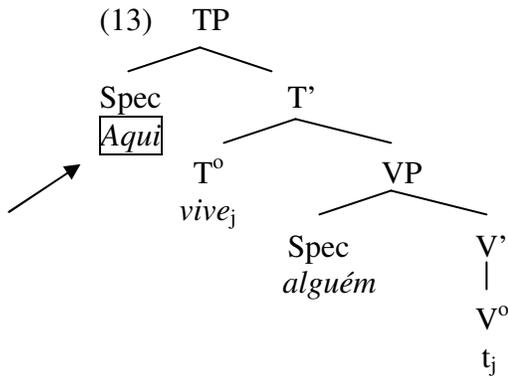
No intuito de buscar uma explicação unificada para as três perguntas acima, assumirei preliminarmente que a ocorrência do adverbial “aqui”, no exemplo (10), é engatilhada para satisfazer ao traço EPP da sentença. Sendo assim, uma consequência direta dessa análise é a de que esse adverbial possivelmente ocupa a posição de Spec-TP. Uma evidência para tal análise pode ser notada pelo fato de que, quando o advérbio e o argumento nuclear coocorrem antes do verbo, a sentença fica um tanto degradada, conforme mostram os exemplos a seguir:

(11) ?*Aqui* alguém vive.

(12) Alguém, *aqui*, vive.

Observem que a estranheza do dado em (11) parece estar diretamente relacionada ao fato de o sujeito “alguém” e o advérbio “aqui” ocuparem uma mesma posição estrutural na sentença. Minha hipótese é a de que esta posição

equivale à posição de sujeito, mais precisamente a posição de Spec-TP, conforme mostra a configuração sintática abaixo:



Notem que a mesma situação sintática se dá nos dados abaixo, retirados dos *corpora* colhidos até o momento, em que elementos adverbiais de natureza semântica variada ocupam sistematicamente a posição à esquerda de predicados contendo verbos inacusativos e existenciais:

(14) “Ah... **lá** vô pro lado de Bri Campo”... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

(15) Pronto... Felim... do João Rudrigues... e **aí** vai... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

(16) “**Ali** falta quase tudo” (CORPUS DE FALA DE ITAÚNA)

(17) Será que **lá** cabe um Mundo? (BLOG, ACESSO EM 20/03/09)

(18) **Agora** existia muita mentira sobre esses negócio desses... desses bicho... (CORPUS DE FALA DE ITAÚNA)

(19) **Aí** chegô uma mulher e me perguntô assim... (CORPUS DE FALA DE ITAÚNA)

Vejam que, em todos os exemplos acima, está nítida a ocupação da posição à esquerda por elementos adverbiais, como os itens lá, ali, agora e aí. Por essa razão, o que nossa análise terá de delimitar é se esses itens também ocupam a mesma posição sintática do advérbio aqui na configuração arbórea proposta em (13). Minha hipótese é a de que essa posição corresponde sim à posição de Spec-TP, ou seja, a posição gramatical de sujeito da sentença.

Outro fato digno de nota tem a ver com as características semânticas desses itens. O que se observa é que, de fato, alguns desses advérbios perdem seu valor semântico original, visto que, quando ocupam a posição à esquerda, não denotam mais o seu significado. A título de comparação, apresento o exemplo (20), em que o advérbio ainda parece denotar valor semântico, no dado abaixo, de “locativo”, contrariamente aos dados de (21) a (24), que serão apresentados mais adiante:

(20) ***Aqui*** costuma ter shows, coisas assim...

Notem que o locativo aqui, no exemplo em (20), ainda guarda valor semântico. Contudo, há ainda outros dados que deixam entrever que certos itens adverbiais apresentam características de expletivos, uma vez que tais advérbios não possuem conteúdo semântico específico, conforme indicam os exemplos a seguir:

(21) Tava tudo muito bem, sabia que *lá* vinha bomba. (BLOG, 20/03/2009)

(22) *Lá* vinha a chuva... (BLOG, 20/03/09)

(23) Era eu falar que queria furar a orelha e pimba, *lá* vinha ele reclamando nervoso comigo (BLOG, 20/03/09)

(24) *Lá* vem o Lula com mais impostos. (FALA ESPONTÂNEA)

Minha intuição é a de que o acionamento do adverbial lá, nos exemplos acima, está possivelmente sendo requerido apenas por questões exclusivamente de ordem sintática, mais precisamente, para satisfazer ao traço EPP da sentença. Esse fenômeno pode estar correlacionado com o fato de o PB estar perdendo a propriedade de licenciar o sujeito nulo, particularmente nos contextos em que começa a emergir a ordem sintática [Adv V (DP)]. Uma possibilidade de análise é a de que os advérbios, que começam a ser acionados nestas estruturas, sejam reinterpretados como (quase)-expletivos. A razão é simples: o PB contemporâneo, ao deixar de licenciar sujeitos nulos, e por não ter na sua gramática interna itens expletivos como ocorre no inglês e no francês, passa a acionar determinados advérbios que funcionariam como expletivos, particularmente nas construções contendo verbos inacusativos, existenciais e certos transitivos com valor impessoal. A expletivização de tais advérbios resultaria de um amplo processo de “gramaticalização”¹⁶, a exemplo do que

¹⁶ A gramaticalização é o processo pelo qual determinadas construções linguísticas que ocupam categorias lexicais passam a ter um comportamento gramatical, ou, já se apresentam como parte do gramatical, mas passam a funcionar de forma a se tornarem ainda mais gramaticalizadas.

parece ter ocorrido com o advérbio “*there*” do inglês que, expletivizado, figura na posição de sujeito justamente em construções existenciais e inacusativas para permitir a valoração do traço EPP dessas sentenças, conforme indicam os exemplos do inglês a seguir:

(25) ***There*** stands a statue downtown.

(26) ***There*** is a man in the room.

Segundo Vitral e Ramos (2006, p. 84), a expletivização pode ser considerada como uma etapa ulterior dos ciclos de gramaticalização de determinados itens que passam de lexicais a funcionais. Esses ciclos são descritos pelos autores da seguinte maneira:

Item lexical > item funcional > expletivo

Uma evidência que nos autoriza a postular que, de fato, está se processando um ciclo de expletivização de determinados itens locativos no PB, advém de dados com o locativo redobrado, conforme nos mostram os exemplos a seguir:

(27) Ah... ***lá*** vão lá... pa vê que que dá...

(28) ***Lá*** vai pro colégio... eu ia pro boteco.

Segundo Hopper e Traugott, “*grammaticalization is the study of grammatical forms, however defined, viewed as entities undergoing processes rather than as static objects*” (1993, p.18).

Em ambos os dados, o esvaziamento semântico do advérbio locativo lá fica evidenciado (i) pela ocorrência do redobro, (ii) por vir o primeiro lá com valor de expletivo em posição à esquerda do verbo e (iii) por não podermos ter a leitura expletiva quando inserimos um sujeito na posição à esquerda, coocorrendo com o primeiro lá, conforme os exemplos a seguir:

(29) ??? Ah... [lá eles] vão lá... pa vê que que dá...

(30) ??? [Lá ele] vai pro colégio... eu ia pro boteco.

Os dados em (29) e (30), com a coocorrência do adverbial lá e dos pronominais eles/ele na posição de sujeito, apresentam leituras degradadas em virtude de os dois elementos – o advérbio e o pronome – ocuparem a mesma posição sintática, ou seja, Spec-TP. Nos dados em (27) e (28) é possível fazer uma leitura do primeiro lá como expletivo; já em (29) e (30), com o sujeito pleno, o adverbial lá produz uma leitura redundante, já que há outro adverbial na sentença com valor locativo.

Tomando por base os dados acima, a hipótese teórica que proporei é a de que o redobro de itens locativos, um deles figurando na posição de sujeito e o outro ocupando a posição à direita, serve de evidência adicional, a favor da análise de que (i) há, sim, expletivização de advérbios; (ii) essa expletivização decorre da perda de licenciamento de sujeito nulo no PB contemporâneo; e (iii) a inserção do locativo expletivizado reflete ciclos de gramaticalização de XPs

que passam de XPs lexicais a XPs expletivos. Em síntese, uma maneira de interpretarmos teoricamente o redobro de locativos e a emergência da ordem [ADV V DP] é assumirmos que isso se trata de uma das estratégias com as quais o PB atual tem buscado compensar a perda de licenciamento de sujeitos nulos no momento atual. O comportamento dos elementos adverbiais preenchendo a posição à esquerda do verbo será retomado no capítulo no qual a proposta teórica será apresentada.

Na próxima seção, discuto os contextos que apresentam construções com leitura indeterminada, com a posição à esquerda dos verbos preenchida também por elementos adverbiais.

4.2 PRESENÇA DE XPs ADVERBIAIS EM CONSTRUÇÕES TRANSITIVAS COM LEITURA INDETERMINADA

Outro contexto em que ordem [XP V (DP)] é também muito produtiva refere-se às construções transitivas em que a partícula se de indeterminação do sujeito não está mais presente no sistema gramatical do português. O que se observa é que, em tais contextos, elementos adverbiais têm sido cada vez mais requeridos, conforme mostram os dados arrolados abaixo:

(31) *Lá* faz muitos shows grandes. (CORPUS DE FALA DE ITAÚNA)

(32) *Aqui* constrói um país. (FALA ESPONTÂNEA)

(33) *Lá* faz alguma coisa, né? (CORPUS DE FALA DE ITAÚNA)

(34) *Aqui* ganha salário mínimo e... e trato de quatro filho e uma mulher. (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

(35) *Ali* pegava de cedo, mia fia, e virava até tarde da noite. (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

Observem que os dados acima contêm verbos transitivos diretos flexionados na 3ª pessoa do singular, sem a presença da partícula se que caracterizaria essas sentenças como apassivadas. A falta dessa partícula e a flexão do verbo em 3ª pessoa do singular, independente do fato de o DP à sua direita estar no plural ou não, produz uma leitura da sentença cujo efeito de sentido é a de indeterminação do sujeito. É pertinente supor que a perda da partícula se, em construções como essas, possa ser interpretada teoricamente como sendo o efeito colateral da perda da propriedade de licenciar sujeitos nulos e da diminuição da frequência de clíticos¹⁷ na gramática do PB contemporâneo. Acompanhando o mesmo raciocínio esboçado na seção anterior, a presença de advérbiais à esquerda do verbo, nos exemplos arrolados, pode ser interpretada como sendo o reflexo de uma mudança paramétrica em curso no PB, que leva ao preenchimento da posição de sujeito. Nesse sentido, a ocorrência dos advérbios leves como aqui, lá e ali parece trazer mais evidência a favor da hipótese postulada na seção anterior de que tais advérbios são acionados nessa posição, possivelmente, para valorar o traço EPP da sentença e

¹⁷ Segundo Galves (1996), a modificação no sistema pronominal no Brasil, conforme exposição no capítulo 3 desta dissertação, ocasionou mudanças correlacionadas nesta língua, a saber: a diminuição do uso de sujeitos nulos, a diminuição de frequência da ordem VS e a diminuição da frequência de clíticos.

para compensar o fato de o PB deixar de licenciar sujeitos nulos nas construções de indeterminação do sujeito.

Na próxima seção, discuto o preenchimento da posição de sujeito por itens pronominais fracos. A intuição é que pronomes fracos estejam surgindo no PB em função do enfraquecimento da concordância dessa língua. Nesse sentido, pode ser que a ocorrência desses pronominais, na posição de sujeito da sentença, esteja relacionada com uma das formas que o PB tem requerido para compensar a perda de concordância do verbo com relação aos morfemas flexionais de pessoa, possibilitando a devida identificação dos sujeitos e favorecendo a valoração de EPP do núcleo T⁰.

4.3 O SURGIMENTO DE PRONOMES FRACOS E O ENFRAQUECIMENTO DA CONCORDÂNCIA NÚMERO-PESSOAL

Estou assumindo neste trabalho que o enfraquecimento da concordância no PB tem sido uma das causas por que essa língua deixa de licenciar sujeito nulo. Conforme Kato (1999), “o Português Brasileiro Moderno exibe uma produtiva duplicação de pronomes-sujeito, com pronomes fortes e fracos exibindo formas quase homófonas” (p. 13)¹⁸. O quadro abaixo, adaptado de Kato (*idem*), ilustra esse fenômeno:

¹⁸ Tradução minha. Texto original: “*Modern Brazilian Portuguese exhibits a productive overt doubling of subject pronouns, with the strong and weak pronouns exhibiting quasi-homophonous forms.*” (KATO, 1999, p. 13).

QUADRO 4

Emergência de pronomes fracos em PB contemporâneo

<i>PESSOA</i>	<i>PRONOMES FORTES</i>	<i>PRONOMES FRACOS</i>
1ª singular	Eu	Ô [o]
2ª singular	Você	Cê [ce]; ocê [oce]
3ª singular	Ele/Ela	Ê [ey], El [el]
1ª plural	A gente	A gen [a jen] ¹⁹
2ª plural	Vocês	Cês [ceʒ]; Ocês [oceʒ]
3ª plural	Eles/Elas	Eis [eyʒ]; Éas [εαʒ]

Kato (*idem*) correlaciona esse fenômeno com a crescente perda de sujeitos nulos referenciais no PB. Na sequência, dados retirados dos *corpora* colhidos até o momento confirmam a proposta de mudança no sistema pronominal do PB, delineada por Kato (*idem*):

(36) **Ês** tá morano tudo em Santa Gestrude memo... São Paulo (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

(37) Que **ê_i** já evém de lá pra cá... que **ê_i** evem pegano pontuação... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

(38) ...**Êa_i** teje na igreja e tudo... que ela_i vê ela_i garra ne quarqué pessoa de mais idade que é vó... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

(39) e **ê** já evem pegano os ôtro ritmo que num teim nada a vê... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

(40) **Ocê** chegar nesse bandido e falar, você matou. (CORPUS DE FALA DE ITAÚNA)

(41) Se **ocêis** me insiná... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

(42) Não...**cê** tem que aprendê é desse jeito... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

¹⁹ Kato (*op.cit.*) não apresenta a possibilidade de pronominal fraco com essa expressão, mas Maia (2007) escreveu dissertação de Mestrado sobre o fenômeno.

O curioso nos dados acima é que as formas fracas no plural não engatilham necessariamente a concordância de pessoa no verbo. Isso fica particularmente instanciado nos exemplos (36) e (41) em que os pronomes *Ês* e *ocêis* não apresentam relação de concordância com o verbo. Uma maneira de captarmos essa discrepância é acompanharmos a proposta de Ramos (2006), segundo a qual o aparecimento das formas fracas clíticas, muitas vezes redobrando os traços de pronomes fortes e de sujeitos não-pronominais na posição de tópico, seja decorrente da necessidade de compensação da falta de morfema verbal número-pessoal. Ou seja, o surgimento das formas fracas seria reflexo de uma etapa do ciclo de gramaticalização dos pronomes fracos, os quais passam de pronomes fracos plenos a formas pronominais clíticas. Em análise do par *Eles/ês*, Ramos (2006) observa essa mesma característica da concordância do pronome fraco *ês* com o verbo. Os resultados de sua análise registram uma porcentagem de 65% dos dados com realização do pronome no plural e verbo no singular, conforme é possível observar na tabela abaixo:

TABELA 3

Porcentagem de pronomes não-fortes, conforme o número do verbo
(cf. RAMOS, op.cit., p. 77)

	Nº	%	Prob.
Sujeito e verbo no plural	82	40	.56
Sujeito plural e verbo no singular	66	65	.74

Notem que a tabela acima tem por finalidade mostrar que o surgimento da forma fraca de 3ª pessoa do plural é consequência de um processo de gramaticalização pela qual passou a forma plena *eles*. A autora analisa o resultado da tabela acima como um reforço para assumir o estatuto afixal de *ês*. Segundo ela, “parece que o pronome não forte ‘compensa’ a desinência verbal. Em outras palavras, ele desempenharia a função de desinência.” Essa constatação de Ramos (*idem*) nos ajuda a reforçar a hipótese segundo a qual XPs, sejam eles adverbiais ou pronomes fracos clíticos, estão cada vez mais acionados na posição à esquerda do verbo como reflexo da perda da propriedade de licenciar sujeitos nulos no PB contemporâneo. Assim sendo, o surgimento de formas fracas, em contextos nos quais o PB não-contemporâneo licenciaria sujeito nulo, pode ser visto como mais uma estratégia que o PB contemporâneo se utiliza para compensar a perda da propriedade de licenciar sujeito nulo e como uma nova estratégia de valoração do traço EPP da sentença.

Os dados (37) e (38), repetidos abaixo como (43) e (44), mostram a realização da 3ª pessoa do singular fraca, cujos contextos se mostram com referência definida:

(43) Que *ê_i* já evém de lá pra cá... que *ê_i* evem pegano pontuação...
(CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

(44)...*Êa*_i teje na igreja e tudo... que ela_i vê ela_i garra ne quarqué pessoa de mais idade que é vô... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

Conforme é possível notar, o preenchimento da posição de Spec-TP é visível e significativo, inclusive em dados onde sua manifestação poderia ser nula, haja vista sua coocorrência com itens figurando na mesma sentença. Lamoglia Duarte (1993) afirma que a 3ª pessoa do singular aparecia preenchida sempre que não encontrava um antecedente ao qual se conectar para possibilitar sua identificação. Os dados apresentados acima, com a 3ª pessoa do singular fraca, ratificam os resultados da pesquisa dessa autora.

Outro fato verificado é que a concordância, nesses casos, é devidamente efetuada. Conforme visualizado nos dados (40), (41) e (42), repetidos aqui como (45), (46) e (47), há uma grande ocorrência do pronome *cê/ocê* à esquerda do verbo:

(45) *Ocê* chegar nesse bandido e falar, você matou. (CORPUS DE FALA DE ITAÚNA)

(46) Se *ocêis* me insiná... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

(47) Não...*cê* tem que aprendê é desse jeito... (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

Em relação aos dados acima, conjectura-se que o número elevado de *cê/ocê/ocêis* que encontramos nos *corpora* se relaciona ao fato de esses itens serem pronome de 2ª pessoa cuja concordância se dá em 3ª pessoa. Conforme já

exposto no segundo capítulo desta dissertação, este pronome, cuja classificação, conforme a tradição gramatical, é de pronome de tratamento, teve seu uso estendido, ao longo da história do PB, à função de pronome pessoal, substituindo a forma “tu”. Dessa maneira, o pronome “cê” apresenta um caráter diferenciado em relação às outras pessoas gramaticais. Sua alta ocorrência nos dados deve ser interpretada como um recurso para diferir a pessoa do discurso a que a desinência número-pessoal se refere, evitando possíveis ambigüidades.

Já a versão deste pronome no plural (*cês*), vide exemplo (46), com a forma verbal flexionada no singular, não efetuando a concordância com o sujeito da sentença, oferece evidências mais robustas para se assumir que sua presença seja devidamente justificada para tornar possível a valoração do traço EPP, conforme já argumentado em seções anteriores. Alguns autores têm interpretado a forma mais reduzida do pronome “você” (*cê*) como um clítico, devido a características comuns que ele estabelece com outros elementos dessa natureza. Vitral (2006, p.38) analisa a forma *cê* e afirma que a mesma “se encontra num processo de cliticização, que faz parte de um processo mais amplo de gramaticalização”. Ramos (2006a) analisa a frequência e distribuição das formas *você*, *ocê* e *cê*, hipotetizando que estas sejam itens distintos, manifestando etapas de um processo de gramaticalização. Utilizando-se de testes para verificar o estatuto do item *cê*, Ramos (*ibidem*) conclui que esta

forma é um clítico que ocupa a posição de especificador de T. Essa constatação da autora é bastante interessante, já que postula que um clítico, que geralmente aparece em posição adjunta ao núcleo, possa estar ocupando uma posição de especificador. Além disso, serve como um indício que favorece a nossa hipótese, uma vez que se constitui em estratégia adicional no PB de valoração de EPP, por meio de advérbios e pronomes fracos.

Uma outra questão interessante a ser comentada aqui diz respeito à possibilidade de pronomes fracos retomarem DPs em posição de tópico e foco, o que reforça a hipótese da gramaticalização de pronomes nominativos, passando de formas livres a clíticos. Nos *corpora* observados, não encontramos tal ocorrência, mas outros autores já procederam à investigação do fenômeno. Diniz (2007), em seu estudo sobre o redobro de clíticos, cita, como exemplo, o estudo de Ramos (1997, p.56), que verificou a ocorrência de 88% do pronome fraco *cê* retomando sintagmas topicalizados, conforme se observa no exemplo ilustrativo abaixo:

(48) Vocês_i... *cês*_i aprontam a maior bagunça.

Segundo Diniz (*op. cit*), “o surgimento de formas fracas clíticas na posição de Spec-TP para retomar XPs na periferia esquerda da sentença pode estar conectado com o fato de o PB ser uma língua que está deixando de acionar o parâmetro [+*pro-drop*]” (p. 65). Ou seja, o PB contemporâneo está deixando

de ser um língua de sujeito nulo. O que a nossa análise precisa determinar é qual a razão gramatical que engatilhou esta mudança e até que ponto ela está conectada com o estatuto dos afixos de concordância e com a maneira como o PB atual valora o traço EPP da sentença. Em resumo, o surgimento de formas pronominais reduzidas, quase homófonas às formas pronominais plenas, pode ser interpretado como sendo o reflexo da maneira como o PB contemporâneo permite a valoração do traço EPP da sentença.

4.4 O ESTATUTO DE VOCÊ E ELES NÃO-REFERENCIAIS OU COM REFERÊNCIA GENÉRICA

Os dados apresentados abaixo referem-se a exemplos colhidos de trabalhos já realizados sobre o tema, bem como de dados de fala espontânea, colhidos informalmente. O primeiro contexto a ser investigado é o que exhibe o preenchimento da posição de sujeito pelo pronominal *você*, conforme os dados apresentados abaixo:

(49) *Você* encontra de tudo nas Lojas Americanas. (FALA ESPONTÂNEA)

(50) *Você* merece morar aqui. (ANÚNCIO DE CLASSIFICADO VIRTUAL, ACESSO EM 20/03/2009).

(51) Aí o cara deu exemplo do gato e o cachorro; o gato ele fica lá, *você* pode falar o que *você* quiser. (CORPUS DE FALA DE ITAÚNA)

Os exemplos de (49) a (51) exemplificam casos com o pronome *você* na posição de sujeito de verbos transitivos. No entanto, eles parecem não

evidenciar o valor semântico [+definido]. Essa característica do item permite intuir que ele possui uma interpretação de sujeito indeterminado, podendo ser substituído, inclusive, pelo se que, num contexto como este, derivaria a mesma leitura de indeterminação. Outrossim, a falta de um desses itens (*você* ou *se*) nos dados causa uma leitura se não agramatical, pelo menos estranha aos falantes, o que permite sugerir que este seja um contexto de preenchimento obrigatório, conforme ilustram os exemplos abaixo:

- (52) (a) ***Você*** encontra de tudo em BH.
(b) ***Se*** encontra de tudo em BH.
(c) ? Encontra de tudo em BH.
- (53) (a) No interior, tudo que ***você*** precisa, ***você*** acha.
(b) No interior, tudo que ***se*** precisa, ***se*** acha.
(c) ? No interior, tudo que ___ precisa, ___ acha.
- (54) (a) Com a ajuda do Carlão do depósito, ***você*** consegue de tudo.
(b) Com a ajuda do Carlão do depósito, ***se*** consegue de tudo.
(c) ? Com a ajuda do Carlão do depósito, ___ consegue de tudo.

Você, nos dados apresentados, funciona, dessa maneira, como se e, como tal, pode-se hipotetizar que sua função sintática é a mesma, ou seja, preencher foneticamente a posição de Spec-TP e efetuar a valoração do traço EPP da sentença.

Por outro lado, os dados de (55) a (57), abaixo, exemplificam o preenchimento por *você* à esquerda de verbos existenciais. Nesses contextos,

esse item parece funcionar como um *expletivo*, uma vez que não denota referencialidade. O pronome *você*, em construções como estas, parece estar figurando nessa posição como reflexo do traço EPP do núcleo T°. Considerando-se que *você*, nos dados abaixo, não possui traços semânticos, já que este pronome não foi também s-selecionado pelo verbo²⁰, então o mesmo não busca antecedente no discurso ou na frase, conforme se vê abaixo:

(55) Todas as lojas que *você* tem aqui nos grandes bairros. (VITRAL & RAMOS, 2006, p. 87; APUD DUARTE, 1997)

(56) Em Kioto, *você* tem aquela confusão nas ruas. (VITRAL & RAMOS, 2006, p. 87)

(57) Em Buenos Aires, *você* tem confeitarias. (*ibidem*)

Vitral e Ramos (2006, p. 87) cogitam também a possibilidade de o item *você* funcionar, em dados como os de (55) a (57), como expletivo. Os autores argumentam, porém, que, se assim proceder, a expletivização deverá constituir a fase final do processo de gramaticalização do item *você*, de pronome de tratamento para *você* sem referência definida.

Souza (2007) analisou contextos do pronome *eles* funcionando como recurso de indeterminação do sujeito. Os dados com o pronome *eles*, retirados do estudo dessa autora, exemplificados abaixo, permitem uma argumentação análoga:

²⁰ Verbos existenciais não c-selecionam argumentos externos; por isso, não têm a propriedade de s-seleção desse tipo de argumento.

- (58) A empresa_i, *eles*_i reembolsaram passagem, hospedagem, alimentação...
- (59) Espírito_i... *eles*_i ficam preso aqui na terra.
- (60) Teria que tá ligano pra *eles* efetuarem o depósito.
- (61) O EPA_i, hoje em dia *eles*_i têm a preferência de mesclar.

Segundo Souza (*ibidem*),

as GTs prescrevem que o uso de pronomes pessoais sujeitos deve ser omitido uma vez que as desinências verbais permitem recuperar a pessoa gramatical. Assim sendo, sua realização plena só se justificaria em casos de ênfase ou ambiguidade, como acontece no italiano e no espanhol. Entretanto, contrariando essa visão normativa, encontram-se, no português, várias formas pronominais plenas sendo realizadas fonologicamente ainda que os contextos não sejam nem enfáticos nem ambíguos (p. 24).

Com relação aos dados de (58) a (61), acima, verifica-se que o comportamento de *eles* também exemplifica uma leitura genérica, com as mesmas características do pronome *você*, descrito nos dados de (55) a (57). Todavia, é oportuno lembrar que uma das estratégias no PB não-contemporâneo de indeterminação do sujeito é deixar a posição à esquerda do verbo nula, enquanto este (o verbo) carregaria as desinências número-pessoais de 3ª pessoa do plural. Nos dados observados do PB contemporâneo, mesmo com o verbo apresentando tal terminação, houve a necessidade de preenchimento à sua esquerda. Acrescente-se, ainda, o fato de que os exemplos (58), (59) e (61)

mostram o pronome *eles* correferenciado com um SN na sentença, na posição de tópico, situação esta que não inviabiliza a sua característica de genericidade. Ou seja, mesmo quando há um tópico presente na frase, o pronome *eles* realiza-se foneticamente, mas sem referência definida. Tal fato pode servir como evidência para assumir seu caráter de expletivo, com os traços semânticos alocados no item topicalizado.

Os itens *você* e *eles* com referência genérica apresentam, conforme já argumentado acima sobre os itens adverbiais, características de elementos expletivizados. Quando *você* e *eles* ocupam a posição de especificador de TP, observa-se a emergência da ordem [XP V (DP)] em contextos que, no PB não-contemporâneo, a sentença poderia se apresentar contendo um V inicial.

Todos os dados apresentados nas seções precedentes parecem corroborar minhas intuições de que o PB atual realmente tem tendido a preencher a posição de sujeito que, em PB não-contemporâneo, aparecia foneticamente nula.

4.5 RESUMO DO CAPÍTULO

A partir do que foi apresentado neste capítulo, chegamos às possíveis observações preliminares:

- (i) itens de natureza diversificada, como advérbios, pronomes fracos e com referência genérica têm sido eleitos para ocuparem a posição à esquerda dos verbos;
- (ii) alguns XPs têm sido analisados como resultado de processos de gramaticalização, passando a funcionar como *expletivos*, preenchendo a posição do sujeito;
- (iii) verbos flexionados na 3ª pessoa favorecem a ocupação lexical da posição de sujeito por pronomes fracos, principalmente quando estes não engatilham relação de concordância com o verbo, o que lhes confere também o estatuto de *expletivos*;
- (iv) a ocorrência de advérbios leves, pronomes fracos e com referência genérica favorecem o surgimento no PB atual da ordem [XP V (DP)].

No próximo capítulo, começaremos a apresentar a proposta teórica que possibilitará a explicação de como o PB atual tem realmente se comportado de maneira diferenciada do PB não-contemporâneo com relação ao parâmetro do sujeito nulo. A nossa intenção será propor uma nova maneira de proceder à análise das línguas com referência ao acionamento do parâmetro *pro-drop*, usando como ponto de partida os dados do PB atual.

CAPÍTULO 5: FATORANDO O EPP

Após a descrição, a observação e a análise do comportamento de XPs com leitura indeterminada figurando à esquerda de verbos inacusativos, impessoais e transitivos, apresento, neste capítulo, considerações teóricas a respeito da natureza do traço EPP.

Este capítulo se organiza da seguinte maneira: na primeira seção, apresento os pressupostos teóricos do modelo de fases (cf. CHOMSKY, 2005), quadro teórico norteador da análise em questão. Na sequência, mostro a abordagem de Holmberg (2000) sobre o fronteamento estilístico em línguas escandinavas. A proposta de Holmberg (*op.cit.*) para a análise deste fenômeno contribuirá para a investigação da emergência da ordem [XP V (DP)] em determinados contextos do PB contemporâneo. Na seção 5.3, apresento uma nova possibilidade de análise para o parâmetro do sujeito nulo. Na última seção, insiro as considerações finais.

5.1 SOBRE FASES – A PROPOSTA DE CHOMSKY (2005)

Nesta seção, pretendo resumir as principais ideias do Modelo de Fases, tal como proposto por Chomsky (2005). As definições aqui apresentadas oferecerão subsídios para a análise teórica que será proposta acerca do

preenchimento da posição de sujeito em certas construções do PB contemporâneo.

Segundo Chomsky (2005), a perspectiva biolinguística considera a faculdade da linguagem (FL) como um “órgão do corpo humano”. A linguagem é vista, então, como um estado da FL, e a língua-I (LI, ou UG) é a “teoria dos traços distinguíveis da linguagem humana” (p.1). Três são os fatores que entram no desenvolvimento desse sistema: (i) os dados externos, i.e., a experiência; (ii) a herança genética; e (iii) os princípios da arquitetura estrutural, ou seja, restrições sobre o desenvolvimento e maturação que são específicos ao órgão em investigação.

A tese defendida por Chomsky (*op.cit.*), a qual ele considera como um programa de investigação, é conhecida como a “Tese Minimalista Forte”. Essa tese prevê que a língua deve ser uma solução ótima para as condições de interface a serem satisfeitas pela FL. Isso quer dizer que “som e significado” são ligados pela linguagem de uma maneira ótima. Ou seja, o que legitima a linguagem é a interface estabelecida entre os sistemas conceitual-intencional (CI) e o sensorio-motor (SM). Para Chomsky (*op.cit.*), a propriedade principal da linguagem é que “ela é um sistema de infinidade discreta, consistindo de objetos organizados hierarquicamente” (p.4). Dessa maneira, objetos sintáticos (SOs) são formados por meio de uma operação que junta outros objetos

sintáticos já prontos. Essa operação é chamada de *Merge*. A operação *Merge* de X e Y permite a formação do objeto {X,Y}, com os dois elementos permanecendo invariáveis, segundo a NTC (Condição de Não-Mudança²¹). Objetos sintáticos são formados por sucessivas aplicações de *Merge*.

Para um item entrar na computação sintática, é necessária alguma propriedade que permita essa operação. Essa propriedade é o que o autor chama de “traço de margem” (EF), o qual permite que um item seja juntado. Esse traço caracteriza a linguagem como um sistema recursivo infinito. Dois tipos de operação são envolvidos na formação de objetos sintáticos: *Merge* interno (IM) e *Merge* externo (EM). Em ambas as operações, o objeto {X,Y} é produzido, como a seguir: (i) IM, ou *Move*, produz duas cópias de Y em {X,Y}, uma externa a X e uma interna a X; (ii) EM, ou *Merge* externo, estabelece uma relação sintática de c-seleção que se dá entre um predicador e um argumento, e apenas “junta” dois elementos. Ambos os tipos de *Merge* são avaliáveis à FL, e o *Merge* interno cria cópias. Chomsky (*idem*). considera o *Merge* interno (IM) uma “imperfeição” da linguagem. Segundo o autor, “a propriedade de deslocamento da linguagem natural é simplesmente um fato: expressões são comumente pronunciadas em um lugar e interpretadas em outro” (*ibidem*, p.7). É esse movimento que permite a valoração de traços formais, proposta por Chomsky (1995), na teoria de checagem de traços. Para Chomsky (1998), “os

²¹ NTC – *No Tampering Condition*.

traços se subdividem em ‘traços formais’ que são usados pelas operações computacionais que constroem a derivação de uma expressão, e outros que não são acessados diretamente, mas somente ‘carregados juntos’ (p. 51).

Os objetos sintáticos (SOs) são gerados por computações adicionais. Todas as operações sintáticas envolvem uma relação entre uma sonda (*probe*) e um alvo local (*local goal*), que é suficientemente próximo à sonda. A sonda busca o alvo para operações internas ao objeto sintático: AGREE²² ou *Merge* interno. A posição mais próxima possível para o alcance da sonda é a “margem” (*edge*).

Chomsky (1999, p.9) sugere que as fases²³ são os mecanismos que permitem a derivação ocorrer em etapas internas separadas. Nesse modelo de fases, os objetos sintáticos já formados são enviados ao componente fonológico e semântico, com o resultado de que a parte relevante da estrutura fica inacessível a operações sintáticas adicionais a partir daquele ponto. Essa inacessibilidade é garantida pela “Condição de Impenetrabilidade de Fase”

²² *Agree (Long Distance Agreement)* foi chamada, por Chomsky (1995), de *Attract*. Segundo Radford (1997), “*Attraction involves movement of a set of grammatical features carried by a head on their own (without movement of the corresponding phonetic features) – more specifically, movement of those grammatical features which could not be checked otherwise*” (RADFORD, 1997, p.230).

²³ As fases incluem o CP e o vP transitivo, com um argumento externo. CP representa um complexo oracional completo e vP representa um complexo temático completo. (RADFORD, 2004, p.381).

(PIC)²⁴. Radford (2004), com referência a Chomsky (2001), formula essa condição da seguinte maneira:

- (1) *Phase Impenetrability Condition/PIC*: o domínio de c-comando de uma fase é impenetrável a uma sonda externa (i.e. um alvo que é c-comandado por um núcleo de uma fase é impenetrável para qualquer sonda c-comandando a fase)²⁵ (p. 382).

De acordo com Chomsky (1999), quando uma fase é completada, a estrutura relevante do domínio da fase é enviada, concomitantemente, ao componente fonológico (onde recebe uma interpretação fonológica apropriada) e ao componente semântico (onde recebe uma representação semântica apropriada). Daí em diante, a estrutura não está mais acessível à sintaxe. Com base nesse modelo, a posição mais próxima possível para a sonda é a margem. A margem contém traços que são acessíveis à sonda. Se um item lexical entra na derivação e seu traço de margem não é satisfeito, a expressão resultante não convergirá. Como exemplo de traço de margem, citamos o EPP, considerado como uma propriedade misteriosa por Chomsky (2005), e primordial para a análise que aqui se propõe. O tratamento mais usual do EPP é sintático. Holmberg (2000) argumenta que EPP também possui uma “parte fonológica”, a qual ele denomina de traço [P]. Essa propriedade fonológica de EPP é

²⁴ *Phase Impenetrability Condition (PIC)*.

²⁵ *Phase Impenetrability Condition/PIC* – “The c-command domain of a phase head is impenetrable to an external probe (i.e. a goal which is c-commanded by the head of a phase is impenetrable to any probe c-commanding the phase” (RADFORD, 2004, p.382).

motivada, segundo Holmberg (*idem*), por muitos casos de línguas que só satisfazem ao EPP quando um elemento fonético é inserido na posição de Spec-TP. É. Kiss (2002) argumenta que parte do EPP vem de fatores semânticos. Alexiadou e Anagnostopoulou (1998) apresentam uma teoria que se conforma com a proposta de Chomsky (1995). Para as autoras, EPP é universal e corresponde a um traço D forte em I.

Independentemente das propostas quanto ao estatuto gramatical de EPP, isto é, se ele deve ser considerado como um fenômeno semântico ou sintático, o fato é que todos os autores concordam quanto ao seu efeito. Ou seja, EPP é um traço de margem, ininterpretável, e sua formulação por Chomsky (1995, p.55) prevê que a posição de Spec-TP tem de ser realizada lexicalmente.

Uma proposta de análise baseada na fatoração dos traços que constituem o EPP será delineada neste capítulo. Apresentaremos uma forma de derivação para tentar explicar o tipo de relação que existe entre a presença do traço EPP no núcleo T⁰ e a necessidade de preenchimento lexical da posição de sujeito, no PB. Em consonância com Chomsky (1998, p. 54), todas as imperfeições da língua parecem se relacionar com a propriedade do deslocamento (IM) e com a existência de traços formais ininterpretáveis. Objetos sintáticos são, então, formados da seguinte maneira: (i) itens lexicais são selecionados do léxico e, por meio de *Merge* (juntar), novos objetos sintáticos são formados. Para a

devida concretização da operação *Merge*, um item lexical deve possuir um traço de margem (como o EPP, por exemplo) na posição mais alta da sonda; e (ii) por meio da relação AGREE com o alvo, a sonda terá seus traços ininterpretáveis valorados e, consecutivamente, apagados. Esse processo deve se estabelecer antes de a estruturação sintática ser enviada aos níveis de interface. Caso contrário, a derivação não convergirá.

Em suma, a derivação ocorre sempre em fases. As fases fortes são duas, a saber: a que corresponde ao complexo C-TP e a que se refere ao complexo v-VP. Após o término da derivação em cada fase, os objetos sintáticos (SOs) são enviados aos níveis de interface, que correspondem aos sistemas sensório-motor e conceitual-intencional. Nesses níveis, os objetos sintáticos (SOs) recebem som e interpretação. Dessa forma, a linguagem pode proceder de tal maneira que atenda, de forma ótima, aos requerimentos dos sistemas que constituem os níveis de interface.

Na próxima seção, retomo a proposta de Holmberg (2000) sobre a possível conexão que há entre o fronteamo estilístico nas línguas escandinavas e a satisfação a EPP. As intuições deste autor com relação a esse fenômeno favorecerão a análise que desenvolverei, no próximo capítulo, acerca do preenchimento da posição do sujeito por XPs de natureza semântica diversa no PB contemporâneo.

5.2 SOBRE *STYLISTIC FRONTING* – A PROPOSTA DE HOLMBERG (2000)

Holmberg (2000) analisa o fronteamento estilístico (SF) que ocorre em algumas línguas escandinavas. No escandinavo moderno, tal fronteamento é operante no islandês e no faroês. Em conformidade com Holmberg (*op.cit.*), o SF é “uma operação que move uma categoria (...) para o que parece ser a posição de sujeito quando esta posição é vazia (...)” (p.445). Para tal, observem os dados do islandês abaixo, que exemplificam a ocorrência do SF:

- (1a) ___ * *Hefur komið fram að hefur verið fiskað í*
___ Has come forth that has been fished

leyfishleysi á chílensku fiskivæði.

ilegalmente in Chilean fishing-zone.

‘It has appeared that illegal fishing has taken place in the Chilean fishing zone’.

- (1b) *Fram hefur komið ___ að fiskað hefur verið...*
Forth has come ___ that fished has been...
‘It has appeared that fishing has taken place...’

Em (1a), há uma lacuna na posição de sujeito, i.e., na posição anterior ao verbo finito. Em (1b), o adverbial *fram* aparece ocupando a posição esquerda ao verbo. Conforme Holmberg (*op.cit.*), este movimento é motivado por algum requerimento da gramática. Para analisar este fenômeno, Holmberg (*op.cit.*) apresenta duas teses centrais, a saber:

- (i) a categoria XP movida por SF funciona como um puro expletivo em sua posição derivada, a qual é Spec-IP²⁶;
- (ii) o que é movido por SF é apenas a matriz de traço fonológico de uma categoria.

Assim, o autor propõe uma teoria que prevê uma forte conexão entre as noções de finitude, concordância verbo-sujeito, Caso nominativo e movimento do sujeito. De acordo com Holmberg (*idem*), I finito contém traço [D], ininterpretável, ou seja, um traço que precisa ser checado e apagado. Esse traço é responsável por atrair uma categoria D-marcada para seu domínio de checagem (I^o ou Spec-IP) – essas categorias podem ser DPs, como sintagmas nominais definidos, pronomes e clíticos pronominais e, em algumas línguas, o morfema de concordância do verbo²⁷. O traço [*uD*], em I, pode ser checado pelo movimento do verbo ou pelo movimento (= *Merge* Interno) de um sujeito temático para a posição de Spec-IP.

Holmberg (*idem*) também investiga o inglês e o islandês, línguas que, segundo ele, não permitem sentenças impessoais sem o preenchimento de um XP na posição de sujeito. O autor explica que, nesses casos, o traço envolvido é

²⁶ Holmberg (2000) usa a terminologia “IP”, *Inflectional Phrase*. No entanto, em nosso estudo, preferimos utilizar o termo “TP”, *Tense Phrase*, para nos referir a esse sintagma.

²⁷ Interessante esta possibilidade de valoração do traço [*uD*] por meio de morfemas de concordância. Alexiadou e Anagnostopoulou (1998) argumentam que Agr forte, numa relação de concordância por meio do movimento do verbo, é capaz de checar EPP. Kato (1999), conforme já mostrado no Capítulo 2 deste trabalho, prevê que traços-*phi* podem entrar como categorias D, independentes, na derivação, checando o traço [*uD*] de I. Análises como essas permitem excluir da teoria a categoria vazia *pro*, já que Agr forte pode desempenhar o papel de checagem de EPP em I.

outro. Isto é, I hospeda um traço [P] (de “*phonological*”), ininterpretável, que deve ser checado por uma categoria visível fonologicamente, movida ou juntada (*merged*) em Spec-IP. Ainda em relação ao islandês, o autor comenta que esta língua contém concordância D-marcada, de modo que o traço [*u*D] de I° será checado sem problemas. No entanto, numa língua que não tem concordância D-marcada, um DP sujeito ou um expletivo tem que se mover para checar o traço [*u*D] de I°. Nessa configuração, o sujeito, ou o expletivo, checa também o traço [*u*P] de I°.

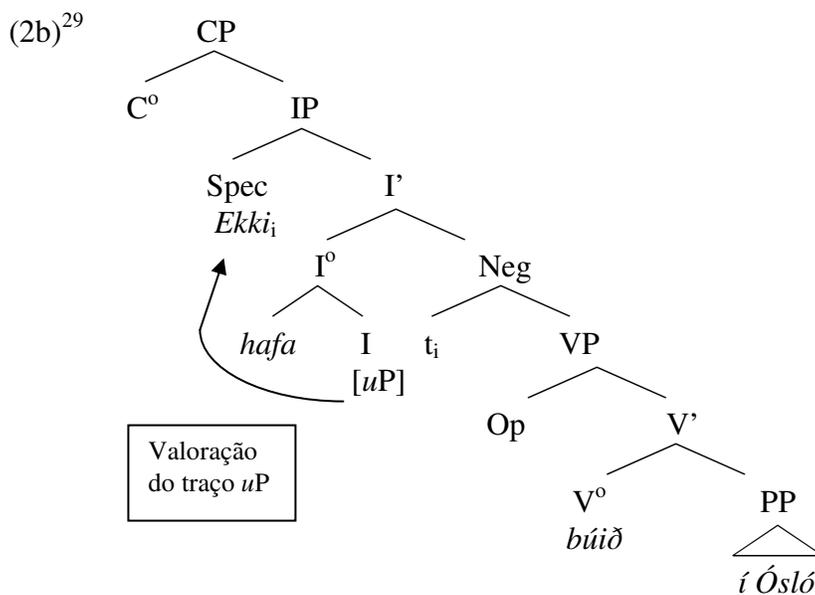
Como seria possível, então, no islandês, que o traço ininterpretável [*u*P] fosse checado em sentenças onde o sujeito, por alguma razão, não é movido? Segundo o autor, essa língua resolve esse problema movendo os traços fonológicos de um XP que esteja em uma posição mais próxima a Spec-IP. Tal operação é o que o autor chamará de *Stylistic fronting* (SF)²⁸. Para Holmberg (*idem*), a matriz fonológica das categorias movidas por SF é dissociada de outros traços e movida para Spec-IP. Dessa maneira, elas funcionariam em Spec-IP apenas como meros expletivos, uma vez que, nessa posição, estão

²⁸ Pode ser isso o que acontece com os predicados inacusativos no PB. Nessas construções, o argumento circunstancial move-se para a posição de Spec-TP para valorar os traços ininterpretáveis [*u*P] e [*u*D] de T°. Isso é o que parece ocorrer nos exemplos abaixo:

- (1) Aqui chega um monte de gente. (FALA ESPONTÂNEA)
- (2) Lá vem você pra me perturbar. (FALA ESPONTÂNEA)
- (3) Aí vai mais um sofredor. (FALA ESPONTÂNEA)

desprovidas de seus traços semânticos. O dado em (2), abaixo, exemplifica essa operação de frenteamento estilístico no islandês:

- (2a) *Peir sem ekki hafa búíð í Oslo seaja að...*
 Those that not have lived in Oslo say that...
 ‘Those that have not lived in Oslo say that...’



Conforme é possível observar na configuração acima, a partícula negativa *ekki* tem seus traços fonéticos atraídos para Spec-IP, já que ela é a categoria com matriz fonológica mais próxima de I°. Na posição de Spec-IP, *ekki* checa os traços [uD] e [uP] de I°.

²⁹ Só a parte da sentença relevante para a análise está representada na configuração arbórea.

Por meio dessa proposta de Holmberg (*idem*), todas as condições³⁰ previstas para a ocorrência de SF são atendidas. Para nossa análise, o que é relevante no estudo deste autor refere-se à possibilidade de excluir a categoria vazia *pro* da estrutura sintática. Outrossim, a postulação do autor de que I^o contém um traço [μ P] que requer o preenchimento lexical da posição de sujeito pode nos auxiliar na proposta que desenvolveremos no próximo capítulo. Para tal, na próxima seção, exponho algumas reflexões acerca da escolha feita pelas línguas quanto à possibilidade de permitir sujeitos foneticamente nulos na posição de Spec-TP e proponho uma nova maneira de analisar este fenômeno.

5.3 UMA NOVA PROPOSTA DE ANÁLISE PARA O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO

Nos primeiros capítulos desta dissertação, mostramos algumas considerações acerca da possibilidade de as línguas acionarem o parâmetro do sujeito nulo. A motivação principal apresentada para uma língua figurar, ou não, com a posição de sujeito nula é esta exibir um paradigma flexional de pessoa rico. Em consonância com Rizzi (1986), Agr forte é um traço que as línguas podem exibir, e sua manifestação capacita o acionamento e a

³⁰ Segundo Holmberg (2000), são as seguintes as propriedades de SF: (i) lacuna de sujeito; (ii) SF afeta um vasto número de categorias; (iii) SF está sujeito a uma hierarquia de acessibilidade; (iv) SF não apresenta efeitos de foco; (v) não há SF em escandinavo *Mainland*.

identificação de sujeitos foneticamente ausentes na posição de Spec-TP. Neste sentido, Agr seria o traço definidor do parâmetro do sujeito nulo.

Não obstante, é possível observar algumas evidências que contradizem a predição paramétrica de que Agr rico licencia sempre sujeito nulo e de que Agr fraco obriga a ocorrência de sujeito obrigatório. De acordo com a exposição feita no capítulo 1, algumas línguas licenciam ou não o sujeito nulo a despeito de seus paradigmas flexionais. De um lado, arrolamos os dados do islandês moderno, por exemplo, que apresenta concordância forte e, no entanto, oposto ao que se esperaria, não permite sujeitos nulos. Na vertente oposta, citamos o caso do chinês, que, apesar de não conter marca morfológica número-pessoal nos verbos, permite que a posição de sujeito se apresente foneticamente nula. Evidências empíricas como essas levam-nos ao seguinte questionamento: Agr realmente desempenha um papel essencial no acionamento do parâmetro do sujeito nulo? Tendo em conta os dados do islandês e do chinês, a resposta a essa questão é a de que Agr não desempenha papel tão crucial no licenciamento de sujeitos nulos. Assim sendo, acompanharei a intuição de Holmberg (2000) sobre o fenômeno do SF em islandês e assumirei, doravante, que Agr está apenas relacionado com o mecanismo de valoração do traço [*u*D]. Todavia, o traço que engatilha o preenchimento de Spec-TP é o traço [*u*P]. Se essa análise estiver mesmo correta, a capacidade de acionar o parâmetro do sujeito nulo em

uma determinada língua estará diretamente conectada com a natureza dos traços [μ D] e [μ P] do núcleo T^o.

O traço [D], conforme formulado em Chomsky (1995), equivale ao traço EPP. O EPP, pelas versões mais atualizadas da teoria gerativa, que se consolidaram a partir de Chomsky (1998), deve ser entendido como um traço de margem que requer que a posição de Spec-TP seja preenchida por alguma categoria. Desse modo, o preenchimento da posição de Spec-TP e a satisfação a EPP pode dar-se de maneiras variadas, a saber: pelo movimento de um DP temático; pela inserção de um XP expletivo; por pronomes clíticos; ou, ainda, por meio de afixos de concordância que se adjungem ao núcleo T^o. Para detalhes dessa última possibilidade, remeto o leitor ao texto mais recente de Duarte (2008) sobre a distribuição de pronomes fracos, clíticos e afixos no crioulo de Guiné Bissau, no avá-canoeiro e no tenetehára.

Entretanto, sob essa ótica, teríamos de assumir que, toda língua que apresenta o traço [D] forte em T^o, obrigatoriamente apresentaria a posição de sujeito preenchida por elemento lexical. Os dados empíricos de línguas do tipo *prod-drop* desmentem essa correlação. Por essa razão, para dar conta de fatos como esses, proporemos alternativamente que EPP deve ser visto como sendo reflexo de dois traços, a saber: o traço [μ D] e o traço [μ P]. Nessa linha de investigação, o que diferirá as línguas quanto à satisfação ao EPP e quanto ao

licenciamento de sujeito nulo, ou não, será a maneira como elas parametrizam tais traços. Em suma, será necessário fatorar o EPP nesses dois traços. Adicionalmente, lançamos mão da proposta de Chomsky (1995) quanto ao fato de os traços formais poderem ser fortes ou fracos. Segundo essa teoria, os traços fortes são aqueles que motivam o movimento visível (IM) dos itens lexicais, em geral, com o seu movimento para posições no domínio funcional da sentença. Com base nessa abordagem, proponho decompor o EPP em dois traços distintos, conforme apresento no quadro a seguir:

QUADRO 5
Fatoração de EPP

	<i>Traço</i>	<i>Força</i>
EPP	<i>uP</i>	+/-
	<i>uD</i>	+/-

Por meio dessa formulação, é possível dar conta da universalidade do EPP. Mais precisamente, essa proposta lança a ideia de que EPP é uma propriedade sintática que pervaga em todas as línguas. O que é novo nesta proposta é que os traços acima, que constituem o EPP, são parametrizáveis de língua para língua, de sorte que podem entrar na derivação como fracos ou fortes.

Tomando por base a fatoração do EPP, as variações interlinguísticas relacionadas ao parâmetro do sujeito nulo ficam assim condicionadas às

propriedades dos subtraços que constituem o EPP. Em suma, esta abordagem permite-nos propor as seguintes correlações no que se refere ao acionamento de sujeito nulo e do sujeito obrigatório nas línguas:

QUADRO 6
Natureza dos traços [D] e [P] nas línguas de sujeito nulo e de sujeito obrigatório

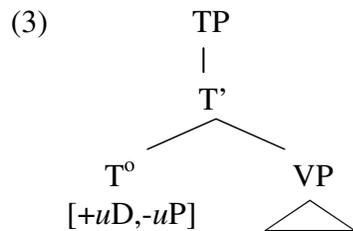
<i>Tipo de Língua</i>	<i>Concordância³¹</i>	<i>Posição do sujeito</i>	<i>Natureza da força dos traços [D] e [P]</i>	
1	+Agr	Vazia	<i>uD</i> [forte]	<i>uP</i> [fraco]
2	+Agr	Preenchida	<i>uD</i> [forte]	<i>uP</i> [forte]
3	-Agr	Vazia	<i>uD</i> [fraco]	<i>uP</i> [fraco]
4	-Agr	preenchida	<i>uD</i> [fraco]	<i>uP</i> [forte]

As previsões que as correlações entre traço fraco e forte estabelecem podem ser formuladas da seguinte maneira:

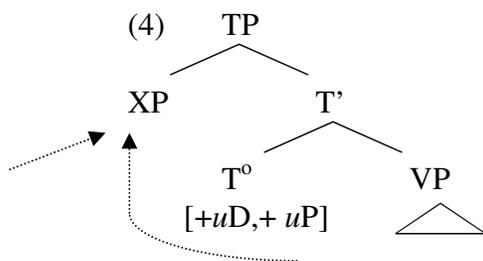
(a) Línguas do tipo 1 exibem concordância forte. O traço [*uD*], então, é também forte e pode ser valorado por meio dos traços-*phi* do verbo. Como o traço [*uP*] é fraco, a posição de sujeito aparece vazia, e este traço é valorado apenas em Forma Lógica (LF). Este seria o caso, por exemplo, das línguas

³¹ Agr, nesta tabela, relaciona-se à força do traço [*uD*], e não à relação direta com a possibilidade de acionamento do parâmetro do sujeito nulo.

verdadeiramente *pro-drop*, como o PE, o italiano, o espanhol, etc. A configuração sintática de línguas como essas poderia ser a que segue³²:

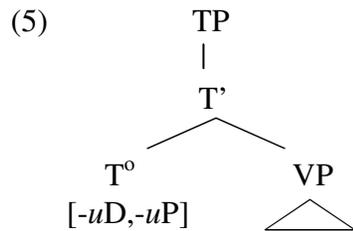


(b) Línguas do tipo 2 apresentam concordância forte, mas a posição de sujeito deve ser obrigatoriamente preenchida. O islandês exemplifica as línguas desse tipo. Agr, em línguas como essas, é redundante, já que o XP na posição de sujeito pode valorar os traços [*uD*] e [*uP*], concomitantemente. O preenchimento da posição de Spec-TP pode dar-se, então, por meio de *Merge* interno de um XP ou de *Merge* externo de um expletivo. Observem a configuração abaixo:

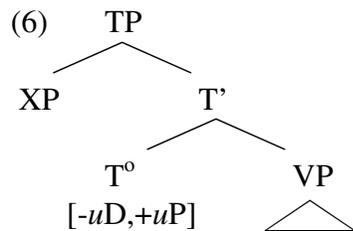


³² Assumiremos que línguas que aceitam a posição de sujeito aparecer invariavelmente nula não projetam a posição de especificador (Spec). Nesse sentido, estamos assumindo, também, que a categoria vazia *pro* não existe.

(c) Línguas do tipo 3 têm morfologia flexional fraca, por isso [*u*D] é fraco. O traço [*u*P] também é fraco. Este tipo de língua pode ser exemplificado pelo chinês. Os traços [*u*D] e [*u*P] são valorados em LF. A posição de Spec-TP não é projetada, como se vê a seguir:



(d) Línguas do tipo 4 contêm um paradigma flexional pobre. Portanto, o traço [*u*D] é fraco. O traço [*u*P], no entanto, é forte. Então, os dois traços ininterpretáveis serão valorados por meio de *Merge* interno ou por meio de *Merge* externo de um XP na posição de Spec-TP. Esse é o caso do inglês. A configuração sintática é representada na sequência:



No entanto, a tabela (9) não esgota todas as possibilidades em relação à satisfação do EPP e ao licenciamento do sujeito nulo. Em alusão ao trabalho de

Holmberg (2008), algumas línguas ocupam uma posição intermediária em relação às apresentadas até agora. Tais línguas são classificadas, pelo autor, de “línguas de sujeito nulo parcial”, uma vez que apresentam sujeitos nulos apenas em determinados contextos. Para Holmberg (*op.cit.*), são exemplos de línguas de sujeito nulo parcial o PB, o Marathi e o Finlandês. Para dar conta de línguas como essas, devemos postular que os traços ininterpretáveis [*u*D] e [*u*P] do núcleo T⁰ nessas línguas variam entre fraco e forte, dependendo do contexto. Pode ser que essa variação esteja conectada com algum processo de mudança paramétrica em curso na língua com relação ao parâmetro *pro-drop*. Curiosamente, essa parece ser justamente a situação do PB que, conforme vêm demonstrando os resultados da sociolinguística quantitativa, é uma língua que apresenta, de fato, uma mudança paramétrica em progresso quanto ao parâmetro do sujeito nulo, no momento sincrônico. A prova maior disso pode ser encontrada no fato de que, no PB atual, detecta-se a emergência da ordem [XP V (DP)] em contextos em que a língua não-contemporânea acionaria sujeitos nulos. Em vista disso, o PB e as outras línguas de sujeito nulo parcial possivelmente instanciarão outra possibilidade, conforme mostro pelo quadro abaixo:

QUADRO 7

Natureza dos traços [D] e [P] nas línguas de sujeito nulo parcial

<i>Tipo de Língua</i>	<i>Posição do sujeito</i>	<i>Natureza da força dos traços [D] e [P]</i>	
5	Vazia	<i>uD</i> [forte]	<i>uP</i> [fraco]
	preenchida	<i>uD</i> [fraco]	<i>uP</i> [forte]

Línguas do tipo 5 permitiriam o sujeito figurar foneticamente nulo em determinados contextos; opcionalmente nulo em outros contextos; e, finalmente, sempre preenchido em outros contextos. Vejam que o PB contemporâneo parece justamente ilustrar o tipo 5 de língua acima. Por essa razão, o objetivo do próximo capítulo será investigar como se dá a valoração dos traços [*uD*] e [*uP*] do núcleo T^o, no PB contemporâneo.

5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, apresentamos o modelo de fases, postulado por Chomsky (2005), e a proposta de Holmberg (2000) para a investigação do fronteamto estilístico em algumas línguas escandinavas modernas. Adicionalmente, expomos uma nova forma de analisar o parâmetro do sujeito nulo nas línguas em geral. Nossa proposta é formulada a partir da não-consideração de Agr como o traço definidor do parâmetro *pro-drop*. Na verdade, o que licencia a uma língua a possibilidade de apresentar sujeitos nulos ou plenos é a presença do traço [μ P], que pode ser fraco ou forte, no núcleo T⁰. No próximo capítulo, propomos a derivação dos dados que apresentam a ordem [XP V (DP)], emergente no PB atual.

CAPÍTULO 6: É O PB UMA LÍNGUA DE SUJEITO NULO PARCIAL?

Os dados do PB contemporâneo, exibindo a ordem [XP V (DP)], apontam que essa variante do português se distancia de outras línguas românicas no que se refere à capacidade de apresentar a posição de sujeito foneticamente nula. Não obstante, difere-se, também, de línguas que obrigatoriamente preenchem a posição de Spec-TP em todos os contextos, como o caso do inglês. Como mostrado no capítulo anterior, o PB atual tem sido considerado como uma língua de sujeito nulo parcial (cf. HOLMBERG, 2008). Tomando por base essas características, este capítulo tem por objetivo mostrar que o fato de o PB ser uma língua de sujeito nulo parcial está diretamente conectado com as propriedades morfossintáticas dos traços que compõem o EPP. Mais precisamente, vou assumir que, nesta língua, o traço [uP] pode ser fraco ou forte. Será, portanto, esse fator gramatical que, possivelmente, explica por que essa língua licencia sujeito nulo em certos contextos e sujeito obrigatório em outros. Assumirei, ainda, que a presença de XPs à esquerda do verbo está diretamente relacionada com a mudança na natureza da força do traço [uP] no núcleo T^0 , no PB contemporâneo, o qual passa de fraco a forte. Assim sendo, os XPs à esquerda do verbo situam-se em Spec-TP, com a função de valorar o traço [uP] do núcleo T^0 . Ademais, o

aparecimento de XPs em Spec-TP pode ser descrito como sendo o resultado de *Merge* interno (IM) ou de *Merge* externo (EM). Uma opção ou outra dependerá, evidentemente, do fato de o item ter estatuto de expletivo ou não. Por fim, assumirei que Agr desempenha um papel secundário, já que o parâmetro do sujeito nulo pode ser reinterpretado como tendo relação direta com os traços ininterpretáveis [*uP*] e [*uD*], os quais constituem o que a literatura gerativa dos últimos anos vêm rotulando de EPP.

Este capítulo está organizado da seguinte maneira: na seção 6.1, exponho evidências de que o PB atual realmente deve ser classificado como uma língua de sujeito nulo parcial, a partir da proposta delineada, no capítulo anterior, da fatoração de EPP em dois traços distintos. Na seção 6.2, apresento o processamento da derivação de dados do PB contemporâneo, com a posição de sujeito devidamente preenchida com XPs de natureza semântica diversa. Nessa ocasião, mostro como os traços [*uD*] e [*uP*] são devidamente valorados. Na seção 6.3, apresento as conclusões do capítulo.

6.1 O PB: UMA LÍNGUA DE SUJEITO NULO PARCIAL?

No final do capítulo anterior, propus que os traços [*uD*] e [*uP*] podem vir especificados como sendo fracos ou fortes no PB, conforme ilustra o quadro 7, repetido abaixo como (8):

QUADRO 8

Natureza dos traços [D] e [P] nas línguas de sujeito nulo parcial

<i>Tipo de Língua</i>	<i>Posição do sujeito</i>	<i>Natureza da força dos traços [D] e [P]</i>	
5	Vazia	<i>u</i> D [forte]	<i>u</i> P [fraco]
	Preenchida	<i>u</i> D [fraco]	<i>u</i> P [forte]

Notem que a natureza da força dos traços [*u*D] e [*u*P] do núcleo T⁰ é o que nos permite classificar o PB como sendo uma língua de sujeito nulo parcial (cf. HOLMBERG, 2008). A razão é simples: o PB contemporâneo, diferentemente do PB não-contemporâneo, permite que o sujeito possa figurar opcionalmente nulo em certos contextos e sempre preenchido em outros contextos, conforme mostram os dados a seguir.

OPCIONALMENTE NULO:

(1a) __ Estou com fome.

(1b) ***Eu*** estou com fome.

(2a) __ Tá chovendo pra caramba.

(2b) O tempo tá chovendo pra caramba.

OBRIGATORIAMENTE PREENCHIDO:

(3a) Facilitando o troco com dinheiro trocado, ***você*** não fica parado.

(3b) * Facilitando o troco com dinheiro trocado, __ não fica parado.

(3c) ?? Quando ___ facilita o troco com dinheiro trocado, ___ não fica parado. (leitura ambígua)

(4a) Gnt, **você** vê a diferença.

(4b) *Gnt, ___ vê a diferença.

(5a) **Você** vê muito concreto na tua frente.

(5b) */???? ___ vê muito concreto na tua frente.

(6a) **Lá** vai o Brasil para mais um jogo contra a Argentina³³.

(6b) ???? ___ vai o Brasil para mais um jogo contra a Argentina **lá**.

(6c) ???? ___ vai o Brasil para mais um jogo contra a Argentina.

(7a) Mário não comeu nada hoje.

(7b) * ___ não comeu nada hoje.

(8a) No exterior **você** usa orações subordinadas ou desordenadas.

(8b) *No exterior ___ usa orações subordinadas ou desordenadas.

Conforme se pode notar pelos exemplos acima, parece haver uma gradação de uso do sujeito nulo no PB atual. Em contextos como em (1a/b) e (2a/b), o PB pode apresentar a posição de sujeito vazia ou preenchida. Quando

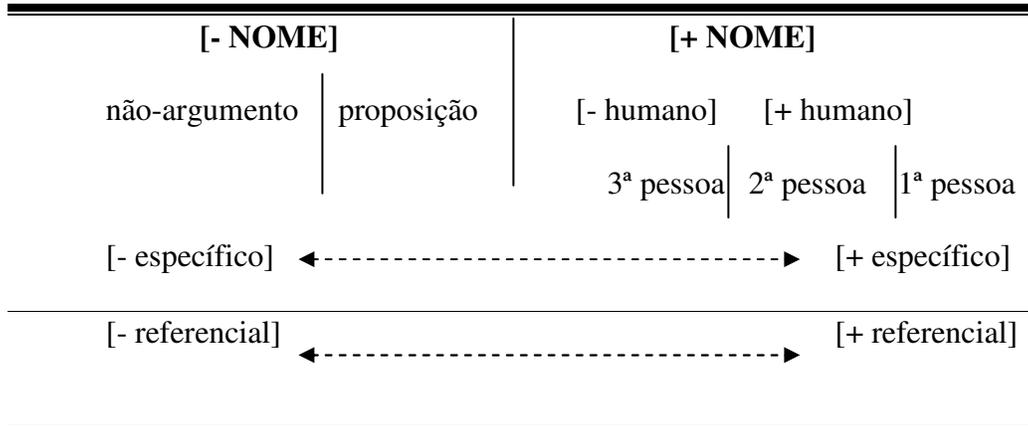
³³ Para Franchi et alii (1998, p.108), citado por Lamoglia Duarte (2004, p.4), “*essas construções ‘têm a particularidade de se ancorarem de um modo generalíssimo em um campo espaço-temporal’ levantando a questão sobre a ‘necessidade de postular essa ancoragem como parte integrante da construção e sobre o que a licencia sintática e lexicalmente’*”. Eles chamam atenção ainda para o fato de PPs locativos e advérbios (*aí* e *lá*) parecerem fazer parte integrante da construção a que se inserem, de tal modo a funcionarem como um argumento adicional.

está vazia, o sujeito nulo pode ser identificado pelo morfema de concordância de 1ª pessoa do singular no verbo. Já em contextos como em (3a), o PB parece exigir o preenchimento da posição de sujeito. Caso não ocorra a ocupação lexical de Spec-TP, como em (3b) e (3c), a leitura da sentença fica agramatical ou degradada. O preenchimento obrigatório pode ser visualizado também nas construções de (4) a (8).

Todavia, o preenchimento lexical da posição de sujeito com verbos flexionados na 1ª pessoa causa um certo estranhamento. Apesar de ser um dos poucos morfemas distinguíveis no paradigma flexional do PB atual, a 1ª pessoa é a que tem aparecido mais frequentemente preenchida. Lamoglia Duarte (1993) observa este fato inusitado. Ao proceder a uma análise de cunho quantitativo, considerando a realização do sujeito pleno (preenchido) no PB, a autora demonstra que o contexto onde há maior aceitação de sujeitos preenchidos é aquele com a 1ª pessoa do singular. Segundo a autora, como já citado anteriormente, “a 1ª pessoa (...) é a que se encontra em mais adiantado estágio de mudança em direção a um sistema não *pro-drop*” (op. cit., p. 123). Esse fenômeno pode ser explicado por meio da “escala de referencialidade”, proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000), conforme se vê abaixo:

FIGURA 1

Escala de referencialidade de Cyrino, Duarte e Kato (2000)



A partir da figura (1), acima, é possível visualizar que os itens mais específicos e mais referenciais encontram-se na periferia direita. Então, o preenchimento da posição de sujeito ocorreria, primeiramente, com as 1ª e 2ª pessoas. Já a 3ª pessoa, por conter os traços [+ específico] e [+ referencial], além dos traços [+ humano] e [- humano], apresentaria maior resistência ao preenchimento. Ainda em relação à 3ª pessoa, Silva (2006) comenta que:

embora já predominem os sujeitos plenos com traços [- humano] e [- específico], é aí que os índices de sujeitos pronominais nulos são mais altos. Os sujeitos não-argumentais, no extremo esquerdo do contínuo, são os mais resistentes à pronominalização por um expletivo lexical (p.39).

O fato de sujeitos [+ referenciais] aparecerem como suscetíveis à ocupação lexical da posição de sujeito nos levam a assumir que Agr, realmente,

não tem efeito sobre o parâmetro do sujeito nulo. Outrossim, este comportamento de preenchimento com concordância distinguível no português do Brasil o aproxima muito de línguas como o islandês, que apresentam concordância forte, embora obriguem a ocupação lexical de Spec-TP. Em suma, o fato de o PB contemporâneo favorecer preenchimento do sujeito, particularmente nos contextos em que há morfemas de primeira pessoa, conforme mostram os resultados quantitativos de Lamoglia Duarte (1993), serve-nos de sustentação adicional a favor da hipótese de que, de fato, Agr não é um fator preponderante no acionamento do sujeito nulo.

Para retomar os dados do PB, repetimos aqui o exemplo (2a) como (9):

(9) ____ Tá chovendo pra caramba.

Neste exemplo, com predicado atmosférico, a posição de sujeito pode ficar nula, sem a presença de um XP foneticamente realizado. Verifica-se, então, que este parece ser um contexto de resistência, pois, conforme alega Holmberg (2008), “com predicados que não têm sujeito theta-marcado, as

línguas *pro-drop* parciais geralmente não têm nenhum sujeito preenchido³⁴,
(p.4)³⁵.

Apesar de Holmberg (2008) não citar, o PB atual apresenta contextos com elementos que parecem expletivizados na posição de sujeito de verbos atmosféricos. Esses, inclusive, são os que o autor arrola como suscitando a obrigatoriedade de não-preenchimento. Todavia, não é o que vemos no dado do português a seguir:

(10) *A chuva tá chovendo forte. Ela chove* sem parar. (CORPUS DE FALA DE ITAÚNA)

O que o dado em (10) nos permite concluir é que o PB contemporâneo tem passado a preencher a posição de sujeito, inclusive em contextos considerados como de sujeito nulo obrigatório. Essa é a situação do predicado em (10), que possui como núcleo um verbo atmosférico. É exatamente esse fato que nos motivou a iniciar esta pesquisa. A hipótese é, então, que o PB atual se encontra em um processo de mudança, onde a ordem [XP V (DP)] começa a

³⁴ Tradução minha. Versão original: “*With predicates which do not have a theta-marked subject the partial pro-drop languages generally have no overt subject.*” (HOLMBERG, 2008, p. 4).

³⁵ Contudo, em nota, o autor observa que, em princípio, expletivos não seriam excluídos da posição de sujeito. O finlandês, por exemplo, emprega um sujeito expletivo em certas construções como uma alternativa para satisfazer ao traço EPP da sentença (cf. HOLMBERG & NIRKANE, 2002, p. 71). Observe:

(1) *Sita leikkii lapsia kadulla.*
EXPL play children in street.
'Children play in street'.

emergir, como nos contextos com verbos impessoais, inacusativos e transitivos com leitura genérica ou indeterminada. Em síntese, a nossa proposta é a de que o português do Brasil começa a apresentar novas estratégias para permitir a valoração do traço EPP. Contudo, diferentemente do inglês e do francês, em contextos com verbos existenciais e atmosféricos, o PB ainda não elegeu itens específicos para figurarem como expletivos. Por essa razão, o que se observa, no PB, é que itens XPs de natureza semântica variada são inseridos na posição de Spec-TP, para satisfazer o traço [uP] do núcleo T^0 . Tomando como referência essas propostas, apresento na próxima seção o mecanismo sintático que permite a derivação da ordem [XP V (DP)] no PB contemporâneo.

6.2 DERIVANDO AS CONSTRUÇÕES COM A ORDEM [XP V (DP)]

Para dar conta do fato de o PB começar a preencher a posição de sujeito, proporei que o surgimento de XPs, sejam eles expletivos ou referenciais, está diretamente conectado com o fato de o núcleo T^0 de sentenças finitas no PB contemporâneo ter sofrido a seguinte mudança paramétrica:

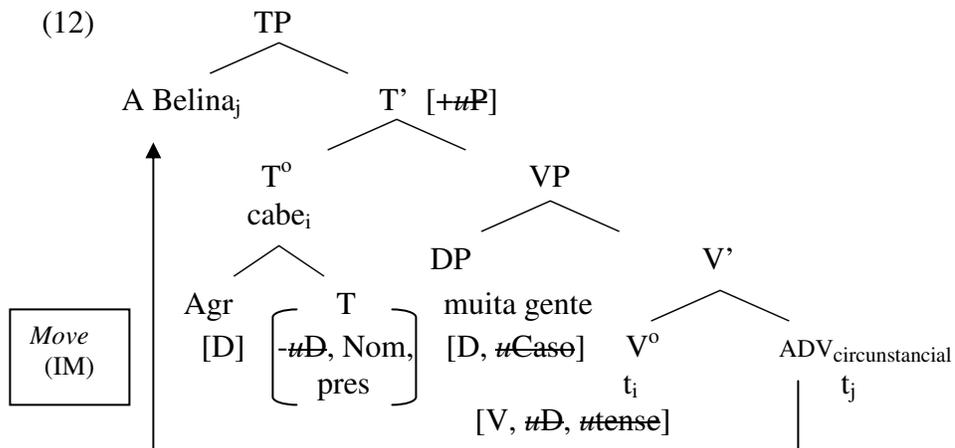
O núcleo T^0 passa a apresentar o traço [uP] forte que precisa ser valorado na sintaxe estrita em construções que não mais apresentam a opcionalidade do sujeito nulo, diferentemente do que ocorre no PB não-contemporâneo.

Como consequência à formulação acima, proporei adicionalmente que a presença de itens XPs em Spec-TP permite a valoração do traço [μ P] do núcleo T^o. É o que será visto, a seguir, nas derivações de construções inacusativas com a posição de sujeito preenchida foneticamente.

6.2.1 DERIVAÇÃO DE CONSTRUÇÕES INACUSATIVAS COM A ORDEM [XP V (DP)]

A derivação da sentença (11), abaixo, ocorre como indicado pela configuração sintática (12).

(11) A *Belina* cabe muita gente. (PONTES, 1987)



Com base na configuração sintática acima, proporei que a derivação ocorre da seguinte maneira: numa primeira operação de *Merge* (EM), o verbo

“caber”, inacusativo, c-seleciona o complemento circunstancial “a Belina”. Acompanhando as intuições de Gomes (2006), assumirei que verbos que contêm o traço [+locativo] c-selecionam um argumento interno de natureza circunstancial, rotulado pela tradição gramatical de complemento circunstancial. Assumiremos, então, que o XP adverbial “a Belina” figura na posição de complemento do verbo inacusativo. Na sequência, o verbo c-seleciona o argumento “muita gente”, para satisfazer o seu traço [*u*D] ininterpretável. Esse argumento, conforme Hale e Keyser (2002), figura na posição de especificador de VP. O VP resultante junta-se ao núcleo T⁰. Em contexto inacusativo, como V⁰ não é capaz de valorar o traço de Caso de seu argumento interno, o DP na posição de Spec-VP, então, terá seu traço de Caso valorado *in situ*, como alvo da sonda T⁰, que possui um traço de Caso nominativo a valorar. O DP em Spec-VP tem seu traço de Caso valorado, nesse momento, como nominativo, por meio da operação AGREE (*Long Distance Agreement*). O núcleo T⁰, nesse contexto, tem traço ininterpretável D_{fraco} e traço ininterpretável P_{forte}. O traço [*u*D] ininterpretável do núcleo T⁰ será, então, valorado pelos traços-*phi* interpretáveis do DP que situa interno a VP. No entanto, o traço ininterpretável [*u*P] do núcleo T⁰ deverá ser valorado por meio do movimento (IM) de uma categoria com matriz fonológica. A categoria mais

suscetível³⁶ para o movimento é o XP adverbial “a Belina”, que se encontra na estrutura como complemento do verbo. A expressão adverbial “a Belina” move-se, então, para a posição de especificador de TP para satisfazer ao traço [*u*P], já que o argumento externo permanece *in situ*. Acompanhando a proposta de Holmberg (2000), assumirei, então, que apenas os traços fonológicos da expressão adverbial se movem. Após essa etapa, o objeto sintático é enviado a *Spellout*, e o resultado final é a interpretação da sentença nos níveis PF e LF.

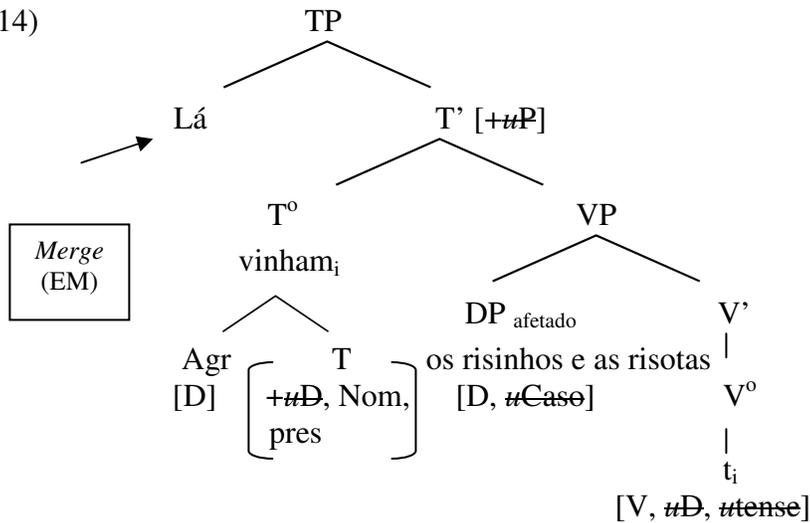
Além da possibilidade da atração dos traços fonéticos de categorias com matriz fonológica para a posição de Spec-TP para valorar o traço ininterpretável [*u*P], há a estratégia de inserção direta de XPs nessa posição. Alguns elementos adverbiais na posição de sujeito assumem características de puros expletivos, como se vê no exemplo (13), abaixo:

(13) ***Lá*** vinham os risinhos e as risotas.

Pela nossa proposta, o advérbio “lá” encontra-se na posição de Spec-TP exclusivamente para valorar o traço [*u*P] do núcleo T⁰, conforme mostra a estrutura sintática a seguir:

³⁶ Segundo Holmberg (2000), existe uma hierarquia de acessibilidade na ocupação da posição de Spec-IP, quando o sujeito não se move. Os “advérbios” e “expressões adverbiais” seriam as categorias privilegiadas na ocupação dessa posição.

(14)

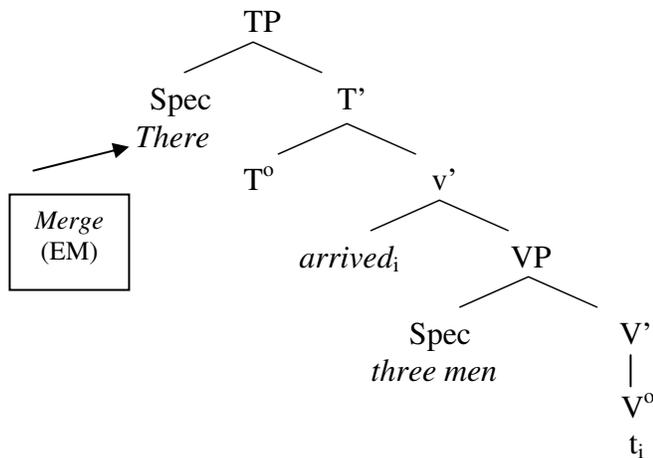


A derivação sintática da sentença acima se processa da seguinte maneira: num primeiro *Merge*, o verbo c-seleciona um argumento com papel-theta de “afetado”, dada sua natureza inacusativa. Neste momento, o verbo valora o seu traço [*uD*], ininterpretável, numa relação local. Como o verbo ainda contém um traço ininterpretável de tempo que precisa ser valorado, ele é deslocado, por *Merge* interno, para o núcleo T°. Este núcleo ainda contém um traço ininterpretável [*uP_{forte}*], que necessita de valoração por meio de inserção de um item na sua posição de especificador. Não obstante, não há, na estrutura, um complemento circunstancial que possa se mover para valorar o traço ininterpretável [*uP*] do núcleo T°. Sem a devida valoração desse traço, a derivação não poderá convergir. Então, o sistema lança mão da operação de *Merge* externo, inserindo o advérbio expletivizado “lá” diretamente na posição de Spec-TP, como uma operação de último recurso para satisfazer ao EPP. Esse

advérbio funciona como um mero expletivo, inserido na posição de sujeito unicamente para valorar o traço ininterpretável [uP] da sonda T^0 .

O fato interessante nessa derivação com *Merge* externo do advérbio “lá” é a comparação que pode ser estabelecida com dados do inglês onde o item “*there*”, expletivo, é também inserido por *Merge* externo em Spec-TP, em contexto inacusativo, para valorar EPP. As derivações dos itens “lá” e “*there*” em muito se assemelham, conforme se observa abaixo, com o exemplo retirado de Kato (2000):

(15) *There arrived three men (...)*



Notem que a única diferença nessa estrutura com relação à configuração em (10) é que, no inglês, o verbo não se move para T^0 . Segundo Kato (2000), “o expletivo *there* do inglês também é inserido em Spec de TP, não para fins de

checagem de traços, mas para satisfazer o EPP”³⁷ (p.120). O PB atual, como não possui itens lexicais unicamente com a função de expletivo, elege outros itens XPs de natureza sintática diversa para permitir a valoração do traço ininterpretável [μ P] da sonda T^o.

Na próxima subseção, analiso as construções impessoais com a posição de Spec-TP preenchida.

6.2.2 DERIVAÇÃO DE CONSTRUÇÕES IMPESSOAIS COM A ORDEM [XP V (DP)]

Nesta subseção, minha intenção é propor uma forma de analisar construções impessoais onde a ordem [XP V (DP)] também começa a se insinuar no sistema gramatical do PB contemporâneo. A proposta aqui delineada abarca as construções com predicados existenciais, atmosféricos e denotadores de passagem de tempo. Optamos por apresentar essas construções em conjunto em razão de podermos propor suas respectivas derivações de maneira análoga. Iniciaremos com as construções que envolvem predicados existenciais. Nos dados que coletamos, há uma grande ocorrência de estruturas com os verbos “haver” e “ter” (no sentido “haver”) com a posição de Spec-TP preenchida. Para dar conta da derivação sintática com predicados dessa natureza semântica, utilizaremos os dados a seguir:

³⁷ Grifo meu.

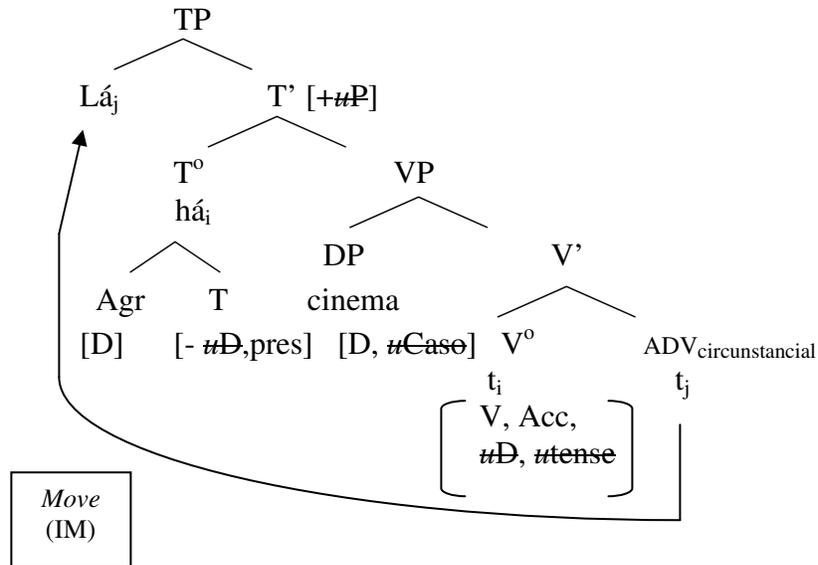
(16) **Lá** há cinema. (FALA ESPONTÂNEA)

(17) **Lá** tinha um trem **lá**. (CORPUS DE FALA DE MATIPÓ)

Propomos, neste contexto, que o advérbio que ocupa a posição de especificador de TP funciona como um verdadeiro expletivo, sendo resultado de *Merge* interno ou de *Merge* externo para essa posição. Segundo Viotti (1999), em construções com “ter”, no lugar de “haver”, há o alçamento do advérbio para o lugar do sujeito. Estendemos esse comportamento do advérbio para as construções com “haver”. Admitiremos, assim, que o núcleo T^0 possui um traço ininterpretável [uP_{forte}] que necessita ser valorado na sintaxe estrita (*narrow syntax*). Por essa razão, os XPs adverbiais figuram na posição de Spec-TP com a finalidade de valorar o traço ininterpretável [uP] da sonda T^0 . Assumindo que esses advérbios equivalem a DPs contendo um traço D, eles podem então valorar o traço [uD] do núcleo T^{038} . Observe a derivação das sentenças a seguir:

³⁸ Assumimos, em nossa proposta, que o núcleo T^0 possui sempre os traços [uD] e [uP], porém, suas respectivas forças podem variar. Nesse sentido, Agr sempre se projeta com um traço [D], capaz de valor o traço [uD] em T^0 . Todavia, segundo Holmberg (2008), Agr, no PB atual, não possui o traço [D]. Para Chomsky (1995), o expletivo tem traço [D], e o o item em Spec-TP procederá à devida valoração de [uD] no núcleo T^0 .

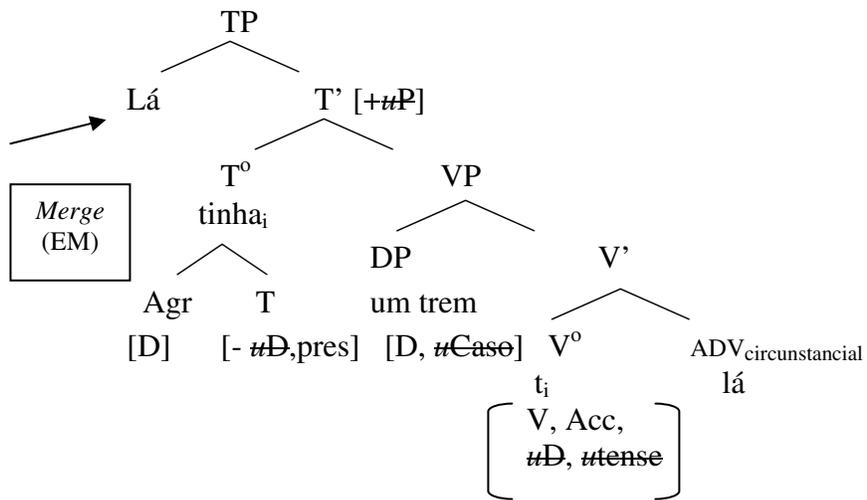
(18) *Lá há* cinema.



Em (18), a derivação ocorre da seguinte maneira: num primeiro *Merge*, o verbo c-seleciona seu complemento circunstancial. Em seguida, c-seleciona o argumento “cinema” e valora seu traço ininterpretável [*u*D]. Neste momento, o traço de Caso do DP é valorado como acusativo. A estrutura resultante é juntada ao núcleo T°. O verbo, no entanto, contém um traço ininterpretável de tempo a ser valorado. Por isso, através de *Merge* interno, ele irá para o núcleo T° para valorar este traço. A sonda T° contém dois traços ininterpretáveis: [*u*D] e [*u*P]. O traço [D], de Agr, valora o traço ininterpretável [*u*D] de T°. Todavia, o traço [*u*P_{forte}] não foi valorado ainda, e necessitará de categoria visível fonologicamente na posição de Spec-TP para proceder à valoração. O advérbio “lá” move-se para Spec-TP e a valoração do traço [*u*P] se efetua.

Já em (19), abaixo, a derivação ocorre de maneira distinta. Vejam:

(19) *Lá tinha um trem lá.*

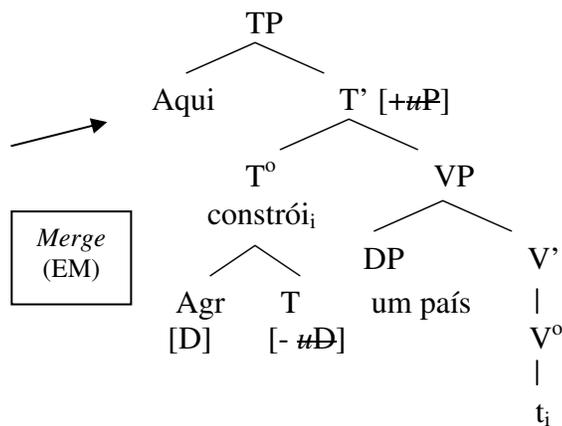


Conforme é possível observar em (19), o item “lá”, na posição de Spec-TP, é um mero expletivo (como *there*, do Inglês), inserido aí por *Merge* externo para valorar o traço ininterpretável [uP_{forte}] da sonda T°. O que nos permite propor que “lá”, em Spec-TP, é um expletivo comum, sem valores semânticos. Por conseguinte, o outro item “lá” é inserido na posição de complemento circunstancial do verbo.

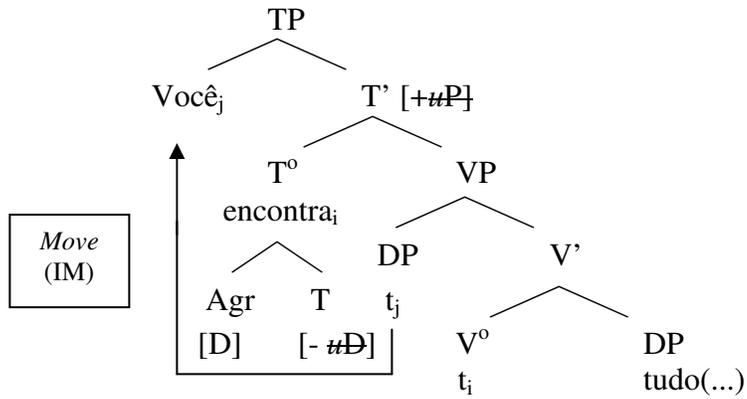
Quanto às sentenças transitivas com leitura indeterminada, postularemos que a derivação acontece da maneira como mostramos até agora. O preenchimento da posição de Spec-TP acontece para a valoração do traço [uP] de T°. As estruturas sintáticas a seguir exemplificam as derivações dessas

construções. Nessas configurações, é possível notar a ocorrência do advérbio aqui e dos pronomes “você” e “eles” com leitura genérica preenchendo a posição de Spec-TP. Assim sendo, em (20), temos o advérbio aqui inserido por *Merge* externo em Spec-TP. Já em (21) e (22), os pronomes você e eles genéricos figuram nesta posição, por meio de *Merge* interno. Nos dados em análise, o aparecimento dos XPs foi motivado para permitir a valoração do traço [*uP*] do núcleo T°. Observe:

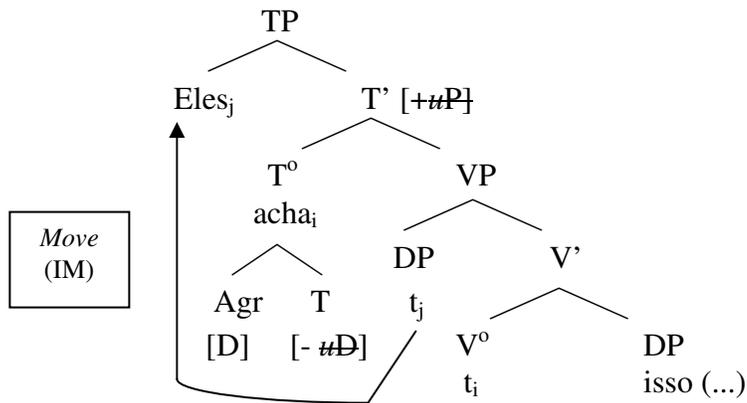
(20) *Aqui* constrói um país.



(21) Você encontra tudo em BH.



(22) Eles acha isso bonito.



É oportuno observar que não é a característica pronominal a condição *sine qua non* para a valoração de EPP. Conforme observam Alexiadou e Anagnostopoulou (1998, p. 520),

(...) a checagem do traço EPP não requer uma categoria específica ou uma série especial dos traços de EPP (por exemplo, aqueles associados com pronomes ou AGR). (...) Parece haver uma evidência interlinguística de que o EPP não é satisfeito apenas por sujeitos. Um caso particularmente claro é a inversão locativa que ocorre em muitas línguas, o Inglês sendo uma delas, e ele semelhantemente desencadeia concordância em línguas Bantu (...). Isto sugere que o traço EPP pode ser checado por mais categorias que aquelas propostas em Chomsky (1995)³⁹.

Essa capacidade de valoração de EPP por itens diferentes do sujeito já foi citada anteriormente, quando demonstramos a presença de itens adverbiais ocupando a posição de especificador de TP.

Consoante o que foi exposto neste capítulo, a ocorrência de XPs de natureza semântica variada na posição de Spec-TP é reflexo de uma das maneiras como o PB atual está disponibilizando a valoração do traço EPP, mais precisamente, do traço ininterpretável [*uP*] do núcleo T⁰. Este fato é condizente com a proposta de Lamoglia Duarte (2004, p.11), segundo a qual,

ao invés de eleger uma única forma pronominal para ocupar a posição de expletivo, como fez o francês, o português do Brasil reorganiza as construções existenciais lançando mão de uma série de pronomes (e itens locativos) para tal fim.

³⁹ Tradução minha: “(...)checking of the EPP feature does not require a specific category or a special set of the EPP features (e.g. those associated with pronouns or AGR). (...) There seems to be a crosslinguistic evidence that the EPP is not satisfied only by subjects. A particularly clear case is locative inversion which occurs in many languages, English being one of them, and it even triggers agreement in Bantu languages (...). This suggests that the EPP feature can be checked by more categories than proposed in Chomsky (1995)” (ALEXIADOU & ANAGNOSTOPOULOU, 1998, p. 520).

Em suma, é coerente concluir que o PB contemporâneo, por ser uma língua com características de línguas de sujeito nulo parcial, está acionando mecanismos diversificados para a valoração do traço [μ P] do núcleo T⁰, particularmente nas construções inacusativas, impessoais e transitivas com leitura indeterminada.

6.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, propusemos as derivações das construções com preenchimento lexical na posição de sujeito no PB atual como o efeito da presença do traço [μ P], que pode ser forte ou fraco, no núcleo T^o. Dessa maneira, o PB contemporâneo começa a apresentar, gradativamente, o aumento da ordem [XP V (DP)] no momento sincrônico, submetendo o uso do sujeito nulo a restrições. Na sequência, apresentamos as considerações finais desta dissertação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, analisamos a emergência da ordem [XP V (DP)] no PB atual e a relacionamos ao fato de essa variante do português estar perdendo a sua propriedade *pro-drop*. Segundo alguns estudiosos, o PB está passando por um processo de mudança no parâmetro do sujeito nulo.

Para a análise da emergência da ordem [XP V (DP)] no PB contemporâneo, propomos a fatoração de EPP em dois traços distintos: [*u*D] e [*u*P]. A força e a devida valoração desses traços é submetida a parametrizações, as quais são responsáveis pelas variações existentes com relação à ocupação da posição de Spec-TP. O PB não-contemporâneo era considerado uma língua *pro-drop* e, por isso mesmo, permitia que a posição de sujeito aparecesse invariavelmente nula. Nesse período, o traço [*u*P] era fraco. O que autorizava essa possibilidade era o fato de Agr ser funcionalmente rica e, por isso, o traço [*u*D] de T⁰ era forte. Agr empobrecendo, o traço [*u*D] se enfraquece, e o traço [*u*P] se fortalece. Dessa maneira, o PB atual começa a preencher lexicalmente posições que, no PB não-contemporâneo, exibiam a posição de Spec-TP foneticamente vazia. Nesse sentido, realmente, em consonância com Holmberg (2008), podemos considerar o PB, nos dias hodiernos, como uma “língua de sujeito nulo parcial”.

A proposta teórica aqui apresentada também favorece a análise do sujeito nulo de forma mais consistente, já que dá conta de explicar as variações interlinguísticas referentes ao seu acionamento. Ao atribuir a possibilidade de presença/ausência de sujeitos nulos à relação que pode ser estabelecida entre os traços [μ D] e [μ P] de T^0 , como constitutivos de EPP, excluímos, até certo ponto, as divergências encontradas nos estudos de alguns linguistas no que concerne à instituição de Agr como o traço determinante deste fenômeno. Em nossa análise, Agr desempenha uma função “secundária” no licenciamento de sujeitos nulos. Evidência a favor dessa hipótese, especificamente no nosso estudo do PB atual, veio do fato já observado por outros linguistas no que concerne à alta ocorrência de sujeitos preenchidos com 1ª pessoa do singular. Essa pessoa do discurso é a única que apresenta morfologia flexional de pessoa distinta e, no entanto, restringe a ocorrência de sujeitos nulos. Com preenchimento lexical da posição de Spec-TP, é possível correlacionar o PB atual com outras línguas, como o islandês, que, a despeito de morfologia de pessoa rica, obrigatoriamente apresentam a posição de sujeito ocupada por elemento foneticamente realizado.

Ao considerar que o que engatilha o preenchimento efetivo da posição de sujeito é o traço [μ P_{forte}], explicamos por que outras categorias, nem sempre D-marcadas, figuram nessa posição. Isto é, se este é um traço que requer apenas

o preenchimento fonológico da posição de Spec-TP, qualquer categoria pode ocupar essa posição.

Com esta pesquisa, conseguimos dar conta de responder satisfatoriamente aos questionamentos levantados para investigação. No entanto, não estão esgotadas as possibilidades de análise da emergência da ordem [XP V (DP)] no PB contemporâneo, já que essa variante se encontra num “processo” de mudança, rumo a assumir outras características de línguas de sujeito obrigatório. Tampouco cessamos a investigação sobre o fenômeno do sujeito nulo. Este tema ainda precisa de mais estudos apurados, principalmente no que se refere à emergência de itens expletivizados na periferia esquerda das sentenças do PB contemporâneo. Esperamos, não obstante, que nosso trabalho tenha contribuído, pelo menos, no sentido de suscitar investigações futuras.

*O correr da vida embrulha tudo.
A vida é assim: esquentada e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem.*

João Guimarães Rosa

REFERÊNCIAS

ADGER, D. *Core Syntax: a minimalist approach*. New York: Oxford University Press, 2003.

ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E. *Parametrizing AGR: word order, V-movement, and EPP-checking*. *Natural Language & Linguistic Theory* 16, 1998. Pp. 491-539.

BELETTI, A. “Verb positions: evidence from Italian”. In: LIGHTFOOT, D.; HORNSTEIN, N. *Verb Movement*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

BERLINCK, R. A. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In F. Tarallo (org.) *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas, SP: Pontes, Editora da UNICAMP. 95-112, 1989.

_____; AUGUSTO, M.R. A.; SCHER, A.P. “Sintaxe”. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (orgs.) – *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*, v.1 – 4ª ed. – São Paulo: Cortez, 2004.

BOBALJIK, J. D. Where’s Φ . Agreement as a post-syntactic operation. In Marjo van Koppen *et al.* (Eds.), Special Issue of *Leiden Papers in Linguistics* 3.2, p. 1-23, 2006.

CABANA, N.M. *Da Realização do Sujeito no Português do Brasil: Um estudo em Tempo Real do uso do Sujeito Nulo na fala de Belo Horizonte/MG*. FALE/UFMG, 2004. Dissertação de Mestrado.

CALABRESE, A. “Pronomina: some properties of the Italian pronominal system”. In: FUKUI, N., RAPOPORT, T. & SAGEY, E. (orgs.). *MIT Working Papers in Linguistics*, 8. 1986. P. 1-46.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

_____. *Knowledge of Language: its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger, 1986.

_____. *Lectures on Government and Binding: The Pisa Lectures*. Mouton de Gruyter – Berlin - New York, 1993.

_____. *The Minimalist Program*. Cambridge: The MIT Press, 1995.

_____; LOBATO, L. *Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas*. Brasília: Ed. UnB, 1998.

_____. Derivation by Phase. In: Kenstowicz, Michael (ed.) *Ken Hale. A Life in Language*, Cambridge, Mass.: MIT Press, 1999, p. 1-52.

_____. *On Phases*. Ms. MIT, Cambridge, MA. 2005.

CIRÍACO, L; VITRAL, L; REIS, C. Intensidade e duração de formas reduzidas no Português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v.12, n.2, p.145-157, jul./ dez.2004.

COELHO, I.L. *A ordem V DP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica*. Tese de doutorado, UFSC,2000.

COOPMANS, P. “Comments on the paper by Ouhalla”. In: LIGHTFOOT, D.; HORNSTEIN, N. *Verb Movement*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

CORRÊA, L.T. *A forma clítica de pronome pessoal no dialeto mineiro: uma variante sociolinguística*. 1998. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 1998.

CUNHA, L. F.; CINTRA, L.. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CYRINO, S. M. L. “Observações sobre a Mudança Diacrônica no Português do Brasil: objeto nulo e clíticos”. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (orgs). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed.da UNICAMP, 1996.

_____; LAMOGLIA DUARTE, M.E.L. & KATO, M.A. “Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese”. In: KATO, M.A. & NEGRÃO, E.V.

(orgs.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-IberoAmericana, 2000, pp. 55-73.

DINIZ, C. R. *Eu te amo você: o redobro de pronomes clíticos sob uma abordagem minimalista*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras da UFMG: Belo Horizonte, 2007.

DUARTE, F. B. Caso, Função sintática e Papéis Temáticos. In: *Revista DUC In Altum*, Muriaé, Faculdade de Santa Marcelina, v.6, n.1, 2006.

_____. *Estudos de morfossintaxe Tenetehára*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

_____; RAMOS, J.. *Ordem de Constituintes, Conteúdo de Traços-phi e Mudança Gramatical no PB*. Belo Horizonte: UFMG, Nupevar, 2005, ms.

_____. *Distribuição de pronomes fortes, fracos e afixos em línguas de sujeito nulo*. Revista do GEL (Araraquara), v.1, pp. 31-56, 2008.

_____. *Fonte de valoração do Caso ergativo e do Caso absoluto em línguas indígenas brasileiras*. Linguística (PPGL/UFRJ), 2008.

FARACO, C.E.; MOURA, F. M. *Língua e Literatura*. São Paulo, SP: Ed. Ática, 1999.

FIGUEIREDO SILVA, M.C. *A Posição Sujeito no Português Brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

GALVES, C.M.C. “O Enfraquecimento da Concordância no Português Brasileiro”. In: ROBERTS, I.; KATO, M.A. *Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica*. 2ª ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.

_____. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

GOMES, D. K. *A ordem dos circunstanciais temporais e locativos em cartas dos séculos XIX e XIX*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras da UFRJ: Rio de Janeiro, 2006.

HALE, K.; KEYSER, J. *Aspect and the syntax of argument structure*. MIT, 1993, m.s.

_____. *Prologomenon to a Theory of Argument Structure*. Cambridge: MIT Press, 2002.

HOLMBERG, A. *Scandinavian Stylistic Fronting: How Any Category Can Become an Expletive*. *Linguistic Inquiry*, v. 31, n. 3, 2000).

_____; NIRKANE, U. "Expletives, Subjects, and Topics in Finish". In: SVENONIOUS, P. *Subjects, Expletives, and the EPP*. New York: Oxford University Press, 2002.

_____; NAYUDU, A.; SHECHAN, M. *Three Partial Null-Subject Languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi*. *Studia Linguistica* 63(1), 59-97, 2008.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HUANG, C. T. J. *On the distribution and the reference of empty categories*. *Linguistic Inquiry* 15: 531-574.

KATO, M.A. *Strong pronominals in the null subject parameter*. *Probus*, 11, 1999, p.1-37.

_____. A restrição de monoargumentalidade na ordem VS no Português do Brasil. *Fórum Linguístico*. Vol 2,1:97-128. Florianópolis, UFSC, 2000b.

KISS, K. É. *Two positions in English*. *The Linguistic Review* 13, 1996. Pp. 119-142. In: SVENONIUS, 2002.

KURY, A. G. *Novas Lições de Análise Sintática*. Fundo de Cultura: 1993.

LAMOGLIA DUARTE, M.E. "Do Pronome Nulo ao Pronome Pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil". In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (orgs). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed.da UNICAMP, 1993.

_____. *A Perda do Princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro*. Campinas: UNICAMP, 1995. Tese de Doutorado.

_____. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, M.C.; LAMOGLIA DUARTE, M.E. (Orgs). *Mudança Linguística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003a.

_____. “O Sujeito Expletivo e as Construções Existenciais”. In: RONCARATTI *et.al.* (orgs). *Português Brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7. Letras, 2003b.

LIMA, A. *Da Representação do Sujeito no Português do Brasil: A Perda do Princípio “Evite Pronome” e a Escrita Escolar*. FALE/UFMG, 2003. Dissertação de Mestrado.

LOPES, R. E. V. *O que a aquisição inicial da sintaxe revela sobre parametrização? O caso dos objetos e estruturas afins*. Letras de Hoje, v. 42, p. 77-96, 2007.

MAIA, F.P.S. *A Variação Nós/A Gente no dialeto mineiro: investigando a transição*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras da UFMG: Belo Horizonte, 2003.

MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M.C.; LOPES, R.W.V. *Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 1999.

MODESTO, M. *Sujeitos Nulos em Línguas de Tópico Proeminente*. São Paulo: Revista da Abralín, vol. III, n. 1 e 2, pp. 121-148, 2004.

NICOLAU, E.M.D. *As Propriedades de Sujeito Nulo e Ordem V-S no Português Brasileiro*. Campinas: UNICAMP, 1995. Tese de Doutorado.

_____. “Resultado de Análises Quantitativas da representação do sujeito no PB: indícios de uma nova gramática?” In: *Revista de Estudos da Linguagem*, nº 5, ano 6, v. 1. FALE/UFMG, 1997.

OUHALLA, J. “Verb movement and word order in Arabic”. In: LIGHTFOOT, D.; HORNSTEIN, N. *Verb Movement*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

PAREDES SILVA, V. L. *Cartas cariocas: A variação do sujeito na escrita informal*. Tese de doutorado, Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.

_____. Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal: uma análise em tempo real. In: PAIVA, Maria da Conceição; LAMOGLIA DUARTE, Maria Eugênia (Orgs). *Mudança Linguística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

PILLAR BARBOSA, P. *A Propriedade do Sujeito Nulo e o Princípio da Projecção Alargado*. In: "Sujeitos Nulos, o PPA e a Subida Generalizada do Verbo". Comunicação apresentada no XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1997.

PONTES, E. *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

RADFORD, A. *Syntactic Theory and the Structure of English: A Minimalist Approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____. *English Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

RAMOS, J. O uso das formas Você, Ocê e Cê no dialeto mineiro. In: DA HORA (Org). *Diversidade Linguística no Brasil*. João Pessoa, PB, 1997.

_____. A alternância entre "não" e "num" no dialeto mineiro: um caso de mudança linguística. In: COHEN, Maria Antonieta; RAMOS, Jânia Martins. *Dialeto mineiro e outras falas: estudos de variação e mudança linguística*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras / UFMG, 2002. p.156-157.

RAPOSO, E. P. *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa, Editorial Caminho: 1992.

_____. *O Programa Minimalista*. Lisboa, Caminho, 1999.

RITTER, J. Citado em: VITRAL. L. T.; RAMOS, J. Sintaxe formal e gramaticalização: roteiro de uma pesquisa. In: NICOLAU, E. (Org). *Estudos sobre a estrutura gramatical da linguagem*. Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2001a.

RIZZI, I. *Null Subjects in Italian and the Theory of pro*. *Linguistic Inquiry*: 17:3, 501-558, 1986.

_____. *The new comparative syntax: principles and parameters of universal grammar*. 1988

ROBERTS, I. “O Português Brasileiro no contexto das línguas românicas”. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (orgs). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed.da UNICAMP, 1993.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática Normativa da Língua Português*. Rio de Janeiro: José Olympio Ed. (40a. Edição), 2001.

SANTANA, A. S. A. L. . “Os emergentes do idioma”. *Revista Língua Portuguesa*, pp. 28-32, 05 jun. 2007.

SANTOS, A.R. *Metodologia Científica: a construção do conhecimento*. – 3ª ed. – Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

SIGURÐSSON, H. *Argument-drop in Old Icelandic*. *Língua* 89:247-280.

SILVA, C.R.T. *A Natureza de Agr e suas implicações na ordem V-S: um estudo comparativo entre o Português Brasileiro e o Português Europeu*. Dissertação de Mestrado: UFAL, Maceió, 2004.

SILVA, H.S. *O Parâmetro do Sujeito Nulo: confronto entre o Português e o Espanhol*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras da UFRJ: Rio de Janeiro, 2006.

SOUZA, E. M. *O uso do pronome ‘eles’ como recurso de indeterminação do sujeito*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2007.

SVENOVIVUS, P. *Subjects, Expletives, and the EPP*. New York: Oxford University Press, 2002.

TARALLO, F. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*, University of Pennsylvania, PhD dissertation, 1983.

_____. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

_____. “Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d’aquém e d’além-mar ao final do século XIX”. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (orgs).

Português Brasileiro: uma viagem diacrônica. Campinas: Ed.da UNICAMP, 1993.

TORRES MORAIS, M.A.C.R. “Aspectos diacrônicos do movimento do verbo, estrutura da frase e caso nominativo”. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (orgs). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed.da UNICAMP, 1996.

TRUJILLO, A. *Metodologia da Ciência*. 3ª ed. - Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.

VIKNER, S. “Finite verb movement in Scandinavian embedded clauses”. In: LIGHTFOOT, D.; HORNSTEIN, N. *Verb Movement*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

VIOTTI, E. A Sintaxe das Sentenças Existenciais do Português do Brasil. Tese de Doutorado. Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, SP, 1999.

_____. Sobre o efeito de definitude nas sentenças existenciais. *Revista do GEL: Grupo de estudos linguísticos do estado de São Paulo*. São Paulo, Contexto, 2002.

VITRAL, L. A forma Cê e a noção de gramaticalização. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v.1, n.4, p.115-124, jan./jun.1996.

_____. Identificando clíticos: evidências fonéticas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001b. Inédito.

_____. A interpolação de Se e suas consequências para a teoria da cliticização. *Revista da Abralin*, v.1, n.2, p.161-197, dez. 2002.

_____. A evolução do SE reflexivo em português na perspectiva da gramaticalização. In: LOBO, Tânia *et al* (Orgs.). *Para a história do português brasileiro*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2006b, v. 6, p. 107-133.

_____; RAMOS, J. Gramaticalização de “você”: um processo de perda de informação semântica? *Filologia e Linguística Portuguesa*. v.3. São Paulo, Humanitas Publicações, 1999.

_____; RAMOS, J. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.

WILLIAMS, E. "A reinterpretation of evidence for verb movement in French". In: LIGHTFOOT, D.; HORNSTEIN, N. *Verb Movement*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.